

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI Mestrado  
Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente (SaSA)  
Renata Maria Moreira da Silva Cordeiro

**O COTIDIANO DAS INTERNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM  
JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA NA DÉCADA DE 1950**

Diamantina – MG  
2020

Renata Maria Moreira da Silva Cordeiro

O COTIDIANO DAS INTERNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM  
JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA NA DÉCADA DE 1950

Dissertação apresentada ao programa de Pós  
Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente da  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha  
e Mucuri como requisito para obtenção do título  
de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Herton Helder Rocha Pires

Coorientador: Prof. Dr. João Victor Leite Dias

Diamantina – MG

2020

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C794c Cordeiro, Renata Maria Moreira da Silva  
O cotidiano das internas da Escola Normal Rural Regional Dom  
Joaquim Silvério de Souza na década de 1950 / Renata Maria Moreira  
da Silva Cordeiro, 2020.  
127 p.: il.

Orientador: Herton Helder Rocha Pires  
Coorientador: João Victor Leite Dias

Dissertação (Mestrado– Programa de Pós Graduação em Saúde,  
Sociedade e Ambiente) - Universidade Federal dos Vales do  
Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2020.

1.Práticas pedagógicas. 2. Formação de professores. 3. Escola rural.  
4. Diário. 5. Política de educação rural. I. Pires, Herton Helder  
Rocha. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do  
Jequitinhonha e Mucuri.

**CDD 370.71**

Ficha Catalográfica – Sistema de Bibliotecas/UFVJM  
Bibliotecária: Viviane Pedrosa – CRB6/2641

RENATA MARIA MOREIRA DA SILVA CORDEIRO

**O COTIDIANO DAS INTERNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM  
JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA NA DÉCADA DE 1950**

Dissertação apresentada ao  
MESTRADO EM SAÚDE, SOCIEDADE  
E AMBIENTE, nível de MESTRADO  
como parte dos requisitos para  
obtenção do título de MESTRA EM  
SAÚDE, SOCIEDADE E AMBIENTE.

Orientador (a): Prof. Dr. Herton Helder  
Rocha Pires

Data da aprovação : 30/03/2020

Prof.Dr. HERTON HELDER ROCHA PIRES - UFVJM

Prof.Dr.<sup>a</sup> DAISY DE REZENDE FIGUEIREDO FERNANDES - UFVJM

Prof.Dr. HARRIMAN ALEY MORAIS - UFVJM

Prof.Dr. HELDER DE MORAES PINTO - UFVJM

DIAMANTINA

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me dar força e saúde para perseguir meus objetivos e por me dar a oportunidade de cumpri-los.

A minha mãe, meu esposo e filha, por confiarem em minhas habilidades e me motivarem a continuar, apesar das adversidades.

Ao meu orientador Herton, por sua paciência, dedicação, compreensão e companheirismo.

A todos os professores do programa de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

E a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para realização deste trabalho.

## O COTIDIANO DAS INTERNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA NA DÉCADA DE 1950

### RESUMO

A Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, instalada no distrito de Conselheiro Mata, no município de Diamantina, tinha como objetivo formar professoras primárias para a educação rural na década de 1950. A Escola tinha como proposta a formação completa das alunas, desenvolvendo desde sua capacidade intelectual até a construção de hábitos, com o objetivo de ampliar o universo cultural das mesmas, preconizando o seu retorno ao meio rural. Tendo em vista o diferencial da metodologia utilizada, essa dissertação buscou entender como era a rotina das alunas frente a uma proposta que trazia inovações pedagógicas na sua prática no período de 1950 a 1954. Com essa finalidade, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro apresentou uma reflexão sobre a formação das alunas e as práticas pedagógicas utilizadas na escola, baseada em quatro pesquisas com temas concernentes à Instituição, permitindo entender também o contexto da implantação da mesma. Foram identificadas e analisadas 14 categorias de práticas, onde o trabalho em equipe era a base do desenvolvimento de todas. O segundo buscou o conhecimento e entendimento do cotidiano das alunas, baseado nos diários, que eram o registro das atividades rotineiras, escritos pelas alunas e considerados parte de uma prática pedagógica inovadora. Constatou-se uma rotina de afazeres e horários rígidos, divididos entre tarefas escolares, domésticas e extraclasse, bem como a presença da fé no dia a dia da Instituição. Por fim, o terceiro capítulo dispõe sobre depoimentos de ex-alunas do educandário, coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, onde as informações contidas nos diários foram reafirmadas e/ou complementadas, além de revelar algumas particularidades até então não registradas, principalmente relacionadas à saúde. Pela análise de conteúdo dos relatos, foi percebido oito categorias de falas de sentido comum, onde algumas ratificavam a preocupação da escola com aspectos de saúde das próprias alunas e do aprendizado, uma vez que seriam responsáveis pela melhoria de vida do meio rural por meio da educação e da saúde.

**Palavras chave:** práticas pedagógicas; formação de professores; escola rural; diário; política de educação rural.

## **THE DAILY LIVES OF INTERNAL STUDENTS AT DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA REGIONAL RURAL NORMAL SCHOOL IN 1950S**

### **ABSTRACT**

The Dom Joaquim Silvério de Souza Regional Rural Normal School, installed at the district of Conselheiro Mata, Diamantina city, had as its goal form rural primary teachers for rural education in the 1950s. The school's purposal was to provide complete formation for its students, developing both their intellectual capacity and habits construction in order to expand their cultural universe, encouraging their return to rural areas. Because of there was a differential in the methodology applied, this study sought to understand how the students routine was like in front of the pedagogical innovations purposed from 1950 to 1954. To make this accomplished, the work was divided into three chapters. The first one presented a reflection on the students training and pedagogical practices used in the school, that was based on four researches with themes concerning to the institution, allowing also to understand its implementation context. This section identified and analyzed fourteen practices categories and all them had teamwork as development basis. The second chapter was about knowing and understanding the students daily lives, based on diaries, a routine activities register, written by themselves as a part of the innovative pedagogical practice. The diaries showed there was a rigid routine of to do's and schedules, shared between school, domestic and extracurricular tasks, beside the presence of faith in the institution's daily life. Already in the third part were analyzed testimonials of institution ex-students, collected by semi-structured interviews, through which the diaries information was reaffirmed and/or complemented and new peculiarities were discovered, mainly related to students health habits. Eight categories of same type speech were perceived in the testimonials content analysis and some of them ratified the school's concern about aspects of students own health and learning, as they would be responsible for improving rural life by means of education and health.

**Keywords:** pedagogical practices; teacher training; rural school; diary; rural education policy.

## **LA VIDA DIARIA DE ESTUDIANTES INTERNAS EN LA ESCUELA REGIONAL RURAL NORMAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA EN LOS AÑOS 50**

### **RESUMEN**

La Escuela Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, instalada en el distrito de Conselheiro Mata, ciudad de Diamantina, tenía como objetivo formar maestros primarios rurales para la educación rural en la década de 1950. La propuesta de la escuela era proporcionar una formación completa para sus estudiantes, desarrollando tanto su capacidad intelectual como la construcción de hábitos para expandir su universo cultural, alentando su regreso a las zonas rurales. Debido a que había un diferencial en la metodología aplicada, este estudio buscó comprender como era la rutina de las estudiantes frente a las innovaciones pedagógicas propuestas entre 1950 y 1954. Para lograr esto, el trabajo se dividió en tres capítulos. El primero presentó una reflexión sobre la formación de los estudiantes y las prácticas pedagógicas utilizadas en la escuela, que se basó en cuatro investigaciones con temas relacionados con la institución, permitiendo también comprender su contexto de implementación. Esta sección identificó y analizó catorce categorías de prácticas donde todas tenían el trabajo en equipo como base de desarrollo. El segundo capítulo buscó conocer y comprender la vida cotidiana de las estudiantes, basada en diarios, un registro de actividades de rutina, escrito por ellas mismas como parte de la práctica pedagógica innovadora. Los diarios mostraron que había una rutina rígida de tareas y horarios, compartidos entre las tareas escolares, domésticas y extracurriculares, además de la presencia de la fe en la vida diaria de la institución. Ya en la tercera parte se analizaron testimonios de ex alumnas de la institución, recopilados mediante entrevistas semiestructuradas, a través de las cuales se reafirmó y / o complementó la información de los diarios y se descubrieron nuevas peculiaridades, principalmente relacionadas con la salud. En el análisis de contenido de testimonios se percibieron ocho categorías del mismo tipo de discurso y algunas de ellas ratificaron la preocupación de la escuela sobre aspectos de la salud y aprendizaje de los estudiantes, ya que serían responsables de mejorar la vida rural a través de la educación y la salud.

**Palabras clave:** prácticas pedagógicas; formación del profesorado; escuela rural; diario; política de educación rural.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO GERAL</b> .....	<b>9</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>13</b>

### **CAPÍTULO I**

<b>A ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA, NO DISTRITO DE CONSELHEIRO MATA, MUNICÍPIO DE DIAMANTINA, MINAS GERAIS: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS NA DÉCADA DE 1950</b> .....	<b>14</b>
RESUMO.....	15
ABSTRACT.....	16
RESUMEN.....	17
INTRODUÇÃO.....	18
MATERIAIS E MÉTODOS.....	21
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

### **CAPÍTULO II**

<b>O COTIDIANO DAS ALUNAS INTERNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA, NO DISTRITO DE CONSELHEIRO MATA: A ESCRITA DOS DIÁRIOS</b> .....	<b>37</b>
RESUMO.....	38
ABSTRACT.....	39
RESUMEN.....	40
INTRODUÇÃO.....	41
MATERIAIS E MÉTODOS.....	43
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	62

### **CAPÍTULO III**

<b>QUESTÕES DE SAÚDE QUE ENVOLVIAM A VIDA E O APRENDIZADO DAS ALUNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA, DISTRITO DE CONSELHEIRO MATA, MUNICÍPIO DE DIAMANTINA, MINAS GERAIS, NA DÉCADA DE 1950.....</b>	<b>65</b>
RESUMO.....	66
ABSTRACT.....	67
RESUMEN.....	68
INTRODUÇÃO.....	69
MATERIAIS E MÉTODOS.....	71
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA I.....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA II.....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE D – ENTREVISTA III.....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXO I – PARECER COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI.....</b>	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO GERAL

Na década de 1930, a expansão do capitalismo no Brasil encontra no populismo sua força política e a educação se torna a primeira área de debate, pois segundo Oliveira (2003), o país precisava de um governo populista para mudar a forma de acumulação de capital, substituindo o modelo de desenvolvimento agroexportador para a industrialização, principalmente por serem considerados como países de terceiro mundo aqueles que apresentam um subdesenvolvimento da forma dos meios de produção, por isso a busca da modernização para o desenvolvimento.

Com as transformações ocorridas no mundo, como as grandes guerras mundiais, o Brasil precisou mudar de uma sociedade basicamente agrícola para uma sociedade industrial. As cidades se tornaram referência de comportamentos sociais e culturais. Sendo assim, a cidade passou a ser vista como local de modernização e o meio rural como local de atraso, ignorância e ausência de desenvolvimento (ALMEIDA, 2011). Assim os processos de urbanização e a industrialização arrastaram, cada vez mais, a população do campo para as cidades na busca de diferentes condições de vida.

De acordo com Souza (1999), o avanço do capitalismo, diante da exigência de mão de obra qualificada para as novas funções, a renovação das propostas educacionais e profissionais dos trabalhadores urbanos se torna necessário, como também uma reorientação do trabalhador rural, quando as tecnologias chegassem ao campo.

O mundo urbanizado passou a ser o condutor e a referência das decisões políticas e econômicas na construção de novos processos culturais (ALMEIDA, 2011). Segundo o autor, o deslocamento crescente do meio rural para o urbano gerou conflitos entre os valores e referências das populações, pois as cidades cresciam sem planejamento e não havia emprego para todos, isolando nas periferias das cidades os marginalizados e excluídos socialmente. Começava, assim, a necessidade de se pensar em estratégias para que a população permanecesse no campo, buscando, então, desenvolver uma educação que reforçasse os valores camponeses, procurando fixar o homem do campo em seu meio. Tanuri (2000) ressalta que o movimento ruralista enfatizava a escola como instrumento de fixação do trabalhador rural no campo.

Um grupo da elite intelectual e política rural e urbana, que defendia a vocação agrícola para o desenvolvimento do Brasil e, sob a discussão da grande migração, acreditava que a escola rural deveria valorizar a cultura do meio rural, por meio de uma estrutura e um programa escolar específico, permitindo que a população conseguisse conhecer e aproveitar todas as suas possibilidades econômicas e sociais (PINHO, 2009).

Segundo Neves (2015), diante o atraso econômico do Estado e visando a modernização regional, foi criado, na década de 1940, um plano de recuperação econômica que contemplava uma proposta voltada para as escolas rurais em Minas Gerais, que foi concretizada com a criação dos cursos de aperfeiçoamento de professores na Fazenda do Rosário em Ibirité e na Escola Normal Regional Rural Dom Joaquim Silvério de Souza em Conselheiro Mata, município de Diamantina. As normalistas teriam uma formação diferenciada e se tornariam especialistas em educação rural, preparadas para disseminar conhecimentos e valores capazes de desacelerar o êxodo rural mineiro e melhorar a qualidade de vida no campo.

Assim o governador Milton Campos, em 24 de novembro de 1948, criou a Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, no distrito Conselheiro Mata, sob a supervisão da psicóloga Helena Antipoff. Constituída com a finalidade de promover um conhecimento de saberes e práticas culturais para uma renovação e valorização da vida rural, por meio de inovações pedagógicas das quais podem se destacar os clubes e grêmios estudantis e a elaboração de diários escolares. Essas práticas representam o imaginário científico para essa escola normal, fundamentada nos princípios da escola nova, que tem uma pedagogia ativa, de cunho psicológico, ancorada na experiência e experimentação, no aprender fazendo (NEVES, 2015).

A Escola foi instalada em uma região pobre e sofrida pelo movimento do êxodo rural (SOUZA, 2010), onde a motivação para migrar estava na necessidade de complementação da subsistência, por meio do assalariamento em outras regiões do Brasil. Os homens saíam de casa para os grandes centros urbanos, deixando as mulheres no cuidado da produção familiar e as crianças eram obrigadas a se ausentarem da escola (quando e onde existia) nas épocas de plantio e colheita, para ajudar nas atividades de sustento da família. Nesse contexto, a evasão escolar nas zonas rurais se destacava e era atribuída a fatores como o calendário escolar que não acompanhava o agrícola, o currículo que não atendia às necessidades da região, a irregularidade no fornecimento de merenda escolar e as instalações inadequadas às altas

temperaturas registradas no verão, além de ser uma região pouco povoada, onde as pessoas não tinham o hábito de frequentar a escola (NEVES, 2015).

A escola normal foi instalada em um prédio de propriedade da Igreja Católica, construído na década de 1920 pelo então bispo de Diamantina, D. Joaquim Silvério de Souza, para fins de repouso dos padres e alunos do Seminário de Diamantina. Tinha um lugar de destaque na topografia local e que, estrategicamente, estava situado às margens da Estrada de Ferro Central do Brasil, que ligava Diamantina, Corinto, Curvelo e Belo Horizonte, o que facilitaria a circulação das professoras para frequentarem o curso de aperfeiçoamento (DIAS, 2017).

De acordo com Neves (2015), a Escola tinha a responsabilidade de formar a personalidade de suas alunas e de desenvolver suas capacidades intelectuais, utilizando como facilitador o formato do sistema de internato, já que o tempo deveria ser controlado para melhor utilização e aproveitamento do aprendizado, funcionando também como uma forma de controlar as relações, o espaço e as normalistas.

Este estudo se propõe a investigar questões de saúde no aprendizado das normalistas da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, e, para tanto, utilizou uma pesquisa bibliográfica, documentos históricos e uma entrevista semiestruturada com ex-alunas da escola. Foi necessário realizar o levantamento da história da escola, conhecer o cotidiano das alunas por meio da leitura e análise de diários escritos por elas, bem como investigar as questões de saúde que envolvia a vida e o aprendizado das normalistas. Todo esse processo tornou-se necessário para levantar como o processo de formação das normalistas na Escola Normal Regional Rural Dom Joaquim Silvério de Souza se constituía em relação aos conhecimentos, metodologia e valores, ou seja, à sua preparação para a inserção no meio rural, uma vez que, além de conter o êxodo rural, deveriam transmitir conhecimentos agrícolas e de higiene rural. Teriam que saber conviver e respeitar a cultura já existente no campo, além de ensinar às pessoas do meio rural a se valorizarem. A pesquisa busca, também, entender e avaliar se os conhecimentos e experiências vividas pelas alunas e relatadas nos diários tiveram aplicabilidade e se foram eficazes no alcance da fixação e melhoria da qualidade de vida do homem do campo pela educação.

Para tanto, essa dissertação está dividida em três capítulos:

- ⊘ O primeiro capítulo intitulado “A Escola Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, no distrito de Conselheiro Mata, município Diamantina, Minas Gerais - Reflexões sobre

as práticas pedagógicas desenvolvidas na década de 1950” consistiu em uma reflexão sobre o processo de formação das normalistas, a partir da identificação das práticas consideradas inovadoras em meio às políticas para a educação rural da época. Foi baseado em quatro pesquisas desenvolvidas sobre temas concernentes à instituição.

- ⊘ O segundo capítulo, sob o título “O cotidiano das alunas internas da Escola Rural Dom Joaquim Silvério de Souza – a escrita dos diários” buscou um entendimento da rotina das alunas na escola por meio de registros diários, feitos pelas mesmas, numa perspectiva de exercício de aprimoramento da escrita e leitura.
- ⊘ Já o terceiro capítulo, intitulado “Questões de saúde que envolvia a vida e o aprendizado das alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, distrito de Conselheiro Mata, município de Diamantina, Minas Gerais, na década de 1950” busca levantar e entender, junto a ex-alunas, como o tema saúde era tratado dentro da escola, fosse como aprendizado e/ou como cuidado com si mesma.

A presente pesquisa teve seu projeto analisado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, sob nº CAAE 16977619.3.0000.5108 (ANEXO A).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D.B. Uma obra referência para professores rurais: escola primária rural. Revista da FAEBA – **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 36, p. 57-68, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faceba/article/viewFile/386/331>>. Acesso em 13.12.2018

DIAS, Alessandra Geralda Soares. **Práticas de escrita**: manuscritos das alunas da Escola Rural de Conselheiro Mata (Diamantina, MG) – 1950-1962. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2017.

NEVES, L.S. **Sentido novo da vida rural**: a formação de professoras na Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza (1949-1963). 2015. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

OLIVEIRA, F. **Crítica à razão dualista o ornitorrinco**. Boitempo Editorial. São Paulo, 2003

PINHO, L.A. **Civilizar o campo**: educação e saúde nos cursos de aperfeiçoamento para professores rurais - fazenda do rosário (Minas Gerais, 1947- 1956). Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2009. [Dissertação – FAE-UFMG].

SOUZA, C.M., “**Nenhum Brasileiro Sem Escola**” **projetos de alfabetização e educação de adultos do estado desenvolvimentista. 1950/1963**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999

SOUZA, J.V.A. e HENRIQUES, M.S. (orgs.). **Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2010

TANURI, L. M. (2000). História da formação de professores. **Revista Brasileira da Educação**, 14, 61-88. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>> Acesso em 13.12.2018.

## CAPÍTULO I

Renata Maria Moreira da Silva Cordeiro<sup>1</sup>, João Victor Leite Dias<sup>2</sup>, Herton Helder Rocha Pires<sup>3</sup>

1 Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Pedagoga, [renata.cordeiro@ufvjm.edu.br](mailto:renata.cordeiro@ufvjm.edu.br),

Orcid 0000-0003-4555-6961

2 Doutorado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Docente, [joao.dias@ufvjm.edu.br](mailto:joao.dias@ufvjm.edu.br),

Orcid 0000-0002-7367-3826

3 Doutorado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Docente, [hhrpires@yahoo.com.br](mailto:hhrpires@yahoo.com.br),

Orcid 0000-0002-6335-3810



**A ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE  
SOUZA, NO DISTRITO DE CONSELHEIRO MATA, MUNICÍPIO DE DIAMANTINA,  
MINAS GERAIS: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
DESENVOLVIDAS NA DÉCADA DE 1950**

**RESUMO**

O objetivo do estudo foi refletir sobre o contexto da implantação da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, no distrito de Conselheiro Mata, município de Diamantina, seu funcionamento e a formação das normalistas para o meio rural. Foi realizada uma pesquisa nas bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, sendo encontradas duas dissertações e duas teses, que foram a base da presente análise. Esta análise pontuou os acontecimentos políticos que estimularam a reestruturação da educação rural, como também a forma como as normalistas eram preparadas para a atuação no meio rural. Foram abordadas questões relativas à renovação teórica e instrumental na formação do professor primário para o meio rural, identificação e compreensão das relações entre práticas tradicionais e práticas escolares de saúde das populações rurais e a investigação das práticas de escrita por meio da análise dos diários produzidos na escola. Esses estudos são de grande valia para os educadores, pois a forma de abordagem das disciplinas faz aparecer particularidades educacionais e sociais de cada época, que podem tentar acobertar as diferenças e diversidades como também inculcar pensamentos de acordo com os interesses da política vigente.

**Palavras chave:** Escola Normal Rural; Política de educação rural; Formação de Professor; Saúde da população rural, saberes e cuidados em saúde; Práticas de Ensino.

**DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA REGIONAL RURAL NORMAL SCHOOL,  
IN CONSELHEIRO MATA DISTRICT, DIAMANTINA CITY, BRAZIL: 1950S  
PEDAGOGICAL PRACTICES REFLECTIONS**

**ABSTRACT**

The aim of the study was to reflect on the context of the establishment of the Regional Rural Normal School Dom Joaquim Silvério de Souza, in the district of Conselheiro Mata, municipality of Diamantina, Brazil, as well as its operation and the training of normaliens to work in rural areas. A search was carried out in the Libraries of the Federal University of Minas Gerais and the Federal University of Vales do Jequitinhonha and Mucuri, where two thesis and two dissertations were found, which were the basis of this analysis. This analysis identifies the political events that stimulated the restructuring of rural education, as well as the way in which normaliens were prepared to work in rural areas. We addressed issues related to theoretical and instrumental renewal in the training of primary school teachers for rural areas, the identification and understanding of the relationship between traditional practices and school health practices of rural populations, and the investigation of writing practices through the analysis of diaries produced in school. These studies are of great value to educators, as the way in which disciplines are approached brings out educational and social particularities of different times, which can try to cover up differences and diversities as well as instill thoughts according to the interests of the current policy.

**Keywords:** Normal Rural School; Rural education policy; Teacher training; health of the rural population, knowledges, health care.

**LA ESCUELA NORMAL RURAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA, EN EL DISTRITO CONSELHEIRO MATA, MUNICIPIO DIAMANTINA, MINAS GERAIS, BRASIL: REFLEXIONES SOBRE PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DESARROLLADAS EN LA DÉCADA DE 1950**

**RESUMEN**

El objetivo del estudio fue reflexionar acerca del contexto de implementación de la Escuela Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, distrito de Conselheiro Mata, municipio de Diamantina, su funcionamiento y la capacitación de los normalistas para el medio rural. Se realizó una investigación en las bibliotecas de la Universidad Federal de Minas Gerais y de la Universidad Federal de Vales do Jequitinhonha y Mucuri, donde se encontraron dos disertaciones y dos tesis, utilizados como base de este análisis. La análisis puntuó los acontecimientos políticos que estimularon la reestructuración de la educación rural, así como la forma en que los normativos fueron preparados para trabajar en las zonas rurales. Fueron abordados también cuestiones relacionadas a la renovación teórica e instrumental en la capacitación de maestros de escuelas primarias para áreas rurales, identificación y comprensión de la relación entre las prácticas tradicionales y las prácticas de salud escolar de las poblaciones rurales y la investigación de las prácticas de escritura a través del análisis de diarios producidos en la escuela. Estos estudios son de gran valor para los educadores, ya que la forma en que se abordan las disciplinas pone de manifiesto las particularidades educativas y sociales de cada época, que pueden intentar ocultar las diferencias y diversidades, así como inculcar pensamientos de acuerdo con los intereses de la política actual.

**Palabras clave:** Escuela rural normal; Política de educación rural; Formación del profesorado; Salud de la población rural, conocimiento y atención de la salud; Prácticas de enseñanza.

## INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XX, o Brasil passou por movimentos políticos significativos que se manifestaram em impactos econômicos, sociais e culturais. De acordo com Gomes (2013), essas mudanças trouxeram a necessidade de um discurso político e intelectual sobre o desenvolvimento do país, no qual a ampliação da educação foi colocada como um fator essencial ao desenvolvimento e promoção da democracia, além da busca pela modernização e da ligação entre as mudanças sociais e as tradições existentes.

A década de 1950 trouxe marcos para a modernidade não só para as artes, mas também pelo pensamento progressista e moderno onde aconteceram as eleições diretas de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek. Este último assume o governo com o slogan “50 anos em 5” e propõe o “Plano de Metas”, assumindo o compromisso com a democracia e com a intensificação do desenvolvimento industrial. A construção de Brasília, a nova capital do país, era considerada o maior símbolo do seu governo (Moreira, 2008). Entretanto, Fernandes (2008) alerta que o Brasil não tinha uma infraestrutura econômica, social e cultural exigidas para a instalação, manutenção e exploração de empresas industriais, causando um ritmo negativo na industrialização num primeiro momento.

De acordo com Souza (1999), diante do avanço do capitalismo, surge a exigência de mão de obra qualificada para as novas funções, sendo necessária a renovação das propostas educacionais e profissionais dos trabalhadores urbanos, como também uma reorientação do trabalhador rural quando as tecnologias chegassem ao campo.

Sendo assim, a educação se fortalece como uma das principais ferramentas de mudança nesse período, pois se acreditava na capacitação das pessoas para atender as necessidades do desenvolvimento econômico e que a qualidade da educação oferecida demonstraria a situação social, política e econômica do país (HIDALGO; PALHANO; SIKORA. 2013). De acordo com Oliveira (2003) a educação se torna área prioritária de intervenção, uma vez que o país era considerado como de “terceiro mundo” em função do subdesenvolvimento da forma arcaica dos meios de produção, buscando a modernização para o desenvolvimento.

Gomes (2013) salienta que o avanço do processo de urbanização aliado à industrialização, arrastando cada vez mais a população do campo para as cidades e os

deslocamentos internos, causou um aumento no número de cidades superlotadas espalhadas pelo país. Para Mello (1998), as condições de vida e de trabalho na zona rural também podem ter colaborado para esse movimento migratório, uma vez que a concentração latifundiária gerava crescente expropriação dos pequenos agricultores e aumento do assalariamento rural.

Para Almeida (2011) o deslocamento crescente de pessoas do meio rural para o urbano gerou um choque entre os valores e referências por se tratarem de mundos distintos. Além disso, a urbanização não gerou melhor qualidade de vida para muitas pessoas, isolando nas periferias urbanas os marginalizados e excluídos socialmente. Minas Gerais contribuiu fortemente para esse movimento migratório na década de 1950, segundo Neves (2017). Começava assim a necessidade de se pensar em estratégias para a fixação da população no campo vislumbrando a educação como uma poderosa ferramenta. A preocupação com o êxodo não se limitava apenas aos governantes, mas também a intelectuais que estavam envolvidos com a educação rural, pois segundo Musial (2011), a escola para as populações rurais ocuparia um lugar de segundo plano, nas políticas do governo de Minas Gerais pelo menos até meados do século XX.

Desde a década de 1930 o governo brasileiro passou a incorporar um discurso “ruralista” que via a educação como o principal instrumento de fixação do homem no campo (SOUZA, 2014). Tanuri (2000) ressalta que esse movimento procurava utilizar a escola para reforçar os valores rurais da civilização brasileira com o intuito de criar uma consciência agrícola e fazer com que o homem rural permanecesse no campo. Acreditava-se que a escola rural deveria valorizar a cultura do meio rural, possuindo uma estrutura e programa específicos para que a população conseguisse conhecer e aproveitar todas as suas possibilidades econômicas e sociais (PINHO, 2009).

Segundo Almeida (2001), as escolas rurais foram consideradas como um instrumento capaz de formar um cidadão adaptado ao seu meio, porém com conhecimentos científicos advindos das cidades. As normas e diretrizes para a formação do homem rural eram planejadas no meio urbano com conhecimentos de saúde, saneamento, alimentação, administração do tempo e técnicas agrícolas modernas, tudo sob uma perspectiva científica.

No caso de Minas Gerais, observa-se que foi apenas no final da década de 1940, com a chegada de Milton Soares Campos ao governo, que se desenrolou um conjunto de propostas socioeconômicas por meio do Plano de Recuperação Econômica e de Fomento da Produção, em 1947, que tinha como perspectiva, dentre outras, a melhoria dos padrões de vida e trabalho

da população do meio rural, pautada nas noções básicas de saúde e educação (GIANNETTI, 2011). Segundo o autor, no Plano de Recuperação Econômico foram firmadas as principais ações práticas de uma proposta para as escolas primárias rurais do estado, concretizadas por meio do Decreto Lei 8530 – Lei Orgânica do Ensino Normal, de 02 de janeiro de 1946, e pela criação das Escolas Normais Rurais Regionais Sandoval Soares de Azevedo, na Fazenda do Rosário em Ibitité, e Dom Joaquim Silvério de Souza, em Conselheiro Mata, distrito de Diamantina, pela Lei 291 de 1948.

Quando Helena Wladimirna Antipoff obteve a cidadania brasileira, retornou a Minas Gerais reassumindo suas funções como catedrática de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, continuando a atuar na formação de pessoal qualificado em psicologia (CAMPOS, 2003). Sendo profunda conhecedora das teorias da “escola ativa” e sabedora da realidade escolar do Estado desde a criação da “Escola de Aperfeiçoamento”, em 1929, como também pelo seu trabalho na Fazenda do Rosário direcionado para as crianças com deficiência, foi convidada, por Aogar Renault, então Secretário de Educação do Estado, a dirigir uma secretaria especial para assuntos de educação rural (NEVES e PINTO, 2013). Ela representava a esperança de algo novo por considerar que era possível conhecer a infância por meio da psicologia e ver nesse conhecimento um dos fundamentos básicos para as propostas educacionais, pois, segundo ela, a aplicabilidade dessa proposta estava na capacidade do professor conhecer a personalidade, as habilidades e os interesses de seus alunos antes de planejar o que seria ensinado. Via na experimentação natural a forma mais simples e completa de aprender. Possuía um ideal de educação pautada no respeito à liberdade e às diferenças de cada um, no estímulo à socialização e à autonomia e na busca do incentivo do hábito nas crianças de pensar sobre suas próprias ações (CAMPOS e LOURENÇO, 1992).

Pretende-se com este estudo identificar as práticas pedagógicas, ditas na época da implantação da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza como inovadoras, em meio às políticas para a educação rural e fazer uma reflexão sobre o processo de formação das normalistas na Instituição, a formação moral, intelectual e social e as práticas pedagógicas ali difundidas.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Este estudo constitui uma análise refletiva sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, na década de 1950, no processo formador de professoras especialistas para atuarem no meio rural.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Para a coleta de dados foi realizada uma busca de material nos sítios eletrônicos das Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e foram utilizadas as palavras-chave, a saber: Escola Normal Rural; Política de Educação Rural; Formação de Professor; Saúde da população rural e saberes e cuidados em saúde. Foram definidos como critérios de inclusão todas as produções, artigos, teses e dissertações em português, sobre história da educação rural, formação de professor, práticas de ensino, escola normal rural e saúde da população rural e saberes e cuidados em saúde. Para refinar a busca, foram acrescentados os termos, Conselheiro Mata e Ibité, uma vez que se tinha um local pré-definido. Foi feita a leitura dos trabalhos para o entendimento do contexto educacional rural e uma categorização das práticas pedagógicas consideradas inovadoras na referida época.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri sob número do parecer CAAE 16977619.3.0000.5108.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca realizada nas bibliotecas foram identificadas e selecionadas duas dissertações e duas teses que cumpriam os critérios de inclusão.

A primeira dissertação intitulada “A Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza de Diamantina e a formação de professores para o meio rural mineiro: 1950-1970” foi apresentada no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação – Mestrado, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em Belo Horizonte, por Helder de Moraes Pinto no ano de 2007 (Pinto, 2007), sendo, a partir de agora denominada de TRAB.1. A segunda dissertação intitulada “Práticas de escrita: manuscritos das alunas da Escola Rural de Conselheiro Mata (Diamantina, MG) – 1950-1962” foi apresentada no Programa de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, por Alessandra Geralda Soares Dias em 2017 (Dias, 2017), sendo denominada de TRAB.2 a partir de agora.

As teses intituladas “Sentido novo da vida rural: a formação de professoras na Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza (1949-1963)” e “Relações entre práticas tradicionais e práticas escolares das populações rurais em Minas Gerais (Ibirité, 1940 a 1970)”, foram apresentadas no Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, por Leonardo dos Santos Neves (Neves, 2015) e Walquiria Miranda Rosa (Rosa, 2015) ambas em 2015, passando a ser, a partir de agora, denominados de TRAB.3 e TRAB.4.

Os estudos são unânimes em dizer que após a Segunda Guerra Mundial e a chegada da modernização da economia e mudança de hábitos e consumo, tornou-se necessário que o Brasil procurasse formas de se desenvolver e colocou a educação como uma mola propulsora para alcançar esse objetivo. Porém a educação era privilégio de poucos no meio urbano e quase inexistente no meio rural.

Ainda segundo os trabalhos, com a industrialização veio a capacidade de produzir quase tudo e a população do campo foi sendo substituída por máquinas e tratores, por implementos agrícolas sofisticados, por adubos e inseticidas além da degradação da qualidade de vida do trabalhador rural provocada pela concentração fundiária, pela grilagem, pela violência no campo, pela miséria e fome, impulsionando o crescimento do êxodo rural. A



partir daí a crescente atenção do governo com a manutenção dessa população no campo, fosse pela preocupação da produção de alimentos, fosse pelo inchaço e falta de estrutura das grandes cidades. Os movimentos de educação popular se preocuparam então, com uma educação formadora e geradora de emancipação efetiva da população do campo. Esse modelo possibilitou alguns avanços na busca por uma melhor conscientização política a respeito da educação oferecida à população rural.

Nesse contexto, os autores colocam que diante das transformações ocorridas no processo de redemocratização do país, os estabelecimentos educativos rurais receberam a missão de impulsionar a modernização das práticas agrícolas e melhorar as condições de vida da população rural na incorporação de novos hábitos socioeconômicos e culturais, com ênfase na agricultura e higiene. As ações dedicadas à educação rural foram marcadas pela filosofia pedagógica escolanovista: a ênfase na atividade e autonomia do educando, a atitude democrática, o respeito à diferença, a fé na ciência como instrumento de melhoria da vida. Sendo assim, diante de um panorama que visava propiciar melhoria de vida à população rural e fixá-lo em seu ambiente por meio de uma educação especializada, a Escola Normal Regional Rural D. Joaquim Silvério de Souza, foi instalada em Conselheiro Mata para que pudesse atender a comunidade do Vale do Jequitinhonha, região conhecida por sua história de pobreza e miséria, o que, segundo Souza (2010) era motivo de movimento migratório por necessidade de complementação de subsistência.

A localização da escola também foi discutida, com maior ênfase nos TRAB.2 e TRAB. 3, enquanto ponto estratégico e de acesso pelo fato da proximidade da estrada de ferro, o que facilitaria a circulação das alunas, uma vez que a Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, mais tarde Escola Normal Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, mantinha, inicialmente, ao mesmo tempo, o Curso Normal completo para futuras professoras primárias e o Curso Regional de Treinamento para professoras rurais leigas que, mesmo sem habilitação, exerciam o magistério em escolas do meio rural, essas procedentes prioritariamente das regiões dos Vales do Jequitinhonha, Mucuri, São Francisco e Rio Doce, regiões caracterizadas pela carência de recursos humanos preparados para a educação adequada ao seu meio. Foram levantadas questões sobre uma infraestrutura também apropriada, já que em uma proposta de regime de internato, as alunas e professores precisariam ser acolhidas em um mesmo local, o que culminou na instalação da escola em um prédio já existente, que foi construído para fins de repouso dos padres e seminaristas e

pertencia à Igreja, surgindo assim também uma pequena especulação de que a influência religiosa presente na escola começou a partir da negociação do prédio.

As inovações pedagógicas utilizadas na época foram constatadas pelos registros encontrados nos documentos oficiais da escola e nos “diários”, que eram escritos pelas alunas, como relatado em todos os quatro trabalhos analisados. Esses registros mostram a preocupação com a estrutura curricular, que abrangia disciplinas consideradas como essenciais para a formação de hábitos (religiosos, morais, culturais, esportivos, cívicos e sociais) e de práticas de formação (aulas de educação física, leitura dos diários, descanso, higiene matinal, brincadeiras recreativas, clubes agrícolas e grêmios estudantis, filmes, teatros e apresentações, música, canto, análise de autores e suas obras literárias e observação natural) para o desempenho do seu trabalho.

O TRAB.1 trouxe a busca pelo entendimento do processo de constituição e implantação da Escola Normal Regional Rural D. Joaquim Silvério de Souza, as peculiaridades introduzidas na formação de um profissional especialista, proposta dentro das renovações teóricas e práticas até o embasamento teórico utilizado para os ensinamentos, como autores, obras e a teoria educacional que veiculava. Na nova proposta pedagógica estava o “aprender fazendo”, onde os clubes e grêmios escolares se caracterizavam como a forma prática de demonstrar o aprendizado e dentre eles o Clube Agrícola despertou o interesse do autor, uma vez que a escola era formadora de professores para o meio rural. Enfim, para ele era necessário analisar todo o processo da escola, desde a sua criação até a formação dos profissionais especialistas, chamadas normalistas, para entender a importância da escola e a cultura pedagógica regional deixada, sendo considerada como um estabelecimento de ensino exemplar, digna de se tornar um patrimônio histórico, por aqueles que a frequentaram e, ou conviveram com ela.

Já o TRAB.2 trouxe a discussão sobre a escrita dos diários, sua importância enquanto prática pedagógica no registro das atividades do dia e enquanto registro diário da realidade vivida pelas alunas. A elaboração dos diários representou uma marca de identidade institucional do curso Normal da Escola Normal Regional Rural D. Joaquim Silvério de Souza. Foi também observada pela autora a real função dos diários pelas mudanças na forma de apresentação dos títulos: inicialmente, quando o registro de informações era usado como uma prática pedagógica, intitulava-se “Diário”; “Meu Diário”, quando as alunas começaram a se apropriar do recurso; e já em “Nosso Diário” mesmo com a escrita individual, assumiram um caráter mais institucional e coletivo. Pela escrita dos diários era possível ler e analisar as

relações de poder estabelecidas na escola, as atividades, os saberes e os acontecimentos não rotineiros. Na escrita de seus diários, as alunas conseguiam refletir sobre suas práticas, apontando para uma potencial desconstrução e reconstrução das próprias experiências. Sendo assim a autora coloca que, uma vez que as práticas escolares devem ser vistas como práticas culturais, analisar a educação fundamentada em aportes teóricos culturais, é possível ampliar as fontes e as variadas formas de utilização das mesmas, buscando novos objetos de estudo, permitindo a análise levando em conta uma diversidade de fatores que podem incidir sobre ele, sendo o “Diário” um pequeno exemplo dessa possibilidade.

O TRAB.3 levanta a discussão a respeito do tipo de formação oferecida às futuras profissionais especialistas rurais, também chamadas de normalistas, para serem agentes transformadores do meio rural. Discute como as “inovações pedagógicas” que envolviam práticas de incentivo à participação dos alunos como a escrita de diários, criação dos grêmios e clubes estudantis; as disciplinas específicas e atividades intrínsecas a elas; o cotidiano do internato com o espaço formativo e as relações e tensões envolvidas no processo; a relação entre escola como espaço de cunho científico e as especificidades necessárias na formação de professores do meio rural, enfim, como todo esse conjunto de fatores influenciava na formação final do professor especialista. Fez uma abordagem desde a criação, localização e estrutura da escola, perpassando pela forma de admissão das alunas e suas origens, pela ideologia de ensino e “metodologia renovada”, pelo cotidiano e vivências dentro da escola, priorizando a importância de todo esse ambiente no processo de formação das alunas.

Para o TRAB.4 o mais relevante era o aprendizado das normalistas nas questões de saúde e a sua aplicação prática nas comunidades rurais, uma vez que as mesmas já possuíam os saberes e crenças populares a respeito do cuidado com a saúde. A inquietação da autora era de como seria a convivência desses conhecimentos fundamentados em bases tão diferentes. Seria de confronto, de sobreposição, de imposição? Para essa discussão o objeto de estudo foi o Curso de Aperfeiçoamento para Professores Rurais da Fazenda do (Ibirité). Vale lembrar que a Escola Normal Regional Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, quando criada, pertencia à Fazenda do Rosário e ambas usavam a mesma metodologia de prática pedagógica, sendo os diários, os clubes e grêmios escolares presentes na mesma intensidade. Nesse estudo o Clube de Saúde se apresentou como o aspecto mais importante a ser discutido, pois como as atividades se desenvolviam a partir do método experimental, era necessário que se fizesse o registro, em um caderno, das práticas desenvolvidas referentes à saúde individual e coletiva da escola. A observação e a experimentação eram a base das atividades diárias do Clube de

Saúde, onde todos os passos da aprendizagem eram registrados na intenção de constituir documentos pedagógicos para serem usados posteriormente e fazer o controle da eficiência das práticas.

Foram analisadas 14 categorias dentre as práticas pedagógicas citadas nos trabalhos pesquisados: Cadernetas, Clube agrícola, Clube artístico, Clube de ciências, Clube de economia doméstica, Clube geográfico histórico, Clube de metal, Clube pedagógico, Clube de saúde, Clube social, Clube de redação infantil, Grêmio cívico, Grêmio literário, Diários.

As cadernetas foram citadas apenas no TRAB.4, sendo descritas como anotações diárias da descrição das atividades realizadas nas aulas assistidas. Era uma escrita mais reduzida seguindo uma estrutura pré-definida e feita no final do curso de aperfeiçoamento.

O Clube Agrícola foi mencionado nos quatro trabalhos, sendo que o TRAB.1 o descreve como a prática pedagógica que procurava desenvolver o amor pela terra e o interesse pelo seu cultivo, instalando um regime de trabalho em equipe, provocando a necessidade de conhecimentos aritméticos na criança, difundindo as regras da alimentação sadia. O TRAB.2 cita o clube apenas como prática pedagógica importante para o desenvolvimento do meio rural e valorização do meio ambiente. O TRAB.3 o define como a prática pedagógica considerada pelo autor como a mais importante devido à identidade da escola, que além de desenvolver conhecimentos necessários para a vida da vida rural, desenvolve também outros aspectos relativos à boa convivência, trabalho em equipe, respeito, dentre outros, além da possibilidade de conseguir uma renda extra com a produção. O TRAB.4 apenas cita como uma atividade de cunho prático.

Na prática do Clube Agrícola, foram percebidos diferentes assuntos relacionados às questões que envolviam desde o aprender a analisar o solo, passando pela escolha do plantio até a sua colheita e aproveitamento, tais como: agricultura, jardinagem (abordando o comércio de flores e informações sobre as principais plantas ornamentais), horticultura, pomicultura, noções de zootecnia, conservação do solo e doenças e pragas vegetais, fruticultura, silvicultura, criação de gado, porco e galinhas (aviário), noções de higiene e veterinária (profilaxia, vacinações e noções sobre as principais moléstias dos animais domésticos).

O Clube Artístico foi citado no TRAB.1 e TRAB.2, sendo que o primeiro apenas cita sua existência e o segundo o descreve como a prática pedagógica responsável pela decoração da escola e confecção de materiais pedagógicos.

O Clube de Ciências foi citado no TRAB. 2 e TRAB.3, sendo descrito pelo primeiro como a prática pedagógica responsável pela realização de experiências, e pelo segundo como a prática pedagógica onde apresentavam experiências aprendidas em sala de aula, como provar que a luz só se propaga em linha reta, demonstrar o fenômeno da respiração, provar quais são os elementos orgânicos e inorgânicos, etc. Já o segundo apenas cita sua existência.

O Clube de Economia Doméstica foi apenas citado no TRAB.1, enquanto que no TRAB.2 foi mencionado como a prática pedagógica responsável pelos afazeres de limpeza e cuidados com a cozinha da escola, além de demais tarefas referentes à economia doméstica da instituição.

O Clube de Geografia e História foi citado no TRAB. 2 e no TRAB. 3, sendo definido pelo primeiro como a prática pedagógica responsável pelas comemorações cívicas da escola. Já o segundo define como a prática pedagógica onde as normalistas de um determinado município ou região de Minas Gerais se organizavam e faziam uma palestra para as demais alunas e professores expondo a história de seu município, vida econômica, social e educacional. O objetivo era que as normalistas tivessem um amplo conhecimento da diversidade cultural, econômica e social do estado e as diferentes realidades que encontrariam no exercício de sua profissão no meio rural.

O Clube de Metal foi citado apenas no TRAB.2 e TRAB.3. Foi apenas citado pelo primeiro e definido pelo segundo como a prática pedagógica onde as normalistas fabricavam peças feitas de metal, como conchas, regadores, brinquedos, feitiços de bolsa, sacolas, cafeteirinhas, açucareiros e copos. O material aproveitado para a confecção desses objetos eram latas usadas pela escola normal.

O Clube Pedagógico foi mencionado no TRAB.1, TRAB.2 e TRAB.3, sendo definido pelo primeiro como o espaço de discussão das normalistas sobre ideias de autores e obras do campo pedagógico e análises de conceitos para entender elementos determinantes na formação do comportamento infantil. Discutiam a História da Educação. O segundo apenas faz uma menção de sua existência. O terceiro o define como a prática pedagógica sobre as teorias aprendidas, onde organizavam palestras que tratavam de assuntos como problemas disciplinares na escola, tratamento de alunos com problemas mentais, entre outros.

O Clube de Recreação Infantil foi mencionando apenas no TRAB.3, sendo definido como Prática pedagógica com objetivo da organização de montagem de peças de teatro de sombra, fantoches e máscaras. Eram apresentadas em comemorações especiais e no catecismo

que era dado para as crianças moradoras da localidade. Muitas das peças teatrais eram escritas pelas próprias alunas, sendo inventadas ou adaptadas, usando temas para educação higiênica, alimentar e preceitos de moral.

O Clube de Saúde foi mencionado no TRAB.1 e TRAB.4, sendo abordado no primeiro apenas como componente de um documento da "Fazenda do Rosário". Pelo segundo como instrumentos de prática pedagógica com a finalidade de desenvolver atividades práticas referentes à saúde individual e coletiva, às condições de saneamento do meio e à alimentação sadia.

No TRAB.4, como práticas pedagógicas do Clube de Saúde, foram percebidos diferentes assuntos relacionados às questões de saúde e higiene, tais como:

- ⊘ Higiene geral, individual e social: condições das casas e dos aposentos da própria escola, usos das fossas e dos banheiros, cuidado com o armazenamento de lixo produzido na escola, cuidado com as hortas, cuidado com os chiqueiros, disenteria, caramujos (combate a esquistossomose), exame de fezes, verminoses, “perebas” e ferimentos, banhos e escovação dos dentes, a importância de lavar as mãos, armazenamento dos alimentos.
- ⊘ Enfermagem: aprendizado sobre como aplicar injeções, fazer curativos, cuidar de torções, luxações, traumatismos, queimaduras, gripes, boqueira, pediculose, cólicas (de fígado, de estômago, de rins), hemorragias, afogamentos, dor de ouvido, como cuidar do doente: aspectos emocionais (o carinho, o afeto, a caridade) e procedimentos higiênicos (como cuidar do banho, da cama, do ambiente onde ele fica), picadas de insetos, prescrição e administração de medicamentos, furúnculos, cuidados com a boca, olhos e nariz e pés, administração de remédios (horários, quantidade, características e usos).
- ⊘ Higiene escolar: como era feita a limpeza das escolas (condições de higiene, do ar, dos móveis, da arquitetura), doenças causadas pela falta de higiene, utilização e cuidados com a água, cuidado com piolhos e com doenças contagiosas, condições nos arredores da escola (fossas, hortas, chiqueiros, lixeiras, caixas de gordura), ácaros, carrapatos.
- ⊘ Puericultura: parto, cuidados com os recém-nascidos e com as gestantes, doenças possíveis no pré-natal, doenças nos recém-nascidos e nas gestantes, cuidados na hora do nascimento.

- ⊘ Alimentação: desnutrição, intoxicação alimentar (salmonela e outras), cárie dentária, falta de crescimento, calorias e propriedades dos alimentos, doenças relacionadas a má alimentação (bócio e outras), armazenamento e cuidados com os alimentos.
- ⊘ Doenças: varíola, febre amarela, difteria, escorbuto, febre tifoide, alcoolismo, processos infecciosos, sífilis, vertigens, cegueira noturna, tuberculose, esquistossomose.

O Clube Social foi mencionado no TRAB.2 e TRAB. 3, sendo definido pelo primeiro como a prática pedagógica com objetivo de criação de um jornalzinho, onde os membros produziam as notícias por meio de entrevistas e coleta de acontecimentos dentro da própria escola. E pelo segundo como a prática pedagógica criada com o intuito de socializar e tornar todas as alunas partes ativas nas reuniões. As reuniões eram homenagens individuais aos professores, através de cantos, poesias, etc. Este clube não era aberto a todos, pois cada turma tinha seu próprio clube, e as reuniões eram assistidas pela turma e alguns convidados.

O Grêmio Cívico foi mencionado no TRAB. 1 e TRAB. 3, sendo definido pelo primeiro apenas como componente do currículo. E pelo segundo como Centro Cívico responsável pelas comemorações cívicas e festas escolares definidas pela Secretaria da Educação do estado de Minas Gerais e pelo Serviço de Orientação Técnica do Ensino Rural.

O Grêmio Literário foi mencionado no TRAB. 1, TRAB. 2 e TRAB. 3, sendo citado apenas como componente do currículo pelo primeiro. Pelo segundo como prática pedagógica com objetivo desenvolver o gosto pela língua, promovendo o seu apuro e enriquecimento na literatura e redação. E pelo terceiro como prática pedagógica de leitura, para conhecimento, aprimoramento da escrita e despertar o gosto pela literatura, servindo de incentivo para a criação própria.

Os Diários foram mencionados nos quatro trabalhos, sendo que o primeiro cita apenas como um documento do acervo da escola. O segundo o define como um objeto de estudo e dizendo ser mais que um mero instrumento pedagógico de registro das atividades diárias das alunas. Representava um período na história de cada aluna, com suas vivências e experiências extracurriculares e demais relações existentes no cotidiano de cada uma. O terceiro fala que este tem o objeto de consulta e estudo. São instrumentos pedagógicos de registro das atividades cotidianas cuja serventia não era apenas atender aspectos pedagógicos, mas também um registro histórico da existência dessas instituições de ensino e cultural, pelas subjetividades registradas pelas alunas oriundas de diversas regiões. O quarto fala que ele tem

o objeto de consulta, sendo instrumentos pedagógicos de registro diário das atividades cotidianas das alunas, servindo também como avaliativos e de disciplinarização, além de ser considerado também como instrumento da ciência, na medida em que registra através da escrita as observações, no caso do clube de saúde.

Os estudos evidenciam que várias perspectivas de estudo podem ser levantadas a partir do mesmo contexto, dos mesmos documentos, dos mesmos registros, como ocorreu com os “diários” das escolas normais rurais referendadas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o ensino rural surgiu como um dos desafios essenciais da educação brasileira e os intelectuais da época direcionaram seus esforços no sentido de compreenderem o processo de mudança do rural para uma sociedade de características urbanas e industriais, foram determinadas diversas ações para a aceleração do desenvolvimento e democratização das relações sociais. Passou a ser defendida a necessidade de se elevar a qualidade de vida e educação do morador do campo, ressaltando a necessidade da criação de escolas e professoras especializadas para essa tarefa.

Diante dessa situação, foram criadas as escolas normais rurais na intenção de melhorar as condições de vida do homem do campo, levando conhecimentos básicos de saúde e higiene e, principalmente, maneiras de como cuidar do solo, para que, principalmente pela agricultura, pudessem garantir sua própria subsistência, combatendo assim o êxodo rural. As escolas normais rurais tinham o objetivo de ampliar o universo cultural das alunas, ao fazer despertar o amor ao campo, o gosto pelo trabalho, assim como ao desenvolver hábitos de higiene, alimentação, lazer e trabalho, onde o *fazer* era a palavra de ordem.

A escola normal tinha o dever de formar a personalidade de suas alunas e de desenvolver suas capacidades intelectuais. Neste sentido, o ensino centrava-se no controle total sobre a utilização do tempo, o que era facilitado pelo formato de internato, funcionando também como uma forma de controlar o tempo, as relações e o espaço, assim como as normalistas, funcionando como um laboratório para a experimentação de vivências. Nesse contexto se encontram os “diários”, que eram o registro diário da rotina interna da escola, onde a escrita estava ligada a um processo pedagógico de estímulo à escrita e a leitura, assim como a um exercício de conscientização da sua formação escolar e disciplina. Com uma metodologia fundamentada na experimentação, observação e intuição, as normalistas eram conduzidas a uma prática de observação, à formulação de problemas e à solução dos mesmos por meio das práticas pedagógicas consideradas inovadoras como os clubes e grêmios estudantis, dentre outras. A preparação das normalistas era direcionada para sua atuação na escola e na comunidade, para o desenvolvimento do meio rural e do modo de vida da população, sendo necessário que aprendessem e praticassem, pois é preciso saber fazer para ensinar. Pode se verificar que eram formadas para a docência, para a vida rural e para serem donas de casa, possibilitando sua inserção no meio rural de forma abrangente. Enfim, as

normalistas se formariam imbuídas dos valores e conhecimentos considerados, na época, necessários para uma renovação da realidade rural, capaz de manter o homem do campo no seu meio com uma qualidade de vida melhor.

Nesse contexto e finalidade a Escola Normal Regional Rural Sandoval Soares de Azevedo e a Escola Normal Regional Rural Dom Joaquim Silvério de Souza foram criadas, em Ibitaré e em Conselheiro Mata respectivamente. Assim como elas, existem várias outras escolas rurais com tamanha importância para o desenvolvimento do país e que não são conhecidas por ainda não haver, ou se, caso existam, são muito poucos, estudos sobre as mesmas. Muito pouco se fala sobre a educação rural e suas metodologias e peculiaridades, porém não significa que não tenham sua importância quer seja na história da educação ou na história cultural do Brasil. Cultura e história nunca se desassociam, oferecendo assim grande variedade de objetos de estudo para as duas áreas. Basta apenas ver sob diversas perspectivas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *Vozes esquecidas em horizontes rurais: história de professores*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1908/000311994.pdf?sequence=1&locale=en>>. Acesso em 13.12.2018.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. “Uma obra referência para professores rurais: escola primária rural”. *Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador*, v. 20, n. 36, p. 57-68, jul./dez. 2011.

BRASIL. Decreto-Lei n. 8.529, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 10.12.2018.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas; LOURENÇO, Érika. “O método da experimentação natural de Lazursky: sua aplicação nas propostas educacionais de Helena Antipoff em Minas Gerais (1932-1974)”. Rio de Janeiro: Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000. Disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/049\\_erika.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/049_erika.pdf)>. Acesso em 10.12.2018.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. “Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 209-231, set.-dez. 2003.

DIAS, Alessandra Geralda Soares. *Práticas de escrita: manuscritos das alunas da Escola Rural de Conselheiro Mata (Diamantina, MG) – 1950-1962*. Diamantina: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2017. Disponível em: <<http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/1373>>. Acesso em 05.12.2018.

FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Global, 2008.

GIANNETTI, Ricardo. “Américo René Gianetti: A Industrialização e o Planejamento Econômico de Minas Gerais (1930-1950)”. *Revista da Imigração Italiana em Minas Gerais – Ponte entre culturas*, 2011. Disponível em: <<https://www.ponteentreculturas.com.br/revista/ricardogiannettirevistaimigracaoitalianamg.pdf>>. Acesso em 10.12.2018.

GOMES, Angela de Castro. População e Sociedade. In: GOMES, Angela de Castro (Coord.). *Olhando para dentro: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/8nx55>>. Acesso em 15.12.2018.

HIDALGO, Angela Maria; SIKORA, Denise; PALHANO, Isabel Castilho. *A Educação Rural nos anos 50 no Brasil e as influências do nacional desenvolvimentista*. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 2013. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2013/trabalhos/co\\_02/61.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_02/61.pdf)>. Acesso em 18.02.2019.

MELLO, João Manuel Cardoso de Melo; NOVAIS, Fernando. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MINAS GERAIS. *Lei 291*, de 24 de novembro de 1948. Cria Dois Estabelecimentos De Ensino Normal. Disponível em: <<http://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-291-1948-minas-gerais-cria-dois-estabelecimentos-de-ensino-normal>>. Acesso em 10.12.2018.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2008, p. 156-192.

MUSIAL, Gilvanice Barbosa da Silva. *A Emergência das escolas rurais em Minas Gerais (1892-1899): quando a distinção possibilita a exclusão*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-92RLHJ>> Acesso em 13.12.2018.

NEVES, Leonardo dos Santos; PINTO, Helder de Moraes. “Sentido Novo da Vida Rural: Abgar Renault e a política educacional em Minas Gerais”. Cuiabá: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013. Disponível em:

<<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/01-%20ESTADO%20E%20POLITICAS%20EDUCACIONAIS%20NA%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO%20BRASILEIRA/SENTIDO%20NOVO%20DA%20VIDA%20RURAL%20ABGAR%20RENAULT%20E%20A%20POLITICA%20EDUCACIONAL%20EM%20MINAS%20GERAIS.pdf>>. Acesso em 13.12.2018

NEVES, Leonardo dos Santos. “A Educação Rural em Minas Gerais e o contexto da implantação da implantação da Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza (1947-1951)”. João Pessoa: IX Congresso Brasileiro de História da Educação, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/1CnW9SanYazaSTXcjXTUxLvJjkoluqq29>>. Acesso em 13.12.2018

NEVES, Leonardo dos Santos. “Sentido novo da vida rural: a formação de professoras na Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza (1949-1963)”. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Disponível em:

<<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A3NHDB>>. Acesso em 11.12.2018.

OLIVEIRA, Francisco. *Critica à razão dualista/ o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/critica-a-razao-dualista-o-ornitorrinco-74>>. Acesso em 06.01.2019.

PINHO, Larissa Assis. “Civilizar o campo: educação e saúde nos cursos de aperfeiçoamento para professores rurais - fazenda do rosário (Minas Gerais, 1947- 1956)”. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Disponível em:

<<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-84JQLJ>>. Acesso em 11.12.2018.

PINTO, Helder de Moraes. “A Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza de Diamantina e a formação de professores para o meio rural mineiro: 1950-1970”. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=92334](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=92334)>. Acesso em 13.12.2018.

ROSA, Walquiria Miranda. “Relações entre práticas tradicionais e práticas escolares das populações rurais em Minas Gerais (Ibirité, 1940 A 1970)”. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9XCH2C>>. Acesso em 12.12.2018.

SOUZA, Claudia Moraes. “Nenhum Brasileiro Sem Escola: projetos de alfabetização e educação de adultos do estado desenvolvimentista. 1950/1963”. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. Disponível em:  
<[http://diversitas.fflch.usp.br/files/Tese\\_Claudia\\_Nenhum%20Brasileiro%20sem%20Escola.pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/files/Tese_Claudia_Nenhum%20Brasileiro%20sem%20Escola.pdf)>. Acesso em 13.12.2018.

SOUZA, João Valdir Alves; HENRIQUES, Márcio Simeone. *Vale do Jequitinhonha: formação histórica, populações e movimentos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010

TANURI, Leonor Maria. “História da formação de professores”. *Revista Brasileira da Educação*, 14, p. 61-88. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>> Acesso em 13.12.2018

## CAPÍTULO II

Renata Maria Moreira da Silva Cordeiro<sup>1</sup>, Ana Carolina Souza Silva<sup>2</sup>, Nadja Maria Gomes Murta<sup>3</sup>, João Victor Leite Dias<sup>4</sup>, Herton Helder Rocha Pires<sup>5</sup>

1 Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Pedagoga, [renata.cordeiro@ufvjm.edu.br](mailto:renata.cordeiro@ufvjm.edu.br),

Orcid 0000-0003-4555-6961

2 Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Nutricionista, [ana-carolina-lola@hotmail.com](mailto:ana-carolina-lola@hotmail.com),

Orcid 0000-0001-6747-9800

3 Doutorado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Docente, [nadjamurta@gmail.com](mailto:nadjamurta@gmail.com),

Orcid 0000-0003-3904-9808

4 Doutorado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Docente, [joao.dias@ufvjm.edu.br](mailto:joao.dias@ufvjm.edu.br),

Orcid 0000-0002-7367-3826

5 Doutorado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Docente, [hhrpires@yahoo.com.br](mailto:hhrpires@yahoo.com.br),

Orcid 0000-0002-6335-3810

**O COTIDIANO DAS ALUNAS INTERNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL  
REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA, NO DISTRITO DE  
CONSELHEIRO MATA: A ESCRITA DOS DIÁRIOS**

**RESUMO**

A Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, educandário criado e dirigido pela mestra e educadora russa Helena Antipoff, foi referência no treinamento e no aperfeiçoamento de professores para o magistério rural. O diário, como parte da proposta pedagógica de Antipoff, se constitui em um dispositivo escritural e disciplinar de ensino, uma prática de formação cultural, desenvolvida no interior da escola, e no qual as alunas registravam suas experiências, as atividades culturais, os saberes e as relações de poder vivenciadas no curso. O objetivo do estudo foi conhecer o cotidiano das alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, por meio da análise dos diários remanescentes, escritos pelas alunas na década de 50, dentro de um recorte temporal dos anos 1950 a 1954, correspondendo ao primeiro ciclo de formação oferecido pela escola. Apesar da rotina de afazeres e horários rígidos, pode-se perceber a satisfação das alunas por estarem na instituição, estando sempre dispostas a trabalhar em grupo, tanto dentro da escola como nas interações com a comunidade. Nos diários foram destacadas a organização de tarefas domésticas, atividades práticas didáticas e sociais, observação do tempo, hábitos alimentares e, ainda, a conduta religiosa do dia a dia das internas. A análise realizada indica que a preocupação com a formação de professores rurais fazia parte de um projeto amplo de fixação do homem no campo, evidenciando a importância do conhecimento e das práticas adquiridas.

**Palavras chave:** diário; práticas de formação; formação docente; escola rural; prática de ensino.



**THE DAILY LIVES OF INTERNAL STUDENTS AT DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE  
SOUZA REGIONAL RURAL NORMAL SCHOOL, IN CONSELHEIRO MATA  
DISTRICT: THE WRITING OF DIARIES**

**ABSTRACT**

The Dom Joaquim Silvério de Souza Regional Rural Normal School, an educational establishment created and directed by the russian teacher and educator Helena Antipoff, was a rural teaching reference in teacher's training and development. The diary, as a part of Antipoff's pedagogical purpose, it's a scriptural and disciplinary teaching device, a cultural creating practice, developed within the school, in which the students registered their experiences, cultural activities, knowledge and power relations, experienced in the course. This study's goal was know about the daily of Dom Joaquim Silvério de Souza Regional Rural Normal School internal students trough the remaining diaries analysis, written by the own students in the 50s, considering a time frame from the 1950 to 1954, that's the first training cycle offered by the school. Despite to do's routine, and rigid schedules, the students satisfaction with being in the institution was noticeable, being always available to work in groups, either inside the school or in interactions with the community. The diaries highlighted the organization of domestic tasks, didatic practices and social activities, weather observation, eating habits and the religious conduct in students daily. The analysis indicates that the concern about the rural teachers formation was part of broad project that aimed keep people in rural areas, showing the knowledge and acquired practices importance.

**Keywords:** diary; training practices; teacher training; rural school; teaching practice.

**LA VIDA COTIDIANA DE LAS ALUMNAS INTERNAS DE LA ESCUELA  
NORMAL RURAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA, EN EL  
DISTRITO DE CONSELHEIRO MATA: LA REDACCIÓN DE LOS DIARIOS**

**RESUMEN**

La Escuela Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, un establecimiento educativo creado y dirigido por la maestra y educadora rusa Helena Antipoff, fue una referencia en la formación y desarrollo de los docentes para la enseñanza rural. El diario como parte de la propuesta pedagógica de Antipoff constituye un dispositivo de enseñanza escritural y disciplinario, una práctica de formación cultural, desarrollada dentro de la escuela, y en la cual los estudiantes registraban sus experiencias, actividades culturales, conocimiento y las relaciones de poder experimentadas en el curso. El objetivo del estudio fue conocer la vida cotidiana de las estudiantes en la Escuela Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, a través del análisis de los diarios restantes, escritos por las alumnas en los años 50, especialmente en el período comprendido entre 1950 y 1954, tempo correspondiente al primer ciclo de formación ofrecido por la escuela. A pesar de la rutina de tareas y de los horarios rígidos, es posible notar la satisfacción de las estudiantes por estar en la institución, siempre dispuestas a trabajar en grupos, tanto dentro de la escuela como en las interacciones con la comunidad. Los diarios destacaron la organización de tareas domésticas, actividades didácticas y prácticas sociales, observación del tiempo, hábitos alimenticios y, aún, la conducta religiosa de la vida cotidiana de las internas. El análisis ha indicado que la preocupación por la capacitación de maestros rurales fue parte de un amplio proyecto para mantener a la gente en el campo, destacando la importancia del conocimiento y las prácticas adquiridas.

**Palabras clave:** diario; prácticas de entrenamiento; formación del profesorado; escuela rural; práctica docente.

## INTRODUÇÃO

As escolas rurais surgiram, em sua maioria, pela necessidade dos proprietários de terras proporcionarem aos filhos o ensino das “primeiras letras”, iniciando assim o ensino regular, formal e oficial em áreas rurais. Para isso, instalavam uma sala de aula na fazenda, onde as crianças recebiam as primeiras noções de leitura e escrita, ministradas, muitas vezes, por professoras pouco preparadas (Andrade, 2006).

No período compreendido entre a década de 1920 e 1950, se atribuía ao ensino rural o poder de fixar o homem ao campo. A preocupação com a formação regular do professor para o ensino rural aparece, em Minas Gerais, em 1927, na Reforma Francisco Campos e Mário Casasanta. A Reforma Francisco Campos atingiu o ensino primário na intenção de alcançar um maior número de crianças, na tentativa de garantir uma democratização da sociedade; e o Ensino Normal, quando coloca no trabalho do professor, a responsabilidade do sucesso ou o fracasso da educação primária. Nessa perspectiva, seu programa de expansão e melhoria da escola mineira atinge também as escolas rurais, como uma estratégia para conter o êxodo rural (Andrade, 2006).

O governador eleito do estado de Minas Gerais, Milton Campos, inclui a educação entre as prioridades de seu programa de reconstrução do Estado, colocando Aogar Renault responsável pela execução de sua política educacional. Alinhado com o ideal escolanovista, sua atuação enquanto Secretário de Educação se destaca pela preocupação com a democratização do ensino, com sua adaptação às necessidades individuais e coletivas e com atenção à formação do professor. (Andrade, 2006)

Foram criadas então, pela Lei 291/48 na Fazenda do Rosário, em Ibitité, a Escola Normal Rural Sandoval Soares de Azevedo e, em Conselheiro Mata, Diamantina, a Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, os primeiros Cursos Normais Regionais, voltados para a capacitação e a melhoria de condições de trabalho do professor e para a preparação de professores para atuarem na zona rural (Pinto, 2007).

Ambas ficaram sob a orientação de Helena Antipoff, psicóloga russa, educadora reconhecida na sociedade mineira e também idealizadora dos cursos. Tinham um projeto pedagógico onde as ações seriam embasadas pela ênfase na atividade e autonomia do educando, na atitude democrática, no respeito à diferença e a fé na ciência como instrumento

de melhoria de vida (Campos, 2010). Ela considerava que a aplicabilidade dessa proposta estava na capacidade do professor conhecer a personalidade, as habilidades e os interesses de seus alunos antes de planejar o que seria ensinado. Via na experimentação natural a forma mais simples e completa de aprender (Campos e Lourenço, 2000). O Curso Normal visava a formação completa das normalistas, oferecendo práticas de formação intelectual e de formação de hábitos, para que, quando formadas professoras, fossem capazes de usar o conhecimento adquirido para mudar a vida do homem do campo e fixá-lo em seu meio (Dias, 2017).

Dentre várias metodologias usadas, o “Diário” era considerado um instrumento de prática pedagógica, onde as alunas faziam o relato dos acontecimentos diários ocorridos na escola, se tornando uma estratégia de desenvolvimento da capacidade de observação, da seleção de fatos relevantes de cada dia e do desenvolvimento da escrita e da leitura (Dias, 2017).

A utilização do diário, enquanto registro de escrita como ferramenta de ensino, foi citado por Anne Marie Chartier como prática pedagógica, no fim do século XIX, em escolas francesas:

“Em vez de escrever em seu próprio caderno, uma criança a cada dia diferente registra todas suas produções em um “caderno de rodízio”, no qual elas serão normalmente corrigidas. [...] Ele pode também ver nesse caderno os desempenhos gráficos de cada criança e ter indícios acerca das suas diferenças” Chartier (2002).

O presente estudo teve por objetivo conhecer o cotidiano das alunas por meio da análise dos diários remanescentes que foram escritos pelas normalistas, na década de 50, dentro de um recorte temporal dos anos 1950 a 1954, correspondendo ao primeiro ciclo de formação oferecido pela Escola Dom Joaquim Silvério de Souza.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Após a aceitação e autorização do Diretor da Escola Estadual Dom Joaquim Silvério de Souza, antiga Escola Normal Regional Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, foi feita uma busca nos arquivos da mesma, por diários escritos pelas normalistas, na década de 50. Os diários encontrados foram fotografados para possibilitar a leitura e análise posterior.

Para garantia do sigilo, os nomes das normalistas foram substituídos por códigos alfanuméricos, para serem identificados apenas pelos pesquisadores.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri sob número do parecer CAAE 16977619.3.0000.5108.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os diários pessoais encontrados, 193 estavam legíveis, dos quais foi feito um recorte temporal, correspondente ao primeiro ciclo de formação oferecido pela Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza logo após a sua fundação. O objeto do presente estudo abrange os diários do final do ano de 1950, quando começaram a chegar as primeiras alunas para o ano escolar de 1951, até 1954, época da conclusão do curso pela primeira turma de normalistas da referida Escola. Foram encontrados 27 diários do ano de 1950, dois do ano de 1951, 65 do ano de 1952, 34 do ano de 1954, num total de 128. Os diários que permitiram a identificação da origem das alunas foram escritos por 65 normalistas, naturais de 26 municípios, com predominância para Corinto e Diamantina (Tabela 1). Foram encontrados até seis diários escritos pela mesma normalista.

Tabela 1 – Município de origem das normalistas estudantes da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, Conselheiro Mata município de Diamantina, 2019.

MUNICÍPIO	NÚMERO DE ESTUDANTES
Baldim	4
Belo Horizonte	1
Brasília	3
Buenópolis	3
Capelinha	1
Capim Branco	1
Cordisburgo	1
Corinto	13
Couto De Magalhães	1
Diamantina	13
Felisberto Caldeira	1
Felixlândia	3
Francisco Sá	1
Itamarandiba	2
Matozinhos	1
Montes Claros	1
Ouro Preto	1
Paraopeba	1
Peçanha	1
Pimenta	1
Rio Vermelho	2
Santana De Pirapama	1
São João Evangelista	1
São José Do Jacuri	1
Serro	5
Tarumirim	1

Fonte:Diário das alunas 1950/1954

Quanto à materialidade, os diários eram escritos à mão, em folhas de papel ao maço, em formato de texto, mantendo, segundo Lejeune (2008) a característica do gênero: suporte

descontínuo, escrita fragmentária. Pode apresentar alguns apontamentos como: fatos, observação do tempo, quadrinhas, cardápios e pensamento do dia. Podem apresentar como título “Diário”, “Meu Diário” ou “Nosso Diário” e também desenhos ilustrativos, sendo encontrados nesse estudo 95 diários ilustrados no período selecionado. As ilustrações, em sua maioria, representavam algum acontecimento do dia (ferramentas de trabalho, ilustração de atividades das aulas), outros desenhos eram feitos simplesmente para ilustrar os diários, sem nenhuma relação com os relatos do mesmo (uma bela paisagem feita no cabeçalho do texto).

Notaram-se mudanças na forma de apresentação dos títulos dos diários que podem estar relacionadas ao período de existência da escola e ao sentimento de pertencimento da aluna diante da mesma, como segue: “Diário”, foi encontrado logo no início da escola e era considerado apenas como uma prática pedagógica, simples registro do relato do cotidiano. O título “Meu Diário” começou a aparecer quando as alunas começaram a se sentirem responsáveis pela escrita do diário de um determinado dia, se apoderar da escrita dele. Já o “Nosso Diário”, mesmo sendo uma escrita individual, representava uma escrita coletiva das alunas que era praticado no momento da sua leitura, pois era um assunto que dizia respeito a todas e estava sujeito a correções e/ou alterações por parte dos ouvintes (professores (as) e alunas).

Os fatos eram acontecimentos que chamavam a atenção na escola, podendo ser ou não parte da rotina escolar. Em 77 diários puderam ser observados os relatos de fatos que podiam ser alegres, tristes, cômicos e censuráveis (estes quando acontecia alguma coisa que era contrário à conduta moral e ética da escola).

“Fato censurável – Uma colega encontrou um caxotinho na carpintaria e como êste estava muito tempo jogado Sr. Gabriel deu-lhe o caxotinho. Outra, dizendo que era seu, o caxotinho remexeu o guarda roupa da colega arrancando o caixotinho e espatifando seus objetos e ainda deixando um escrito malcriado causando grande choro a outra e a sua irmã. Sugestão: Acho que não devemos mecher em objetos das colegas sem ordem da dona”. (LLP51)

“Fato alegre – chegada do Dr. João Antunes”. (JMA50)

A observação do tempo era o registro meteorológico do dia feito pelas alunas. Colocavam as informações sobre a direção do vento, a temperatura e demais aspectos do tempo, além de possuir relatos de uma admiração, minuciosa e bucólica da natureza, como pode ser visto em 101 diários, e representado nas falas seguintes:

“Observação do tempo” “Vento – Leste para Oeste” “Horas – 6.30 manhã”  
“Temperatura – Quente” “Aspecto – Enfumaçado” “Cerração – Bruma sêca” (NPS51)

“Amanhecera. Acordei com o canto melodioso dos pássaros trinando alegres e saltitando de galho em galho, nos eucaliptos frondosos. A manhã estava clara e bonita. O céu estava nublado, mas o sol de vez em quando mostrava seu sorriso quente e agradável”. (AAF50)

De acordo com Nasuti *et. al.* (2013) a percepção das pessoas sobre variações climáticas a partir da observação da natureza se fundamenta nos saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração, por narrativas orais, para apresentar as perspectivas de mudanças e suas consequências no meio ambiente natural e no modo de vida das comunidades. A bússola que retrata o clima, portanto, tem seu norte direcionado para a cultura. Sendo assim, o aprendizado das alunas sobre a observação do tempo com enfoque científico, aprendido na escola, seria de fundamental importância para o desenvolvimento do seu trabalho, uma vez que estavam sendo preparadas para voltar ao meio rural e aplicar os conhecimentos e práticas aprendidas, sempre respeitando a sabedoria popular. Cabe à elas ensinar que uma observação do tempo correta é um aliado da agricultura para melhorar o uso da terra, para ajudar a produzir o máximo de alimentos e evitar perdas.

As quadrinhas encontradas em 37 diários mostraram que podiam ser de autoria própria ou então retirada de algum livro, assim como o pensamento do dia, relatado em 55 diários.

Já os cardápios, que são os relatos dos horários das refeições e dos alimentos servidos em cada uma, foram observados em 73 diários. Foram encontrados relatos de 147 alimentos nos diários, sendo realçados o café, o pão, o arroz, o feijão, a manteiga, a carne de boi e o chá. Houve o relato de diferentes verduras e legumes, variados doces e pouca variedade de frutas, sendo a banana a mais mencionada (Quadro 1).



Quadro 1 – Relação de alimentos mencionados nos diários das normalistas, Conselheiro Mata, município de Diamantina, 2019

<b>ALIMENTOS</b>	<b>FREQ</b>	<b>ALIMENTOS</b>	<b>FREQ</b>
Abóbora	06	Fígado passadinho	02
Abóbora d'água	01	Galinha	01
Agrião	01	Geleia de jabuticaba	03
Alface	05	Geleia de tomate	02
Almeirão	03	Goiabada	01
Angu	11	Jabuticaba	02
Arroz	89	Laranja	16
Azeitonas	01	Laranjada	02
Bacalhau	03	Legumes	06
Banana	30	Leite	19
Batata	09	Leite com ovos	01
Bife	07	Lima	01
Biscoito	11	Linguiça	01
Biscoito de araruta	01	Macarronada	04
Biscoito de coco	01	Mamão	04
Biscoito de goma	01	Mandioca	03
Biscoito de polvilho	01	Manjar de laranja	01
Bolacha papá	01	Manteiga	68
Bolachinha	02	Marmelada	05
Bolinhos	01	Mel	01
Bolinhos de bacalhau	03	Melado	04
Bolinhos de batata	03	Melão	01
Bolo	08	Mexido	10
Bolo de arroz	01	Mingau	08
Bolo de farinha de trigo	01	Mingau de aveia	15
Bolo de fubá	01	Mingau de fubá	23
Bolo roial	01	Mingau de maizena	05
Brevidade	01	Mingau de trigo	02
Broinha	02	Miúdo de porco	01
Café	139	Molho	02
Café com leite	06	Molho de cebola	03
Canjica	03	Molho de ovo	02
Carne de boi	49	Molho de mamão	01
Carne de porco	09	Mostarda	02
Cebola	01	Murcela	03
Cenoura	01	Nhoque	01
Creme	02	Omelete	04
Coalhada	04	Panelada	01
Coquetel de jabuticabas	01	Pão	110
Couve	11	Pão feito em casa	02
Chá	33	Pastel de bacalhau	01
Chá de folha de laranja	05	Pé de moleque	01
Chá de canela	03	Peixe	02
Chá de congonha	02	Piluvito	01
Chá de laranja	01	Pudim de pão	01

Chá de mate	01	Quiabo	02
Chá de quebra pedras	01	Rabanete	01
Chocolate	06	Rapadura	04
Chuchu	06	Refresco de tomate	02
Creme de chocolate	01	Repolho	15
Creme de coco	01	Salada	01
Creme de laranja	01	Salada de alface	03
Creme de maisena	01	Salada de fruta	04
Creme de mingau	01	Salada de serraia(serralha)	01
Cuscuz	01	Salada de tomate	15
Doce	01	Salada fria	02
Doce de banana	02	Salsicha	01
Doce de laranja	01	Sardinha	02
Doce de leite	05	Sopa	05
Doce de limão	01	Sopa de arroz	09
Doce de limão rosa	01	Sopa de farinha de mandioca	02
Doce de mamão	07	Sopa de fubá	01
Doce de mamão com coco	01	Sopa de legumes	06
Doce de pão	02	Sopa de macarrão	16
Doce de pau de mamão	01	Talha de abacaxi	01
Empadinha	01	Talharim	01
Engrossado	01	Tomate	03
Ervas	02	Torresmo	03
Espinafre	02	Toucinho	01
Farofa	04	Tutu	04
Farofa de carne	02	Vagem	02
Feijão	84	Verdura	05
Feijão guandu (andu)	02	Visceras de porco	01
Feijoada	01		

Fonte: Diários das alunas – 1950/1954

Em 18 diários foram encontrados cardápios, apresentando os alimentos consumidos em seis refeições diárias. Normalmente na primeira refeição era servido um tipo de mingau, pão com manteiga e café. No meio da manhã, predominantemente, uma fruta in natura, mas às vezes, um pedaço de rapadura. No almoço, quase sempre, havia feijão com arroz, algum tipo de carne, verduras (em sua maioria o repolho) ou legumes e como sobremesa café ou café com leite. No meio da tarde quase sempre era servido café e pão com manteiga e eventualmente uma fruta in natura também. No jantar, além de algum tipo de sopa, quase sempre era servido o feijão com arroz, algum tipo de carne, verduras ou legumes e como sobremesa prevalecia os doces. No lanche noturno chá, leite, pão e biscoitos (Quadro 2).

Quadro 2a – Cardápios relatados nos diários das normalistas, Conselheiro Mata, município de Diamantina, 2019

1950-1954		CARDÁPIOS COMPLETOS					
DATA	DIA DA SEMANA	Desjejum/ 1ª refeição	Lanche	Almoço	Merenda/Lanche	Jantar	Lanche noturno
08.04.52	Terça feira	Mingau de fubá, pão com manteiga e café.	Banana	Feijão, arroz, angu, carne com chuchu e quiabo, farofa de carne. Sobremesa: leite e café.	Café e pão com manteiga.	Sopa de arroz, feijão, arroz, ensopado de chuchu com carne e bife. Sobremesa: doce de mamão ralado.	Chá e pão.
16.04.52	Quarta feira	Mingau de trigo e pão com manteiga e café.	Laranja e banana	Feijão, arroz, abóbora, galinha e farofa. Sobremesa: leite e café.	Café com pão e manteiga.	Sopa, feijão, arroz, macarronada, carne. Sobremesa: doce de mamão e café.	Chá.
06.09.52	Sábado	Mingau de aveia, café com pão e manteiga.	Bananas.	Feijão, arroz, bife e repolho.	Café com pão e manteiga e laranja.	Sopa de farinha de mandioca, feijão, arroz, repolho, carne e farofa. Sobremesa: banana.	Chá de folha de laranjeira e biscoitos.
09.09.52	Terça feira	Mingau de aveia, café com pão e manteiga.	Laranja	Feijão, arroz com repolho e carne com batatinha.	Café e pão com manteiga.	Sopa de macarrão, feijão, arroz, carne cozida e couve. Sobremesa: manjar de laranja.	Chá da congonha com bolo de farinha de trigo.
09.09.52	Terça feira	Mingau de aveia, café com pão e manteiga.	Laranja	Arroz com repolho, batatinha com carne e feijão. Sobremesa: café.	Café com pão e manteiga e banana.	Sopa de legumes, feijão arroz, couve e carne cozida. Sobremesa: creme de laranja e café.	Chá.
11.09.52	Quinta feira	Mingau de fubá, café com pão e manteiga.	Rapadura	Feijão, repolho, bacalhau com molho.	Café com pão e manteiga.	Sopa de macarrão, feijão, arroz, salada de alface e bolinhos de batata.	Chá de laranja e brevidade.

Quadro 2b – Cardápios relatados nos diários das normalistas, Conselheiro Mata, município de Diamantina, 2019

15.09.52	Segunda feira	Mingau de aveia, café com pão.	Laranja	Feijão, arroz, carne e repolho. Café.	Cafê com pão.	Sopa de macarrão, feijão, arroz e batatinha com carne. Banana e café.	Canjica com leite.
17.09.52	Quarta feira	Mingau de maisena e café com pão e manteiga.	Laranjas	Feijão, arroz, couve, carne com batatinha. Sobremesa: café.	Cafê com pão e manteiga e banana caramelada.	Feijão, arroz, salada de alface e panelada. Sobremesa: creme de maizena com calda de mel e café.	Chá de canela.
22.09.52	Segunda feira	Mingau de aveia e pão com manteiga e café.	Banana	Feijão, arroz, couve, carne. Sobremesa: café.	Cafê e pão com manteiga e creme de maisena.	Sopa de macarrão e verduras, feijão, arroz, mamão	Chá de folha de laranja e bolo.
23.09.52	Terça feira	Mingau de maisena e pão com manteiga e café.	Banana	Feijão, arroz, carne de boi, angu e engrossado.	Cafê com leite, pão com manteiga.	Sopa de legumes, feijão, arroz, couve, carne com cenourinha. Sobremesa: doce de leite e de mamão.	Chá de mate e biscoito de coco.
24.09.52	Quarta feira	Mingau de fubá, pão com manteiga e café.	Banana	Feijão, arroz, feijão guandu com carne e angu.	Cafê com pão e salada de mamão.	Sopa de arroz com legumes, feijão, arroz, bolinho de batatas, verduras e molho. Sobremesa: creme de chocolate, pão com manteiga.	Chá.
24.09.52	Quarta feira	Mingau de fubá, pão com manteiga e café.	Banana	Feijão, arroz, almeirão, feijão guandu com carne.	Cafê com pão e manteiga e salada de mamão e banana.	Sopa de arroz com legumes, feijão, arroz, alface e bolinhos de batatinha.	Chá de canela com biscoito de polvilho.
10.10.52	Sexta feira	Mingau de fubá, café e pão e manteiga.	Rapadura	Feijão, arroz, omelete, molho de mamão. Sobremesa: café.	Cafê, pão com manteiga e biscoito.	Sopa de farinha, arroz, feijão, fígado passado, alface e tomate. Sobremesa: doce e café.	Leite.
20.10.52	Segunda feira	Mingau de fubá, pão com manteiga e café.	Piluvito	Feijão, arroz, farofa de carne e ervas.	Cafê com pão, refresco de tomate e mandioca com melado.	Sopa de macarrão, feijão guandu tinha com carne. Sobremesa: doce de leite.	Leite.
21.10.52	Terça feira	Mingau de aveia e café com pão.	Banana	Feijão, arroz, carne de porco, molho e verdura.	Cafê, refresco de tomate, pão com geleia de jabuticaba.	Sopa de macarrão e legumes, feijão, arroz, vagem, carne e tomate. Sobremesa: banana e café.	Chá quebra pedras e bolachinhas.
24.10.52	Sexta feira	Cafê, coalhada, pão com manteiga.	Banana	Feijão, arroz, carne, angu, tomate.	Pão com café e leite.	Sopa de macarrão, feijão, arroz, carne com tomate.	Chá.
06.03.54	Sábado	Mingau de trigo, café e pão com manteiga.	Uma banana maiúscula	Feijão, arroz, carne, bifê, melão e angu. Sobremesa: leite e café.	Cafê com pão e manteiga e canjica com leite.	Feijão, arroz, carne, molho de cebola, almeirão. Sobremesa: banana frita.	Chá com pão.
20.08.54	Sexta feira	Mexido, café com pão e manteiga.	Banana e laranja	Feijão, arroz, angu, repolho e carne de boi. Sobremesa: café e leite.	Cafê com pão e manteiga e cuscuz.	Sopa de macarrão, arroz, tutu, tomate e carne passadinha. Sobremesa: pé de moleque, café e marmelada.	Chá de canela com pão.

O Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB) recomenda o consumo de três grandes refeições com a realização de lanches nos intervalos, o que significaria a realização de cinco a seis refeições por dia. Recomenda o consumo diário de uma porção de leguminosas, sendo a combinação de arroz com feijão considerada uma alimentação tradicional brasileira, nutricionalmente rica, adequada e completa em proteínas. O GAPB também recomenda a necessidade da presença de três porções de frutas e três porções de legumes e verduras; seis porções de tubérculos, raízes e cereais, sendo os cereais integrais priorizados; uma porção de carnes e ovos e três porções de leite e derivados no consumo diário. Preconiza a ingestão diária de no máximo uma porção de doce (Brasil, 2014).

Os diários apresentam seis refeições, com alimentos variados e saudáveis, onde provavelmente as verduras, frutas e hortaliças eram cultivadas na própria escola. Dificilmente faltava, em uma das grandes refeições, o feijão com arroz. Pode ser percebido que a oferta de verduras e frutas nas refeições era pequena e sem muita variedade, o que pode ser atribuído à sazonalidade e ao grande número de pessoas que se alimentavam na escola. Vale lembrar que em nenhum momento foi percebido que a produção da horta ou de outros cultivos tinha margem de sobra para doar ou negociar, somente para consumo próprio. Contudo, vale ressaltar que a escola apresentava um pomar com frutas sazonais que poderiam ser consumidas sem serem relatadas dentro dos cardápios nos diários.

Sendo assim, os cardápios mostram que uma alimentação saudável era oferecida na escola, podendo funcionar como uma ferramenta de aprendizagem, pois a vivência de hábitos alimentares saudáveis, organização do número, composição e horários das refeições, proporcionava às alunas um aprendizado, inculcando hábitos alimentares e nutricionais que poderiam ser reproduzidos nas comunidades de origem.

Pela leitura de 14 diários, principalmente do ano de 1950, pode-se perceber que a escola funcionaria com dois cursos ao mesmo tempo: o Curso de Treinamento que era para quem já dava aulas na zona rural e que, muitas vezes, não tinha formação para tal e cuja duração era de meses, e o Curso Normal que era para quem queria se formar enquanto professora para atuar no meio rural, com duração de quatro anos. Quando as primeiras alunas chegaram, a escola não estava totalmente montada para recebê-las, ainda estava sendo organizada, como pode ser observado, visto tamanha alegria relatada por ocasião da chegada de materiais, móveis e utensílios, que chegavam gradualmente, e pela chegada das novas alunas e da necessidade e prazer em dividir as camas algumas vezes. Chamavam a escola de “nossa casa”.

“Quando descemos para almoçar, ficamos radiantes, pois havia chegado um volume trazendo talheres, manteigueiras, colherinhas para chá, bacias, açucareiros, xícaras de chá, etc., também a máquina de costura que há dias esperávamos, chegou hoje. Essa fôra alugada de uma senhora daqui. Recebemos ainda seis mesinhas e seis guarda-roupas. Tudo que chega nos dá muito prazer, porque não só estavam fazendo falta, como também vamos compondo nossa casa que estava completamente vazia”. (ECR50)

“As que haviam ido a estação chegaram trazendo duas moças para o Curso de Treinamento... Damos graças a Deus quando chega uma colega, porque aqui o trabalho é muito e os operários são poucos”. (RPA50).

De acordo com os diários a escola apresentava uma proposta para uma formação completa e diferenciada, com um currículo contendo disciplinas básicas de conhecimento, de formação pessoal, cultural e social como ginástica, biblioteca, economia doméstica, higiene, desenho e caligrafia, francês, geografia, português, matemática, ciências, agricultura, pedagogia, psicologia, socialização, religião, entre outras. Além de aulas teóricas e práticas dos conteúdos, existiam também os clubes: Agrícola, Ciências, Geografia, Leitura, Histórico-Geográfico, Pedagógico e o Grêmio Literário. Todos tinham diretoria eleita entre as alunas e eram responsáveis por promover reuniões pontuais, com programações próprias referentes ao objetivo de cada um. Tais agremiações faziam parte das práticas pedagógicas para desenvolver a organização, o sentimento de responsabilidade, de cooperação, ética, moral, civismo, além do conhecimento de uma forma diferenciada.

Foi citada uma reunião para a mudança da direção da Loja Escolar, elegendo pessoas para os cargos de presidente, contadora e caxeira, como também da necessidade de escrever artigos para o jornalzinho da escola. A Loja Escolar e o jornal da escola foram citados em quatro e cinco diários respectivamente.

“D<sup>a</sup>. Rosa e Ilka Soares e ainda as alunas do curso de Treinamento fizeram uma reunião para mudarem a diretoria da Loja Escolar, ficando assim eleitas a Terezinha Malheiros para presidente, Maria Rita para contadora e Diva para caxeira”. (ITS50)

“É de notar-se que hoje saiu mais um número do” A Semente”, jornal do CRT com novo cabeçalho, muito instrutivo”. (MSL54)

Na leitura de dois diários também apareceu a existência de uma cooperativa.

“Enquanto isso, D. Lidimanha e as colegas da nova e da velha diretoria davam balancete na cooperativa”. (DN52)

Provavelmente a loja escolar e a cooperativa tinham como função fornecer às alunas materiais escolares e produtos de higiene pessoal, funcionando também como uma ferramenta de aprendizado, uma vez que as próprias alunas eram responsáveis pela organização e administração desses espaços.

As aulas de música e canto foram realçadas em 40 diários. Elas aprendiam músicas religiosas, populares, infantis e folclóricas, para participarem das festividades cívicas e religiosas da comunidade e nos eventos da escola. Existem relatos do canto em diversos momentos do cotidiano, servindo também como uma forma de lazer.

“Após o lanche fomos à estação acompanhando o Revmo. Padre Aleixo que seguiu para Diamantina. Então fomos cantando o alecrim, o serenô e tantas outras canções bonitas”. (AGA50)

A partir da apresentação de um projeto apresentado por Heitor Villa-Lobos, o canto orfeônico foi instituído como obrigatório nas escolas uma vez que vinha de encontro as mudanças propostas pelo governo na época, funcionando com uma ferramenta de disciplina, civismo e educação artística, não deixando de ser também uma prática higienista. A prática do canto era facilitada por ser a voz o único instrumento necessário e as pessoas não precisarem ter conhecimento técnico musical para seu aprendizado, conseguindo assim popularizar o canto orfeônico (Silva, 2008).

Observou-se também que as alunas aprendiam a organizar uma biblioteca e os cuidados necessários para manuseio e conservação dos livros. O contato com os livros poderia despertar o gosto pela leitura, pois além de conhecimento, o livro também garantia uma bela distração, possibilitando experiências inimagináveis para elas.

“Esta nos ensinou como formar uma biblioteca, que depois de formada é preciso catalogar, etc. Tiramos proveito dessa aula, o catálogo por exemplo aprendemos fazer”. (RPA50)

Segundo Wellichan e Faleiro (2017) as bibliotecas podem ser consideradas como instrumentos auxiliares no processo ensino-aprendizagem, uma vez que oferecem um ambiente favorável ao aprendizado, com ferramentas e suportes informacionais que contribuem para o desenvolvimento, reflexão e discussão dos professores e alunos. Sendo assim, a preparação das alunas da escola de Conselheiro Mata para a administração de uma biblioteca torna-se importante, pois segundo as autoras, o bibliotecário pode também

contribuir significativamente, seja ensinando sobre técnicas de pesquisa, ou no próprio ato de buscar o desejado em materiais virtuais ou impressos.

Foram percebidos aspectos de religiosidade nos diários quando são referendadas as orações matinais e noturnas, as idas à Igreja para as missas e os terços, o respeito ao jejum quando iam participar da comunhão, aulas de Catecismo ofertadas às crianças da comunidade no domingo, ao aprendizado de cânticos religiosos para as missas e comemorações dos dias dos Santos, e fé nas orações que faziam para terem forças para superar a saudade de casa e da família.

“Ao despertar-me ainda julgava estar em casa mas abrindo os olhos vi o ambiente em que me achava. Imediatamente recordo dos filhos e das obrigações de casa e eis que me desperta grandes saudades, mas elevando o pensamento em Deus passou-me aquela sensação e a paz minhas orações, levantei-me [...]”. (MCS50)

O Ensino Religioso foi mantido como obrigatório para os estabelecimentos públicos, sendo ministrado, segundo a confissão religiosa dos alunos, assegurando a liberdade religiosa (Caetano e Oliveira, 2006). Devido a predominância da religião católica, ela se mostrou como um aspecto marcante na formação das alunas, como encontrado em 83 diários.

Em relação à saúde das alunas, em 11 diários, havia relatos sobre a pesagem periódica das mesmas, demonstrando preocupação com o peso, cujo motivo e nem a sua finalidade apesar de não serem explicados nos relatos apresentados, pode estar relacionado a um acompanhamento por parte da escola no desenvolvimento das mesmas. As alunas eram pesadas inicialmente no armazém da comunidade, passando depois a serem pesadas no ambulatório da escola, como mostra as falas abaixo:

“Como era o dia determinado para a pesagem de todas as alunas, nós que íamos ser pesadas tomamos mesmo só o café [...]”(RPA50)

“Dirigimos todas para o armazém. Foram pesadas primeiramente as alunas do Curso de Treinamento, porque tinham que fazer testes. Chegamos em casa tomamos café com pão e manteiga e mingau.” (TMM50)

Foi relatado em dois diários um sarau, também chamado hora social, que ocorria após o jantar, por ocasião de visitas de pessoas importantes, conforme a seguir:

“Logo em seguida tivemos uma hora social que foi aberta pelo Dr. Roberval nosso digníssimo professor que declamou uma poesia. Depois passou a palavra à professora Cleonice que também declamou. E seguiram as alunas do curso Normal e



Treinamento. [...] declamou a poesia as “Duas sombras” [...]”As três coroas” [...]cantou ”Chuá chuá” [...] “Serenata de Chubert” [...] “Céu Azul”.” (RP50)

Havia uma ordem, um rodízio de escrita dos diários pelas alunas de cada série, sendo escrito somente por uma aluna a cada dia, de cada série. Para fazer a leitura era sorteado um dos quatro diários escritos, ou seja, quatro séries quatro diários, para fazer a leitura.

A leitura dos diários era feito pelas próprias alunas e ocorria logo após o jantar e que depois passou a ser lido após o almoço, no mesmo local das refeições, a não ser quando tinham visitas ou alguma comemoração, mas nunca deixavam de serem lidos. Era mais uma forma de socialização das alunas, onde palavras e expressões pouco usuais poderiam ser compartilhadas pelas colegas, além de ser um momento de avaliação por parte dos professores e diretora que sempre estavam presentes, sendo percebido também que a prática da escrita e a leitura oral do diário estavam interligadas.

“Até que enfim chegou o dia do meu diário [...].” (MRF50).

“Hoje, sendo o dia do meu diário, não pude deixar de amanhecer um pouco preocupada, pois, tudo pela primeira vez parece mais difícil. [...] não pude deixar de lembrar que era dia do Glorioso São Geraldo. Fiquei muito contente de ser escolhido para meu diário esse dia tão feliz.” (JF50).

As alunas tinham uma rotina com horários estabelecidos para cada atividade diária, levando a evidenciar que a organização do tempo e do espaço era de grande importância não só para o funcionamento da escola, mas principalmente para a formação das mesmas. A rotina é uma sequência dos procedimentos, dos costumes habituais. Modo como se realiza alguma coisa, sempre da mesma forma, caminho habitual, que se faz todos os dias (Dicionário Aurélio). Assim a rotina serve para nortear a prática, mostrando às alunas que o planejamento é fundamental e que sem ele, as atividades podem se transformar em uma sequência sempre igual e sem significado, além de ser também uma ferramenta de disciplina e controle (Soares e Bencini, 2005). Segundo Escolano (1998), o tempo não é algo “natural” ao indivíduo, mas que deve ser aprendido culturalmente e, portanto experimentado. Faria Filho (2004) também reforça a importância e a influência do tempo no processo educativo dizendo que, seja para produzir e intensificar ou para derrubar e enfraquecer, o tempo escolar não poder ser separado das relações e tempos sociais que a escolar está inserida.

A rotina diária das alunas era organizada alternando estudos, atividades domésticas, lazer e descanso, além de atividades sociais e práticas religiosas (Quadro 1). A materialização

do tempo tinha o sino como suporte, uma das ferramentas utilizadas para manter a ordem e a disciplina na instituição, pertinente à proposta educacional e ao sistema de internato da escola.

Quadro 3 – Rotina diária das alunas do curso Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, Conselheiro Mata, município de Diamantina, 2019

Rotina de segunda-feira a sábados	
Horários	Atividades
6 horas	Levantar/ higiene pessoal
6 horas 30min.	Exercícios físicos ou estudos
7 horas	Café / tarefas domésticas
8 horas	Aula
9 horas	Merenda
10 horas	Aula
11 horas	Almoço / Repouso
13 horas 30min.	Aulas
15 horas	Lanche
15 horas 30min.	Aulas
17 horas	Banho
18 horas	Jantar
19 horas	Reza do terço / Estudos
21 horas	Lanche noturno/Deitar

Fonte: Diários das alunas – 1950/1954

Na Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, a rotina começava muito cedo e ocupava todo o dia das alunas com atividades pertinentes ao curso. As atividades começavam às 6:00 horas, em jejum, com aulas de educação física, também chamadas de aulas de ginástica, até por volta das 6:30 horas. Por volta das 7:00 horas era servida a primeira refeição do dia.

Após o desjejum as alunas iam fazer as tarefas domésticas, de acordo com 82 diários e, para isso, eram divididas em grupos para as atividades de limpeza, de cozinha e de agricultura. A turma da limpeza cuidava da limpeza e organização da escola propriamente dita; a turma da cozinha era responsável, durante todo o dia, para auxiliar nas tarefas da

cozinha, desde o preparo até o servir das refeições e da arrumação pós-refeições; e a turma da agricultura ficava responsável pelos afazeres da horta, do jardim, do pomar e demais tarefas correlatas. De acordo com uma lista de divisão de tarefas que era feita pela Diretora, as alunas se revezavam, quinzenalmente, nas atividades diárias para que todas pudessem aprender de tudo um pouco. Elas eram responsáveis por quase todas as tarefas caseiras da escola, ficando somente as atividades consideradas mais pesadas e a cozinha sob a responsabilidade de outras pessoas.

Às 9:00 horas era servido, em sua grande maioria, uma fruta para que as alunas conseguissem esperar até o horário do almoço e iam para as aulas teóricas.

O almoço era servido entre 11:30 e 12:00 horas. Segundo elas, toda vez que o almoço era servido mais tarde que o horário normal era chamado de “jantarado” ou “ajantarado”, o que ocorria sempre aos domingos.

Em 81 diários foi mencionado o repouso obrigatório após o almoço que, como todas as atividades, tinha um tempo determinado de 50 minutos, que depois de certo tempo foi estendido para uma hora.

“Depois do almoço fomos para o repouso, mas só para obedecer D. Lidimânia, embora sabemos que é preciso, porém queríamos terminar nossos trabalhos”. (ECR50)

“O almoço estava ótimo. Conversamos um pouco e fomos descansar 50 minutos[...]” (ECR50)

“Fomos repousar. Agora que aumentou o horário deste gostei bastante, pois, a coisa que mais aprecio é um bom descanso geral, durante o dia”. (WMAS52)

Segundo as alunas o repouso era bom para a saúde, tanto física como mental. Corroborando com Alessandro:

“Quando estamos dormindo, o nosso cérebro trabalha muito! E enquanto nosso corpo está em repouso, ele, o cérebro, está a todo vapor e ativa algumas áreas como, por exemplo, atenção, emoção e motivação. É neste momento que confirmamos nossa memória e guardamos tudo o que aprendemos. Ele é responsável pelo processo intelectual”. (Alessandro,2015)

Terminado o repouso iam para os trabalhos em equipe, que eram aulas práticas de algumas disciplinas essenciais na formação das mesmas, mas que só conseguiriam ser desenvolvidas em grupos. Eram aulas de corte e costura, carpintaria, trabalhos manuais e agricultura, que faziam parte de uma disciplina chamada Economia Doméstica (133 diários).

O Clube Artístico era também considerado trabalho em equipe muito ativo, cujo funcionamento se diferencia dos demais clubes da escola. Por ser responsável pela confecção de diversos tipos de produtos (artesanato, enfeites para datas comemorativas, brinquedos infantis, organização de festas, etc.) necessários para o desenvolvimento de atividades internas e também externas à escola, tinha suas tarefas executadas no mesmo horário das demais e todos os dias, como mostra 53 diários.

O lanche da tarde era servido entre 15:00 e 15:30 horas e as alunas retornavam para as salas de aula. O jantar era servido das 17:30 às 18:00 horas.

A existência de um momento livre, após o jantar, na rotina das alunas foi percebido na leitura de 41 diários, como um momento de conversas, brincadeiras, diversão, ou seja, momentos de lazer e descanso.

O recolhimento aos quartos para dormir se dava entre 21:00 e 21:30 horas, e assim se encerrava um dia da rotina das alunas da Escola Normal Regional Joaquim Silvério de Souza.

Aos domingos a rotina era diferenciada, uma vez que o dia começava com a Santa Missa e era preenchido com afazeres mais direcionados à comunidade, como aulas de catecismo, palestras, filmes, recreação com as crianças, passeios pela redondeza da escola, dentre outras atividades. Eventualmente faziam viagens e excursões direcionadas à aprendizagem.

Como a rotina da escola era adaptada na intenção de melhorar o desempenho acadêmico e também para não haver desperdício de tempo, ao longo dos anos o momento de estudo teve o seu horário trocado. O estudo que era logo após o repouso, foi remanejado para a noite, logo depois do horário livre, de acordo com 36 diários; e a distribuição das aulas em equipe juntamente com as teóricas, foi percebida pela leitura de 73 diários. Dentre as alterações e visando o bem estar das alunas, D. Lidimanha, enquanto Diretora, também alterou o momento da leitura dos diários.

“... D.Lidimanha avisou-nos que os diários, deverão ser lidos depois do almoço; porque, assim teremos algum tempo para recrearmos, depois do jantar...” (MCR54)

As escolas normais rurais foram planejadas para despertar o gosto pelo campo, hábitos de higiene e alimentação das alunas, visando a melhoria de vida do homem do campo pelo método do “aprender fazendo”. Para esses saberes foram oferecidas as disciplinas relacionadas com a saúde como higiene e enfermagem e, a agricultura, carro chefe da escola,

no quesito alimentação saudável. A higiene era aplicada em todo momento no dia a dia da normalista, a começar pela pessoal, no raiar do dia, quanto no trato dos afazeres da escola. Na enfermagem aprendiam a conhecer, diagnosticar e tratar várias doenças, além de curativos, aplicação de injeções, etc.

Observou-se que apesar de todas as dificuldades encontradas por elas, desde o fato de ter que sair de casa e encarar um sistema de internato, onde muitas ficavam impedidas de visitarem seus lares, várias vezes pela distância e meio de transporte, quanto pela precariedade da infraestrutura inicial que as primeiras alunas encontraram, em nenhum momento foi percebido desânimo, arrependimento ou vontade de abandonar o curso. Participavam da vida da comunidade, assim como promoviam eventos internos para a comunidade externa.

A escrita produzida por alunos apresenta indícios sobre a vida escolar, suas práticas, valores e símbolos, gerando então uma cultura específica. Segundo Dominique Juliá (2001) a cultura escolar é uma mescla de normas e práticas, aquelas “que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar” e como um conjunto “que permite a transmissão desses conhecimentos e a incorporação de comportamentos”. A rotina da escola de Conselheiro Mata foi inserido dia a dia na vida das alunas, sendo o diário um exercício constante do registro das práticas presentes no cotidiano, permitindo considerar a escola como uma instituição com cultura própria.

Concordando com Hérbrard (2001) “o estudo dos cadernos escolares nos mostra que, através do exercício, passa a acontecer tanto uma técnica do corpo, como, também, uma técnica intelectual específica feita do saber fazer gráficos. Fazer exercícios é aprender a apresentar”.

Segundo Lejeune (2008), o diário é uma prática de escrita de formato e de conteúdo livre e que precisa ter algumas características como ser lacunar, alusivo, descontínuo, não narrativo e ter um suporte.

Sendo assim, o diário das alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, é o relato cronológico do cotidiano, com atividades devidamente distribuídas em uma rotina rígida que era registrada de forma ordenada, em folhas de papel ao maço e datadas. Sendo a escrita dos diários uma prática da escola, previamente definida e orientada, poderia ser considerado como um gênero narrativo e não como um diário.

Os diários poderiam ser mais um retrato da realidade proposta por Antipoff do que a realidade vivida, sendo mais uma proposta educativa do que uma prática cotidiana, uma vez que a leitura pós jantar do mesmo impunha certa repressão na sua elaboração. Contudo, se por um lado os diários podiam ocultar algumas práticas diárias, ao mesmo tempo, revelava um processo de disciplinarização, limitação e a relação de poder testados cotidianamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas normais rurais foram planejadas com o objetivo de ampliar o universo cultural das alunas, despertar-lhes o amor pelo campo, o gosto pelo trabalho, assim como desenvolver hábitos de higiene, alimentação, lazer e trabalho. Tal objetivo pôde ser percebido pelos relatos dos diários, que narram sobre as práticas pedagógicas inovadoras, fazendo com que se tornassem a identidade das referidas escolas.

Na análise dos diários ficaram evidentes o currículo real e a aplicação da proposta pedagógica de Antipoff para a educação rural, através das atividades práticas desenvolvidas nos cursos, como a valorização dos elementos culturais, morais e cívicos, tornando-se um grande diferencial na formação das alunas. A participação nos clubes e grêmios privilegiou o espírito de liderança e cooperativismo das alunas. A formação de normalistas preconizava o retorno ao meio rural e a aplicação dos métodos aprendidos na escola.

Evidenciou-se que, o que se destacava na vida escolar cotidiana não eram as aulas, embora oferecesse um vasto conhecimento, essencial para o seu trabalho. Na percepção das alunas, as práticas constituíam a parte mais importante do currículo, pois eram elas que davam sentido aos estudos e ao cotidiano da escola.

A escrita dos diários configurou-se como uma prática cultural que se manifestou em atividades, saberes, autoridades e relações de poder. Nos diários foi possível perceber as relações de poder estabelecidas na instituição.

Na escrita de seus diários, as alunas refletiam sobre suas práticas e experiências, considerando a possibilidade de desconstrução e reconstrução e a reavaliação de conceitos, na forma de verem o mundo por meio da instituição.

O diário foi percebido não só como um instrumento de formação, uma simples prática pedagógica de desenvolvimento pessoal, mas também como um elemento de recuperação da história da Instituição e das próprias alunas. Tornou-se um registro da cultura gerada pelo estabelecimento em todos os seus aspectos, podendo ser enquadrados como objetos históricos, responsáveis pelo registro material dos acontecimentos da época.

## REFERÊNCIAS

ALESSANDRO, M. A importância do sono para o sucesso da aprendizagem infantil. Educação Multidisciplinar Tutores, 2015. Tutores Brasil. Disponível em:

<<https://tutores.com.br/blog/a-importancia-do-sono-para-o-sucesso-da-aprendizagem-infantil/>> Acessado em 21.01.2020.

ANDRADE, Therezinha. O que os diários revelam: práticas de formação de professores para a escola rural. Curso Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo – Ibitaré, Minas Gerais, 1956 -1959. 2006. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC MINAS, Belo Horizonte, 2006.

AURÉLIO - Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em:

<<https://www.dicio.com.br/aurelio/>>. Acesso em 21.01.2020

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CAETANO, M.C., OLIVEIRA, M.A.M. Ensino Religioso: sua trajetória na Educação Brasileira. Anais Eletrônicos do IV Congresso Brasileiro de História da Educação, Goiânia – Universidade Católica de Goiás - 2006. Disponível em:

<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/index.htm>> Acesso em 25.01.2020.

CAMPOS, R. H. F.; LOURENÇO, E. O método da experimentação natural de Lazursky: sua aplicação nas propostas educacionais de Helena Antipoff em Minas Gerais (1932-1974). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1, 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SBHE, 2000.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff (Coleção Educadores). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.



CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositivo sem Autor - cadernos e fichários na escola primária, IN: Revista Brasileira de História da Educação, SBHE: Campinas, 2002.

COMUNIDAD B.. Os 8 objetivos da biblioteca escolar no processo educacional. Tradução por InFoco, 2019. Disponível em:

<<https://medium.com/infoconabiblio/os-8-objetivos-da-biblioteca-escolar-21e7a1db8bee>>.

Acesso em 21.02.2020

DIAS, A.G.S. Práticas de escrita: manuscritos das alunas da Escola Rural de Conselheiro Mata (Diamantina, MG) – 1950-1962. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2017.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo IN: Currículo, Espaço e Subjetividade a arquitetura como programa. FRAGO, Antonio Viñao, ESCOLANO, AGUSTÍN. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

FARIA FILHO L.M. *et al*, A Cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação, IN: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, nº 1, p. 139-159, jan / abr. 2004.

HÉRBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas: Autores Associados, 2001.

JULIÁ, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. IN: Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n.1, jan. jun/2001. Tradução de Gizele de Souza.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Org.: Jovita Maria Gerheim Noronha. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MINAS GERAIS. *Lei 291*, de 24 de novembro de 1948. Cria Dois Estabelecimentos De Ensino Normal. Disponível em: <<http://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-291-1948-minas-gerais-cria-dois-estabelecimentos-de-ensino-normal>> Acesso em 10.12.2018

NASUTI, S., CURI, M.V., SILVA, N. M., ANDRADE, A. J. P., IBIAPINA, I., SOUZA, C. R., SAITO, C. H. Conhecimento Tradicional e Previsões Meteorológicas: Agricultores Familiares e As “Experiências de Inverno” no Semiárido Potiguar. Documentos Técnico-Científicos. *Rev. Econ. NE*, Fortaleza, v. 44, n. especial, p. 383-402, jun. 2013. Disponível em: <<https://ren.emnuvens.com.br/ren/article/viewFile/37/19>>. Acesso em 21.02.2020

PINTO, Helder de Moraes. A Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza de Diamantina e a formação de professores para o meio rural mineiro: 1950-1970. 2007. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - PUC Minas, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Marcos Vicente Almeida. Maria Izabel Vieira Cardoso; Sheila da Silva Santos Goes . Brasil novo, composto por Villa-Lobos nos anos de 1937-1945: matéria de estudos historiográficos. 2008 (Educação). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000280.pdf>>. Acesso em 10.01.2020

SOARES, C.; BENCINI, R. Quatro razões para fazer da rotina sua aliada. *Revista Nova Escola*, 2005. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1868/quatro-razoes-para-fazer-da-rotina-sua-aliada>>. Acesso em 20.12.2019

WELLICHAN, D.S. P., FALEIRO, R.M.C. "A Importância e a Contribuição da Biblioteca no Ambiente Escolar" em *Só Pedagogia*. 2017. Virtuosa Tecnologia da Informação, 2008-2020. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/bibliotecaescolar/index.php>>. Acesso em 25.01.2020

### CAPÍTULO III

Renata Maria Moreira da Silva Cordeiro<sup>1</sup>, João Victor Leite Dias<sup>2</sup>, Herton Helder Rocha Pires<sup>3</sup>

1 Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Pedagoga, [renata.cordeiro@ufvjm.edu.br](mailto:renata.cordeiro@ufvjm.edu.br),

Orcid 0000-0003-4555-6961

2 Doutorado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Docente, [joao.dias@ufvjm.edu.br](mailto:joao.dias@ufvjm.edu.br),

Orcid 0000-0002-7367-3826

3 Doutorado, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Sociedade e Ambiente, Docente, [hhrpires@yahoo.com.br](mailto:hhrpires@yahoo.com.br)

Orcid 0000-0002-6335-3810

**QUESTÕES DE SAÚDE QUE ENVOLVIAM A VIDA E O APRENDIZADO DAS ALUNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA, DISTRITO DE CONSELHEIRO MATA, MUNICÍPIO DE DIAMANTINA, MINAS GERAIS, NA DÉCADA DE 1950.**

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar o cotidiano das alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, buscando por questões de saúde que envolvia a vida e o aprendizado das mesmas, por meio de entrevista de ex-alunas que estudaram no primeiro ciclo de formação na escola. Também foram analisados documentos escolares para entendimento e esclarecimento de situações que envolviam a entrada e permanência das normalistas na escola. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa. Foram percebidas, por meio da análise de conteúdo das entrevistas, oito categorias de trechos de sentido comum, sendo que duas levaram ao entendimento sobre a saúde das alunas, tanto no que diz respeito ao aprendizado como à assistência delas na escola. Havia um ideal médico higienista que precisava ser divulgado e apropriado pelos sujeitos, sendo, portanto o discurso que embasava as atividades direcionadas para as professoras/alunas, que visavam à formação de um cidadão higienizado, saudável e civilizado. A análise realizada indica que a escola prezava pela qualidade do ensino em saúde e também pela assistência às alunas, garantindo um médico e uma enfermeira na escola, para lecionar e assistir às mesmas. A escola também ofertava uma alimentação saudável, exigia a prática de hábitos de higiene individuais e coletivos e oportunizava consultas periódicas.

**Palavras chave:** rotina; saúde; diário; escola rural; prática de ensino.

**HEALTH SUBJECTS ABOUT LIFE AND LEARNING OF STUDENTS AT DOM  
JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA REGIONAL NORMAL RURAL SCHOOL,  
DISTRICT OF CONSELHEIRO MATA, DIAMANTINA CITY, MINAS GERAIS, IN  
THE 1950S**

**ABSTRACT**

This article's goal is analyze the students daily lives at Dom Joaquim Silvério de Souza Regional Normal Rural School, looking for health issues about their life and learning, through interviews with students graduated in the school's first training cycle. In addition, school documents were also analyzed to understand and clarify situations about the students entry and permanence. This is a qualitative study. Through the contents analysis of interviews were perceived eight categories of same type snippets – two of which led to students health understanding, both with regard to learning and their assistance at school. There was a hygienist medical dream that needed to be propagated and appropriated by people, that became the discourse responsible to support the activities directed at the teachers and students aimed at a sanitized, healthy and civilized citizen's formation. The analysis indicates that the school was really worried about health education quality and students assistance, ensuring a doctor and a nurse at the place to teach and assist the students. The school also made available a healthy diet, periodic medical appointments, and inspected individual and collective hygiene habits.

**Keywords:** routine; health; daily; rural school; teaching practice.

**TEMAS DE SALUD SOBRE LA VIDA Y EL APRENDIZAJE DE LOS ESTUDIANTES  
EN LA ESCUELA RURAL NORMAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE  
SOUZA, DISTRITO DE CONSELHEIRO MATA, CIUDAD DE DIAMANTINA,  
MINAS GERAIS, EN LA DÉCADA DE 1950**

**RESUMEN**

El objetivo de este artículo es analizar la vida diaria de las estudiantes en la Escuela Rural Normal Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, buscando problemas de salud sobre su vida y aprendizaje, a través de entrevistas con estudiantes graduadas en el primer ciclo de capacitación de la escuela. Además, los documentos escolares también fueron analizados para comprender y aclarar situaciones sobre la entrada y permanencia de los estudiantes. Este es un estudio cualitativo. A través del análisis de contenido de las entrevistas se percibieron ocho categorías de fragmentos del mismo tipo, dos de los cuales condujeron a la comprensión de la salud de los estudiantes, tanto con respecto al aprendizaje como a su asistencia en la escuela. Hubo un ideal médico higienista que las personas debían propagar y apropiarse que se convirtió en el discurso responsable de apoyar las actividades dirigidas a los maestros y estudiantes que apuntaban a la formación de ciudadanos desinfectados, sanos y civilizados. El análisis indica que la escuela valoraba la calidad de la educación sanitaria y la asistencia de los estudiantes, asegurando un médico y una enfermera en el lugar para enseñar y ayudar a la estudiantes. La escuela también ponía a disposición una dieta saludable, citas médicas periódicas e inspeccionaba hábitos de higiene individuales y colectivos.

**Palabras clave:** rutina; salud; diario; escuela rural; práctica docente.

## INTRODUÇÃO

A partir da década de 1930, devido ao processo de urbanização e industrialização, o êxodo rural se intensificou no Brasil, gerando uma instabilidade social e econômica no país. O homem do campo migrou para a cidade em busca de uma vida melhor, mas como o mercado de trabalho não conseguia atender a demanda, a população oriunda do campo passou a formar a grande massa de desempregados, aumentando os problemas sociais já existentes. (ALMEIDA, 2011)

Com receio dos conflitos sociais nas cidades, segmentos da elite política e intelectual do país reforçavam o discurso sobre a importância da escola rural, com uma estrutura e programa escolar específico, como estratégia de fixação do homem ao campo, por meio do conhecimento e aproveitamento das próprias possibilidades econômicas e sociais. (PINHO, 2009)

Segundo Andrade (2006), a educação escolar é capaz de formar uma nova consciência coletiva, indispensável à formação de uma sociedade democrática no país, mas para que consiga exercer esse papel na reconstrução social, precisa se organizar adequadamente. Nesse contexto, o curso normal passa a ser, pelas autoridades, o mais adequado para a formação dos professores rurais, devido às possibilidades de flexibilização do seu currículo, podendo considerar um programa específico e, sendo o Brasil, naquela época, predominantemente agrícola, essa foi a atividade escolhida para se desenvolver nas escolas de formação de professores.

Segundo Tanuri (2000), a escola tem a função de reforçar os valores rurais da sociedade brasileira, criando uma consciência agrícola, se tornando uma ferramenta de fixação do homem ao campo. Visando à preparação de professores especializados para o ensino na zona rural, defendeu-se a criação das “escolas normais rurais”, cuja denominação expressava não apenas a localização da escola em zonas agrícolas e pastoris, mas principalmente a transmissão de conhecimentos sobre agronomia e higiene rural.

Em Minas Gerais, no final da década de 40, Milton Campos então governador, tendo como secretário da educação o Professor Abgar Renault, decidiu pela criação da Escola Normal de Conselheiro Mata, com a finalidade de oferecer conhecimentos e práticas culturais e sociais, capazes de estimular a vida no campo, por meio das inovações propostas pela

escola. Dentre as “novidades pedagógicas” recomendadas pela escola podem-se destacar os clubes e grêmios estudantis e a escrita de diários escolares pelas normalistas. A escola de Conselheiro Mata tinha por finalidade a formação completa das alunas, desde sua personalidade até o seu desenvolvimento intelectual. (NEVES, 2015)

Esse artigo tem como objetivo analisar o cotidiano das alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, buscando por questões de saúde que envolvia a vida e o aprendizado das mesmas, por meio de entrevista de ex-alunas que estudaram no primeiro ciclo de formação na escola.



## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Sendo assim, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, onde as mulheres, ex-alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza na década de 50, no recorte temporal dos anos 1950 a 1954, em pleno gozo de suas faculdades mentais, foram convidadas a participar de uma entrevista semiestruturada a fim de esclarecer questões relacionadas ao contexto vivido na escola na época. As entrevistas foram realizadas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), norteadas por um roteiro composto de quatro questões discursivas, sendo gravadas por meio de um celular. A entrevista foi realizada na própria residência da entrevistada e os nomes das mesmas foram substituídos por códigos alfanuméricos, de forma a garantir o sigilo das informações e privacidade das participantes. Foram efetuadas transcrições integrais das entrevistas e os relatos foram submetidos à técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (2011).

Foi realizada uma busca documental nos arquivos da escola, afim de maiores esclarecimentos e entendimento de algumas situações que envolviam a entrada e permanência das normalistas na escola.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri sob número do parecer CAAE 16977619.3.0000.5108.

## **DISCUSSÃO E RESULTADOS**

Foram entrevistadas três ex-alunas que foram denominadas MLS52 (25'.15" de entrevista), AJM53 (20'.57" de entrevista) e MIP51 (53'.66" de entrevista).

A senhora MLS52 com 83 anos, é natural de Couto de Magalhães de Minas, filha de pai lavrador e mãe doméstica, vinda de uma família de 11 irmãos e foi para Conselheiro Mata aos 16 anos de idade, no ano de 1952. Possui curso superior completo, sendo funcionária pública estadual (supervisora) já aposentada.

A senhora AJM53, também com 83 anos, é natural de Couto de Magalhães de Minas, filha de pai comerciante e mãe doméstica, oriunda de uma família de sete irmãos e foi para Conselheiro Mata com 16 anos, no ano de 1953. Possui pós graduação, sendo funcionária pública estadual, aposentada em dois cargos (direção e supervisão).

A senhora MIP51, com 89 anos, é natural de Conselheiro Mata, filha de pai comerciante e mãe doméstica, de uma família de nove irmãos. Residia em Conselheiro Mata se matriculou na escola com 20 anos de idade, no ano de 1951. Do lar. Não concluiu o curso por motivo de casamento.

Por meio das entrevistas pôde-se perceber vários aspectos que permeavam a rotina da escola frente às relações entre as alunas, professoras e comunidade; o aprendizado e suas práticas; a formação intelectual e de hábitos e a presença da fé. Com a análise das falas, por meio da extração de trechos de sentidos semelhantes recorrentes, emergiram oito categorias e 12 subcategorias.

### **Categoria I: Admissão Na Escola**

Na categoria "Admissão na escola" foi identificado nos depoimentos como acontecia o ingresso das alunas na Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, bem como a preparação das pretendentes a uma vaga para o curso normal. Foram percebidas duas subcategorias: Pedido de vagas e Processo de seleção.

Na subcategoria Pedido de vagas foi percebido que eram feitos pedidos por intermédio de pessoas influentes como autoridade política, religiosa, sociedade civil ou da própria

candidata (Figura 1), o que não as isentava do processo de seleção da escola. Como percebido nas seguintes falas:

“Então ela ficou lá em casa e então eu tive oportunidade de conversar com ela e pedi logo a... como é que fala?! [...] a vaga pra estudar [...] Então o quê que D. Lidimanha fez, me colocou como primeira aluna da escola [...]” (MIP51)

“Foi através de um vereador [...] Então aí, ele propôs então conseguir pra mim, pra eu estudar lá. Descobriu lá né, político descobre tudo. Então ele mesmo fez contato e eu fui.[...]E ainda eu fiz até, já tinha passado a época dos exames né, que tinha o tal do exame de admissão. Aí foi eu e mais algumas alunas de zona rural mesmo, então ela repetiu pra nós a prova em Diamantina.” (MLS52)

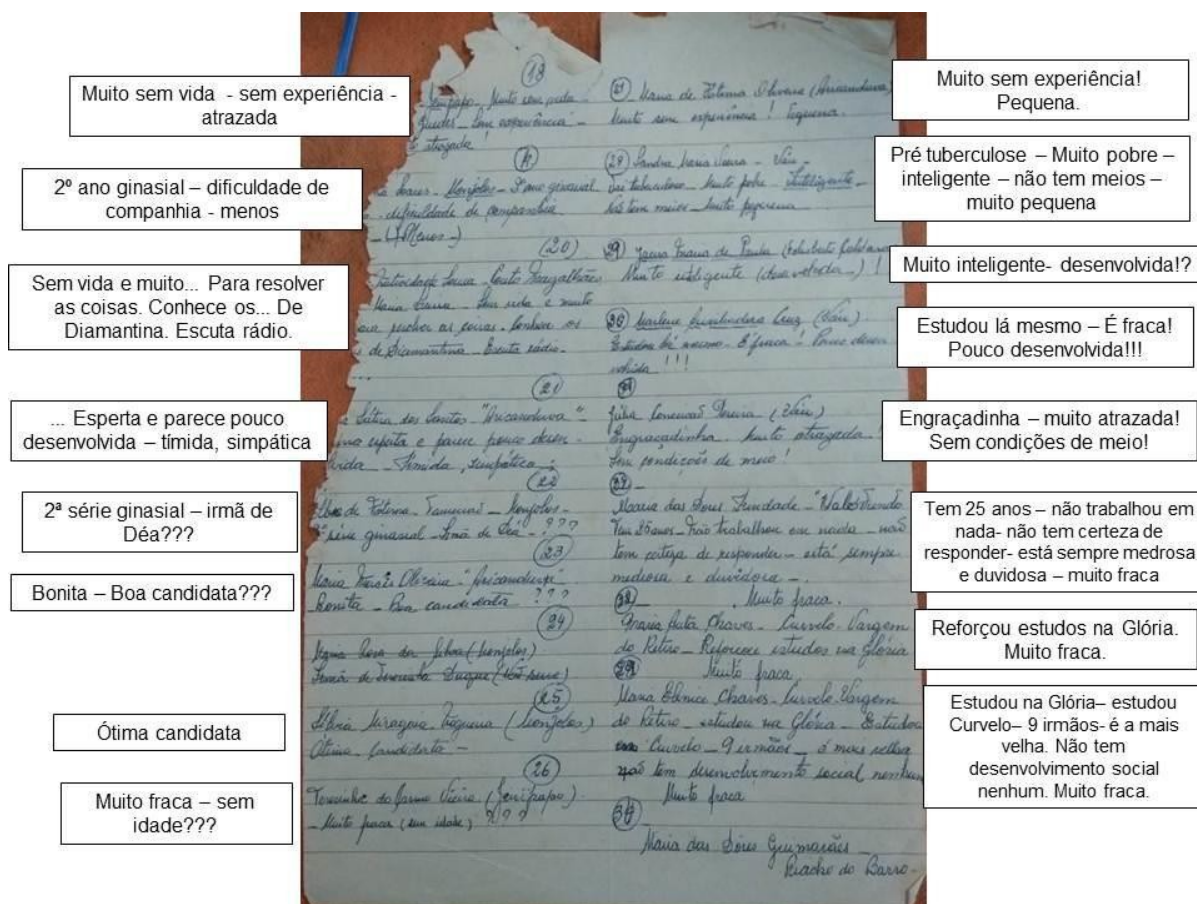
Figura 1 – Pedido de vagas para estudar na Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, Conselheiro Mata, Município de Diamantina, 2020

23/10/50 Presada Lidimanha:  
 Ela tem dois escrevi - lhe  
 sobre a possibilidade da  
 matricula ai de duas moçai-  
 nhas de 13 anos, com diploma  
 de 5º ano primario, muito  
 inteligentes e aproveitaveis.  
 Na incerteza de minha carta  
 ter chegado a seu destino,  
 escrevo - lhe de novo,  
 pedindo o favor de uma  
 pronta resposta. Todas duas  
 tem raizes em meios rurais  
 e se interessam em trabalhar  
 no interior. Favor tambem  
 mandar-me o endereço de  
 D. Helena. abraços a D. Maria  
 José e a todas que conheci  
 ai. Afetuosamente,  
 Maria Orminda

Fonte: Arquivo da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza

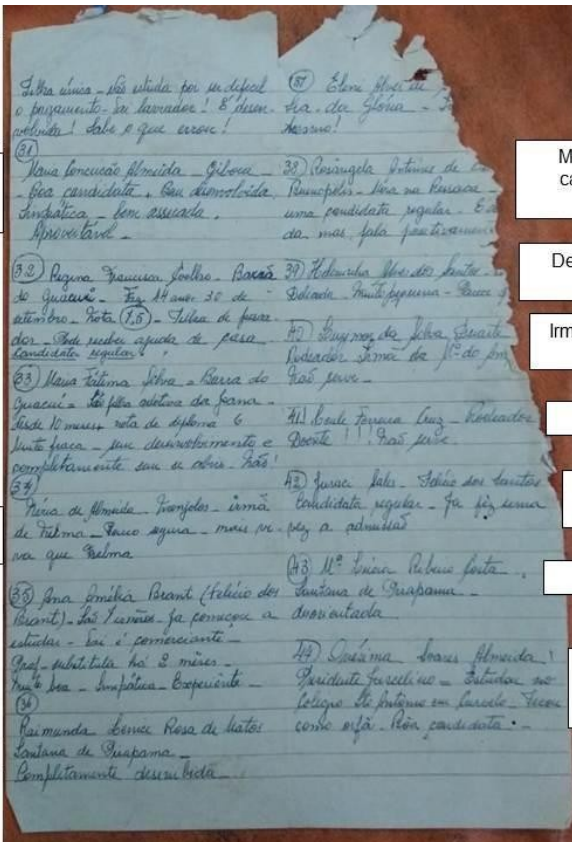
Na subcategoria Processo de Seleção percebeu-se que além das candidatas preencherem os requisitos exigidos pela lei, passavam por um outro tipo de avaliação por parte da diretoria da escola, conforme mostrado na Figura 2.

Figura 2a – Observação sobre as alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, Conselheiro Mata, no processo de seleção, Município de Diamantina, 2020.



Fonte: Arquivo da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza

Figura 2b – Observação sobre as alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, Conselheiro Mata, no processo de seleção, Município de Diamantina, 2020.



The image shows a piece of handwritten paper with several entries, each numbered and describing a student. The text is written in cursive and includes names, ages, family situations, and educational backgrounds. The notes are organized into a list, with each entry corresponding to a box of text on the left and right sides of the image.

**Left-side boxes:**

- Filha única – não estuda por ser difícil o pagamento. Pai lavrador! É desenvolvida. Sabe o que errou!
- Boa candidata. Bem desenvolvida. Simpática- bem asseada. Aproveitável
- Faz 14 anos 30 de setembro. Nota 7,5- filha de pescador- pode receber ajuda de casa. Candidata regular?
- São filha adotiva da Joana- desde 10 meses. Nota de diploma 6. Muito fraca- sem desenvolvimento e sem se abrir- não!
- Irmã de Nelma- pouco segura- mais viva que Nelma
- São 7 irmãos- já começou a estudar- pai é comerciante- prof. Substituta há 2 meses- muito boa- simpática- experiente
- Completamente desinibida.

**Right-side boxes:**

- Mora na Ressaca- uma candidata regular. Fala positivamente
- Delicada- muito pequena- parece...
- Irmã da Maria do Amparo- não serve.
- Doente!!! Não serve.
- Candidata regular- já fez uma vez a admissão.
- Desorientada
- Estudou no Colégio Sto Antonio em Curvelo- ficou como órfã. Boa candidata.

Fonte: Arquivo da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza

Evidencia-se pelo documento que as alunas, durante o processo de admissão para entrar na escola de Conselheiro Mata, eram observadas, avaliadas e selecionadas sob outra perspectiva, além dos documentos, atestados e declarações obrigatórias. Não permite entender com clareza os critérios adotados nessa avaliação e nem os motivos de considerá-los ou não, assim como o momento que era realizada, mas leva a entender que para atender a proposta de formação da escola, as alunas precisariam se enquadrar em algumas características consideradas essenciais para a escola.

Nas falas abaixo se pôde perceber que antecedendo ao exame de admissão, havia um curso preparatório na escola para que as alunas estudassem, permitindo uma igualdade de oportunidade para obterem êxito na prova. Assim, as alunas iam para Conselheiro Mata e ficavam estudando na escola e, logo após a prova, aquelas que conseguiam passar já ficavam no educandário.

“Aí nós começamos a frequentar a aula, o quê, de setembro até dezembro, nós tivemos um curso de, D. Lidimânia falava que era um curso de admissão, pra prepara a gente, direitinho, pra poder entrar.” (MIP51)

“A gente ia para Conselheiro Mata, 30 dias antes da prova de admissão para estudar. Eu fui em dezembro de 52. Ao final dos 30 dias, fazíamos as provas que, para mim, tinham questões muito mais de saber se a gente estava preparada assim..., do que de conteúdo mesmo. As meninas que eram aprovadas já ficavam internas na escola e as outras voltavam para casa”. (AJM53)

Pôde-se notar que a Escola de Conselheiro Mata abrigava dois cursos: o Curso Normal Rural e o Curso de Aperfeiçoamento para as professoras leigas. Para o Curso de Aperfeiçoamento não era necessário fazer a prova de admissão, uma vez que já lecionavam e chegavam à escola por indicação dos prefeitos, além de ser um curso de apenas três meses.

Segundo Neves (2015), o processo para admissão das alunas na escola de Conselheiro Mata abrangia provas escritas e orais, além de testes psicológicos. Exigia também conhecimentos e práticas relativas ao meio rural e conhecimentos próprios ao fazer docente. Dessa forma, o educandário que era uma instituição pública, fazia cumprir a Lei do Ensino Normal que obrigava a aplicação do exame de admissão para o curso normal, além de ter a oportunidade de selecionar aquelas alunas que preenchessem os requisitos relevantes para a escola.

## **Categoria II: Aprendizados**

Na categoria Aprendizado foi observada a prevalência de alguns conteúdos aprendidos no educandário nos depoimentos das alunas de Conselheiro Mata. Foram percebidas cinco subcategorias: Noções básicas de saúde, Aspectos religiosos, Educação social, Alimentação e Agricultura.

Na subcategoria Noções básicas de saúde foi percebido que aprendiam noções básicas sobre higiene e saúde para aplicação prática no dia a dia, tanto no cuidado pessoal quanto no coletivo, como nas falas abaixo:

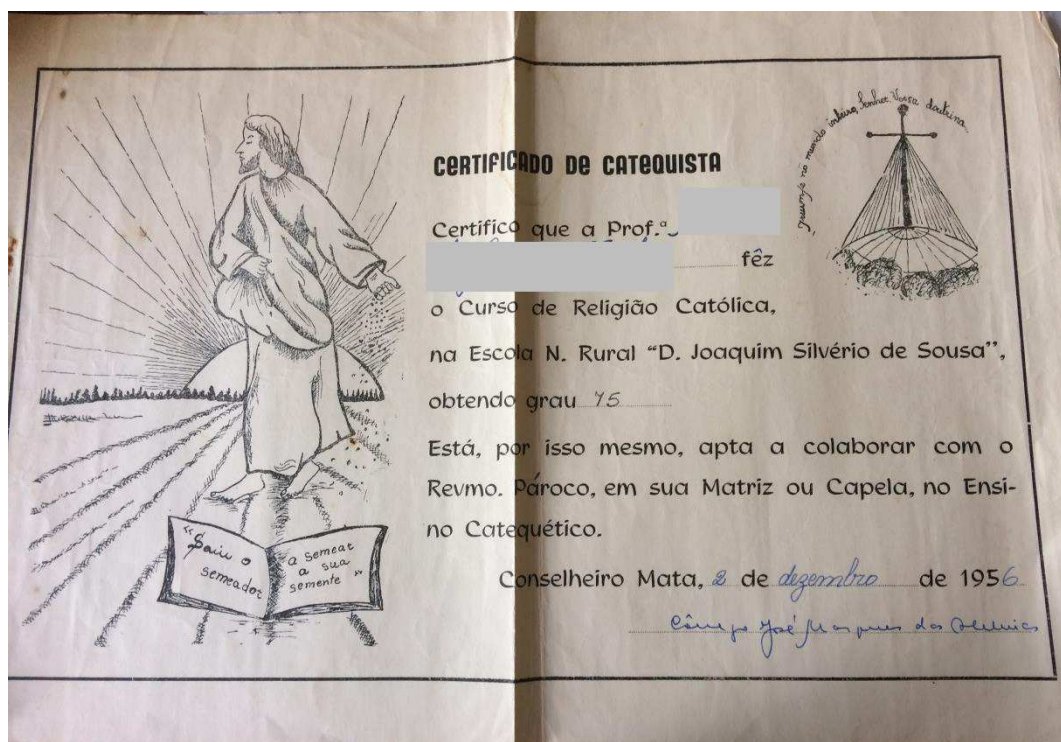
“Tinha, essa enfermeira dava uma aula pra gente uma vez por semana num sabe, assim instruindo a gente, ensinando, falando sobre higiene corporal, não é, sobre higiene da casa, sobre de como a gente devia usar, como devia ser usado um filtro de colocar água em casa, tudo isso ela ensinava, né. Muito bom né? (É uai) Higiene da boca né, tinha gente que nem, que às vezes nem nunca usou escovar um dente né? [...] assim, ensinava, por exemplo, aprender fazer curativo! Fazer, eu aprendi aplicar injeção foi lá.” (MIP51)

“[...] a gente tinha aula de higiene, tivemos aula com Dr. João Antunes né, aula de enfermagem. Então a gente saiu de lá assim preparada para socorro de emergência. Cada uma recebeu uma caixinha chamada “caixinha de emergência” e, eu mesmo usei muito a minha caixinha de emergência fazendo curativo nas pessoas né. [...] dava aula de puericultura, é.. a gente assistia o parto, ele fez o parto e nos levou pra assistir, pra mostrar os procedimentos que um dia vocês podem precisar de atuar nesta área aí, então a gente foi assim muito bem preparada né.” (MLS52)

“A gente tinha as aulas práticas de Ciências, de Enfermagem. A gente aprendeu a aplicar injeções, a fazer curativos, a usar os medicamentos certos. Tudo isso era tipo uma disciplina mesmo, que era cobrada com avaliação dos profissionais”. (AJM53)

Na subcategoria Aspectos religiosos foi percebido uma presença muito forte da religião católica na formação das alunas, tanto por meio das atitudes pessoais quanto de atitudes coletivas internas e frente à comunidade, mesmo em uma época que outras crenças já podiam ser professadas na escola. Ao final do curso elas recebiam um certificado, comprovando que estavam preparadas para serem catequistas (Figura 3).

Figura 3 – Certificado de catequista da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, Conselheiro Mata, Município de Diamantina, 2020.



Fonte: Arquivo pessoal AJM53

“Que o Padre dava aula pra gente né, e ensinava muita coisa. Primeiro era o Padre Aleluia né, Padre José Marques de Azevedo (Pe. Aleluia) e ele que dava aula né. Depois ele saiu da escola, casou-se né (risos) (as coisas mudam né D. MIP51? – risos).

Ah tá) E tinha aula assim, ele... D. Lidimanha trazia as meninas pra Igreja, cá em baixo, né, pra ouvir missa, pra rezar terço né; toda noite as meninas vinham, aquelas que queriam né? Tinha uma professora ou duas que vinha trazer as meninas pra Igreja pra rezar terço.”(MIP51)

”A gente já acordava pela manhã, com uma professora, já nos nossos dormitórios nos convidando para a oração. Primeira obrigação nossa do dia era fazer a oração”. (AJM53)

Porém pôde-se perceber que as alunas que não professavam a religião católica não eram obrigadas a participarem das aulas e atividades relacionadas ao ensino religioso, como observado na fala abaixo:

“Tinha só a religião católica nessa época né. Só tinha uma aluna que não era católica, Adenalva. Essa aluna lá do Triângulo Mineiro. Ela, então na hora, mas ela tinha liberdade num sabe? D. Lidimanha falava com ela, que Adenalva não precisava assistir as aulas de religião né, as aulas do Padre. Então ela não participava.” (MIP51)

Na subcategoria **Educação social** foi percebido que as alunas precisavam ser formadas para vários papéis na sociedade, inclusive participar da vida social, o que exigia o conhecimento de algumas regras e comportamentos adequados para tal, alguns ensinamentos sobre moral, ética, respeito e maneiras de tratar com o outro, como é notado nas falas abaixo:

“[...] D. Lidimanha também dava aula pra gente, era Educação Social. (...) Se ela tivesse lá embaixo e por acaso, chegasse lá embaixo um papelzinho que passou pela janela, ela subia a escada, entrava, subia a escada e ia lá na sala de aula saber quem foi que jogou aquele papelzinho pela janela e caiu logo perto dela lá embaixo, ela ia saber. Brava. Eu aprendi tanta coisa com ela. Eu tenho raiva de alguém jogar as coisas pela janela. Eu não admito, não aceito que joga as coisas pela janela. Ela falava assim: “não se joga nada pela janela, nós temos as vasilhas aqui ó, de lixo”, a gente mesmo tinha que fazer as vasilhas.” (MIP51)

“Agora na minha escola não havia distinção. Se chegasse o arcebispo de Diamantina, se chegasse Dr. João Antunes, se chegasse o prefeito, eles se assentavam à mesa e se alimentavam com o que nós estivéssemos comendo. Era o tratamento dado ali.” (AJM53)

Era necessário saber que cada ocasião pedia uma vestimenta adequada e que precisava estar sempre arrumada e limpa, independente da ocasião a roupa precisava estar apresentável, como é notado nas falas abaixo:

“Mas a blusa tinha que estar impecável. D. Lidimanha ia na fila, na hora da gente entrar pra sala de aula e ficava pegando assim na manga da camisa, da blusa da gente



pra olhar se tava engomada. “Não engomou a blusa. Porquê? Eu quero saber o porque. Eu gosto da blusa é engomadinha.” (MIP51)

“Então esse era o uniforme de gala né? Que assim, as missas mais, as missas festivas né, e aniversário da Escola e qualquer coisa que tinha; uma recepção, às vezes tinha que receber alguém importante que ia chegar na Escola e tal né, então era assim. Mas então a gente ficava com esse uniforme.” (MIP51)

“Tinha uniforme para tudo. Para educação física, o uniforme era um short fofoca até o joelho, com suspensório do mesmo pano com uma blusa xadrez azul e branco.[...] Pra ir para a cozinha usava um avental por cima do uniforme e para eventos sociais, para as coisas mais importantes tinha o uniforme considerado de gala, saia azul marinho e camisa branca de manga comprida.” (AJM53)

Na subcategoria **Alimentação** foi percebido que era propiciado às alunas o conhecimento de diferentes tipos de alimentos e como utilizá-los de diversas maneiras no cotidiano. Além do conhecimento teórico, elas tinham a oportunidade de praticar quando iam para a cozinha para ajudar e aprender a fazer doces e quitandas, sob os olhos experientes da cozinheira, como nas falas abaixo:

“[...] fazia doce lá dentro da escola, fazia doce assim, pra ensinar a gente. Hoje, por exemplo, olha, hoje de manhã, aqui gente ó, você vai pra cozinha, essa turma vai pra cozinha. Lá vai ensinar fazer um doce lá. Então a gente ia fazer, fazer doce de limão né. [...] A gente cortava as rodela do pão assim, punha no leite, depois punha numa calda, depois tira uma por uma e ia colocando nos tabuleiro assim, nos pirex e tal e semeava açúcar e canela. [...] Então ensinava, cada dia era um doce que ia fazer, um tipo de quitanda né, que ia fazer, de biscoito.” (MIP51)

“Quem montava o cardápio era as alunas. Recebia as orientações né, da da.., de uma alimentação balanceada, agente tinha aquela noção, aprendia e a gente, era no último ano, a turma sempre do último ano, a turma que estava na frente, é que montava o cardápio. Cada dia era uma que montava o cardápio.” (MLS52)

“Foi nessa escola que eu aprendi, conheci muitas hortaliças, nós tínhamos assim, orientação de nutricionista e a gente não sentia falta de nada”. (AJM53)

Na subcategoria **Agricultura** foi percebido que elas eram preparadas para saberem lidar no campo e principalmente com aquilo que, muitas vezes, é a única de subsistência da comunidade, podendo também se tornar uma fonte de renda, a agricultura. Assim era necessário que aprendessem tudo sobre o solo, o cultivo, manuseio, formas de produção, clima e todos os outros aspectos relacionados à produção agrícola, não somente a alimentícia, para que a agricultura pudesse ser uma das ferramentas capazes de melhorar a vida do homem do campo, como nos relatos abaixo:

“[...] a gente estava no campo, tava lá limpando os..os.. mato, rancando os mato, [...] precisamos do terreno é bem limpo”. Rancava coresmeras enormes, né todo mundo, e a gente gostava, tava uma beleza né. Então depois nós fomos arrumar a horta, fazia os canteiros, semear, plantar, mudar adubo, fazia calo na mão minha filha.” (MIP51)

“[...] porque a gente tinha aula de agricultura, depois fruticultura, floricultura então e jardinagem”. (MLS52)

Como o objetivo da escola era formar especialistas, ofertava disciplinas direcionadas à formação ampla às alunas. Segundo Dias (2017), havia práticas para a formação de hábitos (religiosos, morais, culturais, esportivos, cívicos e sociais) e práticas de formação intelectual e pessoal, para que fossem capazes de fazerem a diferença na vida do homem do campo por meio da educação das crianças, e assim diminuir o êxodo rural.

Diante da prevalência dos conteúdos citados nos relatos, pode-se perceber que as alunas se identificavam mais com os ensinamentos e práticas que pareciam fazer sentido para sua estadia na escola, aqueles que, de acordo com a realidade do meio rural, teriam maior aplicabilidade, sendo básicos para a melhoria de vida da comunidade rural.

### **Categoria III: Metodologias de Ensino**

Na categoria “Metodologias de Ensino”, foi observado que, de acordo com a proposta da escola do “aprender fazendo”, grande parte do aprendizado era ofertada por meio de atividades práticas coletivas, onde o diário, mesmo sendo uma escrita individual, registrava todas as atividades do dia para conhecimento e apreciação coletiva no momento da leitura. O diário tornou-se a identidade da escola. Foram percebidas duas subcategorias: Trabalho em equipe e Diários.

Na subcategoria **Trabalho em equipe** foi percebido que as alunas desenvolviam diversos tipos de atividades de forma coletiva, tanto de práticas curriculares formais como práticas consideradas domésticas, se tornando muitas vezes um momento de alegria e satisfação para elas. Segundo Vidal (2003) a metodologia escolanovista, baseada na experimentação, observação e trabalho em grupo, favorecia um ambiente colaborativo, permitindo que os alunos se organizassem e realizassem pequenos projetos. Eram divididas em grupos, que se alternavam, para os afazeres domésticos, para aqueles relacionados com a agricultura e para as atividades de ajudante da cozinha da escola. Também praticavam aulas de corte e costura, carpintaria, trabalhos manuais, clubes e grêmios, dentre outras, consideradas práticas pedagógicas em grupo, como nas falas abaixo:

“Assim como tinha o clube agrícola né, que a gente é, as coisas lá era tudo valorizada né, e tinha as reuniões todas com ata, com tudo programado, presidido pelas alunas né”. (MLS52)

“Todo o trabalho do colégio era feito pelas próprias alunas. Aí tinha as turmas já pré-determinadas. Uma turma ia ajudar na cozinha, a outra ia para a jardinagem, a outra para a horta, a outra para limpeza”. (AJM53)

Na subcategoria **Diários** foi percebido que a escola adotava uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento da leitura e aprimoração da escrita das alunas, como também a habilidade da observação, reflexão e seleção. Era um registro cronológico de todas as atividades que aconteciam no dia a dia da escola, mostrando uma rotina rígida, com horários e atividades pré definidos, até mesmo o momento da leitura do mesmo para a apreciação e possível correção por parte das outras alunas. Além de uma ferramenta pedagógica, o diário se tornou um registro histórico da existência da própria Instituição. De acordo com Jinzenji *et.al* (2017) o registro da vida diária da escola, permite a construção de uma memória institucional para além dos escritos oficiais. A fala abaixo mostra como era a dinâmica do diário.

“E agora, esse diário de hoje eu ia ler amanhã à tarde, a que fez o diário ontem, lia hoje à tarde. Então hoje, depois do jantar, tinha a leitura do diário. Depois que todo mundo jantava, aí ele fazia aquele silêncio né, para ler o diário e tinha o comentário do diário, sabe? O comentário é, o diário era muito bem feito. É, então tinha o comentário num sabe, e era uma coisa muito séria. Quem tinha alguma coisa assim que não gostou, levantava e falava, protestava aquilo e a menina ficava assim confusa mas dava tudo certo né, depois. E aí tudo, se chegava uma visita tinha que saber, tinha que comentar no diário tudo; quem era fulano de tal, quem foi, quê que veio fazer, veio de onde, o nome da pessoa, cultura da pessoa, tudo minha filha, tinha que saber pra escrever no diário, não podia faltar nada. O quê que foi o café da manhã, o quê que foi a merenda das nove horas, o quê que foi o almoço, porque que foi assim, fez isso assim, porque aquilo aconteceu assim, não teve sobremesa porque isso assim assim, papapá, né?!” (MIP51)

#### **Categoria IV: Assistência à saúde**

Na categoria “Assistência à Saúde”, foi percebido que a escola prezava pela saúde das internas. Periodicamente recebiam uma visita de um médico e de um dentista para que fossem atendidas e acompanhadas. A escola mantinha uma enfermeira que, além de dar aulas assistia as alunas em caso de doença, como evidenciado nas falas abaixo:

“Tinha uma enfermeira na escola, enfermeira mesmo, formada num sabe, morava dentro da escola. No princípio não, depois veio. Mas toda vestidinha de branco, toda alinhadinha, com lencinho branco na cabeça,” [...] (MIP51)

“Nós tínhamos visita assim, semanal de um médico, sempre de Diamantina que ia, de um dentista. A gente tinha lá um consultório médico, tinha o gabinete dentário. Lógico que a gente não fazia tratamento assim, se tivesse uma aluna e precisasse fazer um tratamento mais sério assim de saúde teria que né, procurar sua cidade para fazer, mas graças a Deus eram casos raros. O mesmo acontecendo com os tratamentos dentários, a gente sempre fazia isso, um tratamento mais pesado em férias, mas todos, todos esses cuidados eram observados, né, dentro da escola pelos profissionais competentes.” (AJM53)

A alimentação adequada para as jovens também merecia atenção e que, para um controle eficaz, faziam um acompanhamento por meio de pesagens periódicas a fim de avaliar e fazer os ajustes necessários.

“É pesava, pesava. [...] Pra ver se tava engordando. D. Lidimanha preocupava né, por exemplo, se a menina tava emagrecendo, se não tava gostando da escola, o porque que tava emagrecendo né, o porque que tava engordando, pra ver se a alimentação tava legal né. É, deve ser isso né? Pesava de vez em quando e de vez em quando todo mundo consultava né. Consultava lá, olhava a pressão, olhava, olhava as principais coisas né.” (MIP51)

“Ah, a gente ia pra saber o peso né? Pra ela ver, porque a gente tava em adolescência então, pra ver se tava ganhando peso, perdendo peso, pra ver se precisava de acompanhamento médico, se precisava de rever a parte de alimentação né”. (MLS52)

Um período de repouso logo após o almoço também foi incluído na rotina das alunas, sob a alegação de ser benéfico à saúde.

“Então a gente só não podia fazer nada no horário do repouso. O repouso era de absoluto silêncio né, depois do almoço, que era pra descansar. Era de olhos fechados, até que a gente acostumava, tinha uma professora que ficava ali, como diz, é.. em observação pra que ninguém conversasse, ninguém saísse do lugar, não fizesse nenhuma graça né.” (MLS52)

“[...] repouso obrigatório de uma hora”. (AJM53)

Se caso alguma das alunas adoecesse mais gravemente, os pais eram avisados. A fala abaixo evidencia esse procedimento:

“Vinha um carro. A escola tinha um carro né, tinha um jeep e pegava a pessoa que tava doente e levava. Internava, avisava os pais né”. (MIP51)

### **Categoria V: Assistência Comunitária**

Na categoria “Assistência Comunitária”, foi percebido que as alunas participavam ativamente da vida da comunidade de Conselheiro Mata, oportunizando uma troca de saberes e uma prática de conhecimentos adquiridos sob uma perspectiva científica, sempre visando a melhoria da qualidade de vida no meio rural, além da experiência para o exercício do seu trabalho profissional. As falas abaixo evidenciam esses procedimentos:

“Quando ela saía pra pra, atendia a comunidade num sabe? Porque a comunidade era muito carente, não tinha nada. Não tinha um Posto de Saúde, não tinha ninguém pra atender nada né? Então D. Lidimãna fez um horário pra D. Alice atender. Eu lembro uma vez, um senhor brigou lá na rua e tomou umas paulada num sabe? Chamava Sebastião Pimenta. Olha procê ver quantos anos... naquela casinha ali em cima ó. E eu fui lá com D. Alice fazer o curativo na cabeça dele. Tava toda quebrada a cabeça dele e nós fizemo os curativo. Toda manhã a gentia ia lá fazer os curativo num sabe? Eu aprendi com ela, aprendi muita coisa com D. Alice, muita coisa.” (MIP51)

“Então assim, medicação a gente não fazia né, “olha, isso aí é caso de médico, vai...”, mas quando era um caso assim, a pessoa machucou, teve um corte, a gente logo, se era coisa superficial, a gente atendia. Eu mesmo, aqui, logo que eu formei encontrei uma velhinha e ela tinha, ela teve um abscesso assim na mão, que a mão dela ficou deformada. Aí eu não sei onde eu busquei coragem e Dr. João, quando eu contei pra ele, ele falou assim “menina, você tá ficando louca, porque isso é caso é de médico! Cê foi formada pra fazer cirurgia? [...] Cheguei lá, achei a mulher com esse problema. Ahh, acredita que eu comprei uma gilete novinha, esterilizei ela toda e fui e fiz uma cirurgia aí [...] É, de luvas, tudo. Apertei, tirei aquele, aquela ma, aquilo que escorreu mesmo sabe?! E fui fazendo curativo e essa mulher ficou curada.” (MLS52)

“A gente teve uma formação lá em Conselheiro Mata, que a gente tinha que ajudar em toda a comunidade, então, todo trabalho de secretaria eu fazia, né, para a comunidade da minha cidade, para o ensino religioso e fazia em casa, um trabalho voluntário. Eu que registrava os batizados, os casamentos, eu que fazia todo esse trabalho. Controlava catecismo, né, as aulas, fazia trabalhos rurais com o Vigário, a gente deslocava para as comunidades rurais, fazendo um trabalho de catequese, foi um trabalho muito sério e na escola também.” (AJM53)

### **Categoria VI: Satisfação com a vida escolar**

Na categoria “satisfação com a vida escolar” foi identificado nos depoimentos o contentamento das alunas por estudarem na escola de Conselheiro Mata. Foram percebidas três subcategorias: Adquirir novos conhecimentos, Capacidade dos professores para ensinar e Qualidade e fartura da alimentação.

Na subcategoria **Adquirir novos conhecimentos** foi percebido a satisfação das alunas com o grande número de novidades que eram oferecidas pelos professores e que poderiam ser aprendidas, assim como era enriquecedora a troca de experiência na convivência com as colegas e demais pessoas da escola, como na fala abaixo:

“(...) porque tinha menina de todo lado e cada uma sabia um brinquedo diferente né, e aquilo era novidade, por exemplo: ô gente eu vou ensinar pra vocês, quer ver?” (MIP51)

“Tinha a professora de trabalhos manuais né. D. Conceição Cunha que ensinava a gente fazer tudo quanto era trabalho. A gente ia no campo panhá capim, panhá fruta, essas fruta do campo pra fazer trabalho, fazer cesta, fazer vassoura pra varrer a casa[...].” (MIP51)

Na subcategoria **Capacidade dos professores para ensinar** foi percebido a satisfação das alunas com a qualidade dos professores que lecionavam na escola, construindo uma relação de respeito e admiração por eles, mesmo quando eram bravos e rígidos, demonstrada nas falas abaixo:

“D.Lidimanha era muito severa e D.Lidimanha também dava aula pra gente [...] Que dia que ela ia dá aula né, pra gente era bom. Ela era muito mansa, muito correta, exigente”. (MIP51)

“Aí fui aprovada, fui e com muita dificuldade mas a luz do Espírito Santo eu consegui vencer todas as dificuldades, com ajuda de colegas, dos professoras né também, que lá só entrou professor bom, graças a Deus. (MLS52)

“Nosso corpo docente era da melhor qualidade possível, né”. (AJM53)

Na subcategoria **Qualidade e fartura da alimentação** foi percebido a satisfação das alunas com qualidade e diversidade da alimentação, assim como a fartura, propiciada pela horta e pelo pomar existentes na escola, evidenciado nas falas abaixo:

“Um café muito bom, tinha variedade de alimentos, tinha mingau toda manhã, pão com manteiga, fruta, leite”. [...] antes do jantar tinha uma sopa, depois o jantar[...] à noite, antes de deitar, a gente ainda ganhava um copo de leite. Era alimentação o dia todo”. (AJM53)

Os depoimentos mostram que a escola, enquanto uma instituição de ensino responsável pela formação integral das alunas e que funcionava em sistema de internato, tinha nítida preocupação em oferecer o melhor para as alunas, dentro das condições possíveis e existentes. Possuía um quadro de professores de qualidade, capazes de exercerem sua autoridade sem serem autoritários diante de uma relação de respeito. A alimentação também

emergia como fator positivo da escola, pois além do abastecimento, funcionava como um campo de atividade prática de aprendizado para as alunas, já que a formação das mesmas era voltada para a vida no campo.

De acordo com Grendene (2013), a satisfação pessoal está intimamente ligada ao reconhecimento por parte dos outros, que ele existe e é valorizado, aceito e digno de fazer parte de um grupo. Diante disso, pode-se dizer que a metodologia de trabalhos em equipe, utilizada na escola, tenha sido de grande relevância para as alunas, uma vez que, nas entrevistas realizadas, esse contentamento se fazia presente.

### **Categoria VII: Vida Profissional**

Na categoria “Vida profissional”, percebeu-se que as alunas entravam na escola com o ideal de voltarem às suas comunidades de origem, geralmente o meio rural, para exercerem a sua profissão. Os depoimentos mostram que nem sempre foi possível realizar esse propósito, como a seguir:

“Porque na verdade, eu estudei pra ir, pra trabalhar na zona rural, em Amendoim, que lá que eu nasci né. Então eu fui pra lá pra assumir mesmo e eu assumi.[...] Só que a Escola, ela tava fechada e todo o material da escola trancado e o professor tinha ido embora, abandonou a escola [...] Ai eu achei um jeito de trabalhar aqui e então eu deixei lá e vim pra cá, porque o tempo que eu trabalhei lá eu nem recebi nada, porque eu nem sabia [...] Eu não tomei posse de nada lá, ninguém foi me entregar a escola, tá tudo trancado. Eu não tenho nem material assim de escritório lá pra agir e então eu não vou ficar lá.” (MLS52)

“[...] trabalhei uns quatro anos na minha cidade. Fui nomeada para o serviço público e em outubro de 57, já fazia parte do quadro de professores do estado de Minas Gerais”. (AJM53)

### **Categoria VIII: Saudosismo**

Na oitava categoria “Saudosismo”, foi percebido que as alunas possuem um profundo sentimento de saudade, gratidão e admiração pela escola. Não foi ouvida nenhuma palavra sequer, nenhum indício de sentimento negativo, de algo que fosse capaz de denegrir a imagem da escola. Pelo contrário, fazem questão de conservar e propagar as boas lembranças da escola, enaltecer a formação para a vida que vivenciaram na Instituição, além, da gratidão pelo sucesso na vida profissional. As falas abaixo evidenciam esses procedimentos:

“Eu tenho a maior tristeza quando eu ouço dizer: a escola tá muito prá baixo, a escola vai acabar, a porque isso, papapá, papapá. Ah isso me traz um desgosto que você nem imagina. Agora quando eu vejo falar: que vai limpar a escola, que vai arrumar, que vai

aparecer aí um curso assim assim, vai aparecer um curso disso assim assim, às vezes nem é verdade nada, num, às vezes nem acontece, mas só quando vejo o povo falar eu fico animada e gosto. Tinha muitas professoras né, professoras ótimas. Até hoje eu tenho saudade demais delas, da escola. Eu tenho um amor a esta escola, incalculável.” (MIP51)

“Mas foi um tempo, era assim, muita saudade viu que a gente tem de lá e um agradecimento muito grande né, pela nossa passagem lá e eu acho que foi muito gratificante na vida da gente e ajudou muito a gente a viver cá fora né”. (MLS52)

“Mas Conselheiro é uma oficina de vida, viu?! Conselheiro Mata, Escola Normal Regional Dom Joaquim Silvério de Souza foi um destaque. Eu sou suspeita pra falar, mas já ouvi de colegas, com as quais eu trabalhei, que o que a gente trazia para as escolas, outros colégios não ofereceram para seus alunos. Então o que a gente tem é que, guardar na memória, para sempre, a toda a boa vida que a gente viveu lá (emocionada).” (AJM53)



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza foi criada no distrito de Conselheiro Mata com o objetivo de fornecer uma educação integral às futuras professoras rurais, disponibilizando conhecimentos e técnicas relacionadas ao magistério e à vida no meio rural (conhecimentos de agronomia e higiene rural), de valores cívicos e sociais e a formação de hábitos corretos de vida.

O Curso Normal com seu regime disciplinar (horários rígidos, normas sobre o que, como, onde e porque fazer etc.), com seu ensino baseado nos princípios da ciência, com seus métodos voltados para o trabalho em equipe, com sua ênfase nas atividades culturais e esportivas ofereceu às alunas uma formação de alta qualidade, o que é reconhecido por elas enquanto aprendizado para a vida também. Segundo as entrevistadas, elas se equiparavam e, até mesmo, superavam as alunas egressas das escolas normais urbanas em conhecimento, obtendo vantagem no mercado de trabalho.

A qualidade do curso fez com que tomassem gosto pela profissão e pelo estudo e abriu-lhes novos horizontes e perspectivas, haja vista que algumas entrevistadas cursaram o ensino superior. De acordo com as entrevistadas, o diploma que recebiam não dava direito ao acesso direto para um curso superior, precisando ser completado pelo curso ginásial ou supletivo, sob a alegação que a formação delas era para o meio rural e nem assim desistiram da carreira.

A educação e a saúde foram articuladas como propostas que possibilitariam o desenvolvimento econômico do estado, utilizando a formação das professoras rurais primárias como um instrumento capaz de produzir um novo homem do campo pela aquisição de novos hábitos de saúde e higiene. Sendo assim, as alunas eram preparadas por médicos ou enfermeiras, por meio de palestras e aulas teóricas e práticas de enfermagem e higiene, para que pudessem prestar os primeiros socorros, quando necessário, e ensinar hábitos saudáveis à população rural.

A assistência em saúde praticada na escola (alimentação saudável, consultas médicas e dentárias periódicas, o repouso diário e obrigatório após o almoço, a ginástica e a higiene individual e coletiva) era tratada com muita seriedade e compromisso.

As alunas se sentiam muito bem na escola, apesar de todas as dificuldades e até mesmo da saudade da família. O relacionamento estabelecido entre elas em Conselheiro

Mata, propiciado pelo sistema de internato, pode ter contribuído com o sentimento de extrema gratidão e muito orgulho também da sua formação.

A Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, idealizada pela psicóloga russa Helena Antipoff, apresentava uma proposta pedagógica fundamentada na experimentação, no respeito à liberdade, à diversidade, à socialização e à autonomia, buscando na prática do hábito das crianças de pensar sobre suas ações (Campos e Lourenço, 1992). A criança era a peça mais importante na construção do próprio saber. Era o método do “aprender fazendo”, que comungava com o ideal da escola nova. Assim ela proporcionava às futuras normalistas a possibilidade de desenvolver a capacidade de conhecer a personalidade, habilidades e interesses dos alunos antes de planejar as ações.

É notório que a metodologia utilizada na escola foi o diferencial para o sucesso da formação das alunas, como também, que a qualidade do curso acabou por desviar suas alunas do seu objetivo primordial: docência no magistério rural.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D.B. Uma obra referência para professores rurais: escola primária rural. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador**, v. 20, n. 36, p. 57-68, jul./dez. 2011. Disponível em: <  
<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/viewFile/386/331>> Acessado em 13.12.2018.

ANDRADE, T. **O que os diários revelam: práticas de formação de professores para a escola rural**. Curso Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo – Ibitiré, Minas Gerais, 1956 - 1959. 2006. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC MINAS, Belo Horizonte, 2006.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo* / Laurence Bardin ; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. - São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Decreto-Lei n. 8.530, de 2 de janeiro de 1946. In: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. **Lei Orgânica do Ensino Primário**. Rio de Janeiro: INEP/MES, 1946.

CAMPOS, R. H. F.; LOURENÇO, E.. **O método da experimentação natural de Lazursky: sua aplicação nas propostas educacionais de Helena Antipoff em Minas Gerais (1932-1974)**. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 1., 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SBHE, 2000

DIAS, A.G.S. **Práticas de escrita: manuscritos das alunas da Escola Rural de Conselheiro Mata (Diamantina, MG) – 1950-1962**. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2017.

GRENDENE, F. **Satisfação pessoal: Como encontrá-la?** - 2013

<<http://www.institutoinsight.com.br/publicacoes/detalhes/satisfacao-pessoal-como-encontrar-la>>

Acessado em: 01.03.2020

JINZENJI, M. Y.; LUZ, I. R.; CAMPOS, R. H. F. Escrita e leitura de diários na formação de professoras para escolas rurais em Minas Gerais (1948-1974)I. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 43, n. 3, p. 863-878, Sept. 2017 .

NEVES, L. S. **Sentido novo da vida rural**: a formação de professoras na Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza (1949-1963). 2015. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

PINHO, L.A. **Civilizar o campo**: educação e saúde nos cursos de aperfeiçoamento para professores rurais - fazenda do rosário (Minas Gerais, 1947- 1956). Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2009. [Dissertação – FAE-UFMG].

TANURI, L. M. (2000). História da formação de professores. **Revista Brasileira da Educação**, 14, p. 61-88. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>> Acesso em 13.12.2018

VIDAL, D. G. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intenso processo de urbanização e industrialização do período pós-guerra, onde o desenvolvimento econômico e o planejamento eram importantes, a cidade era o espaço de realização das políticas de desenvolvimento que também exercia influência no sistema de valores, de padrões e comportamentos sociais da época. Torna-se, assim, para essa época, impossível manter a “vocação agrícola” do Brasil, recaindo nas propostas pedagógicas de educa o nos meios rurais, desenvolvidas em Minas Gerais em meados do século XX.

Sendo assim, foram criadas as escolas normais rurais na inten o de melhorar as condi es de vida do homem do campo, levando conhecimentos básicos de saúde e higiene e, principalmente, maneiras de como cuidar do solo, para que, principalmente pela agricultura, pudessem garantir sua própria subsistência, combatendo assim o  xodo rural. As escolas normais rurais tinham o objetivo de ampliar o universo cultural das alunas, ao fazer despertar o amor ao campo, onde o *fazer* era a palavra de ordem.

A Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza, foi criada com o compromisso de formar a personalidade de suas alunas e de desenvolver suas capacidades intelectuais, com o objetivo de ampliar o universo cultural das mesmas, despertar o amor pelo campo, o gosto pelo trabalho, assim como desenvolver hábitos de higiene, alimenta o, lazer e trabalho, preconizando o seu retorno ao meio rural. Neste sentido, aplicou uma metodologia de ensino centrada no controle total da utiliza o do tempo, facilitado pelo sistema de internato, e no desenvolvimento de atividades práticas pedagógicas, fundamentadas na observa o, formula o de problemas e na soluço dos mesmos, consideradas inovadoras como os clubes e grêmios estudantis, dentre outras. Nesse contexto se encontram os “diários”, que eram o registro diário da rotina interna da escola, considerados também como uma prática pedagógica inovadora, voltada para o aprimoramento da escrita e leitura.

O diário foi percebido não só como um instrumento de forma o, uma simples prática pedagógica de desenvolvimento pessoal, mas também como um elemento de recupera o da história da Institui o e das próprias alunas. Configurou-se como uma prática cultural, um registro da cultura gerada pelo estabelecimento em todos os seus aspectos, podendo ser enquadrados como objetos históricos, responsáveis pelo registro material dos acontecimentos da época.

De acordo com a visão higienista da educa o na época, a educa o e a saúde foram pensadas e articuladas como propostas que possibilitariam o desenvolvimento econ mico do

estado. Assim, utilizaram a formação das professoras rurais primárias como um instrumento capaz de produzir um novo homem do campo pela aquisição de novos hábitos de saúde e higiene. Sendo assim, as alunas eram preparadas por médicos ou enfermeiras, para que pudessem ensinar hábitos higiênicos e costumes saudáveis à população rural.

O Curso Normal com seu regime disciplinar (horários rígidos, normas sobre o que, como, onde e porque fazer etc.), com seu ensino baseado nos princípios da ciência, com seus métodos voltados para o trabalho em equipe, com sua ênfase nas atividades culturais e esportivas ofereceu às alunas uma formação de alta qualidade, que permitia serem comparadas, em nível de conhecimento, como superiores ou iguais em relação às alunas das escolas normais urbanas.

É notório que a metodologia utilizada na escola foi o diferencial para o sucesso da formação das alunas, como também, que a qualidade do curso acabou por desviar suas alunas do seu objetivo primordial: docência no magistério rural.

## APÊNDICE A

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA – Para as ex-alunas da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza – Conselheiro Mata/ Dtna-MG**

**Pesquisa:** O cotidiano das internas da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza na década de 50 – busca por questões de saúde no aprendizado **Mestranda:** Renata Maria Moreira da Silva Cordeiro- SaSA// UFVJM

**Orientador:** Prof. Dr. Herton Helder Rocha Pires

#### **IDENTIFICAÇÃO**

1 - Nome:

2 - Data de nascimento:

3 - Naturalidade:

4 - Profissão:

5 - Escolaridade:

( ) ensino médio incompleto ( ) ensino médio completo ( ) ensino superior incompleto ( ) ensino superior completo ( ) pós graduação

6 - Profissão do pai:

Profissão da mãe:

7 - Seus pais frequentaram a escola? ( ) Sim ( ) Não. Caso positivo, seu pai frequentou até quando? E sua mãe?

8 - Você era filha única? ( ) Sim ( ) Não. Caso não, quantos irmãos vocês eram?

9 - Onde seus pais moravam quando você foi estudar em Conselheiro Mata?

Município \_\_\_\_\_ ( ) zona rural ( ) zona urba

10 - Quantos anos você tinha quando chegou em Conselheiro Mata?

**DESCREVA A ROTINA VIVENCIADA POR VOCÊ DURANTE O CURSO.**

**VOCÊS APRENDIAM SOBRE CUIDADOS COM A SAÚDE? COMO?**

**QUANDO VOCÊS ADOECIAM, O QUE ERA FEITO?**

**COMO FOI SUA VIDA PROFISSIONAL DEPOIS QUE SAIU DA ESCOLA?**

## APÊNDICE B

### Transcrição da entrevista realizada com ex-alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza

**Entrevistada:** AJM53

**Data da entrevista:** 17.02.2020

**Renata:** Pois é D. AJM53, então, descreve pra nós a rotina vivenciada pela senhora, durante o curso, na escola de Conselheiro Mata.

**AJM53:** Bem Renata, a escola tinha uma rotina de muita disciplina. A gente já acordava pela manhã, com uma professora, já nos nossos dormitórios nos convidando para a oração. Primeira obrigação nossa do dia era fazer a oração. Após a oração cada uma ia fazer sua higiene matinal. Aí, antes mesmo do café, a gente já, aquelas que tinham educação física, já colocavam os uniformes e iam para as aulas de educação física. Após esse trabalho, todas iam para o refeitório para o café da manhã, Um café muito bom, tinha variedade de alimentos, tinha mingau toda manhã, pão com manteiga, fruta, leite. Então todo mundo tomava café. Após o café, aí as turmas se dispersavam. Todo o trabalho do colégio era feito pelas próprias alunas. Aí tinha as turmas já pré-determinadas. Uma turma ia ajudar na cozinha, a outra ia para a jardinagem, a outra para a horta, a outra para limpeza. Aí isso mais, ficava mais acentuada nas classes iniciais: primeira e segunda série. Na terceira e quarta série, aí elas já ficavam isentas desses trabalhos, elas iam já para as salas de aula, que o currículo já era mais intenso, então essas duas séries ficavam dispensadas. Esses trabalhos eram feitos até às nove horas da manhã. Nesse horário era dado o sinal, a gente recebia uma fruta né, para reforçar até o horário do almoço e íamos todos para as salas de aula, cada uma para a sua sala de aula. Após o término das aulas, era dado o sinal do almoço. Então o almoço, todas nós nos dirigíamos ao refeitório. Como que era; processava lá, a dinâmica lá: em cada mesa ficava uma professora com 14/15 alunas e a gente mesma que servia, tinha as encarregadas do dia para pegar as travessas de alimentação. Todo mundo levava para a mesa, todo mundo se alimentava junto. Eu gostaria de realçar é o seguinte, que eu achava muito engraçado: que na casa da gente, quando chega uma visita assim mais importante, eu fui criada assim, minha mãe falava: hoje tem que melhorar o almoço, seja o jantar ou lanche porque fulano vem né,



lanchar com a gente. Agora na minha escola não havia distinção. Se chegasse o arcebispo de Diamantina, se chegasse Dr. João Antunes, se chegasse o prefeito, eles se assentavam à mesa e se alimentavam com o que nós estivéssemos comendo. Era o tratamento dado ali. Eu achava isso até uma coisa assim..., como que eu diria, bonita, quer dizer, todos nós né, eles por terem um cargo melhor não mereciam ser bem (risos) , mais bem alimentados do que a gente, mas uma alimentação maravilhosa. Foi nessa escola que eu aprendi, conheci muitas hortaliças, nós tínhamos assim, orientação de nutricionista e a gente não sentia falta de nada. Os hortifrutigranjeiros, tudo era produzido lá.. Nós tínhamos pocilga, tínhamos aviário, tudo, tudo o que fosse possível, só aquilo mesmo que fosse industrializado, como o açúcar, o arroz, uma coisa assim, o resto tudo era produzido na escola. Então quando terminava o almoço, nesse horário é que aparecem os diários. O quê que acontece Renata, de cada série tinha uma diarista e então eram produzidos quatro diários por dia, mas só um era lido, porque não podia ferir demais a disciplina na escola. Então aquela diarista, após o almoço, fazia a leitura lá do diário e ele você sabe Renata, você já me disse, você disse que conhece o conteúdo do diário, o quê que era previsto, registrado nesse diário. Observação do tempo, fatos cômicos acontecidos na escola, fatos censuráveis, uma quadrinha né, tudo isso a gente colocava no diário. Depois dava o sinal e tínhamos que ir, nós todos para o refeitório (dormitório) para um repouso obrigatório de uma hora. Aí era tão gostoso, só que na hora que o sono tava começando a chegar, batia o sino. Começava de novo a rotina. Quê que teria depois desse repouso: as aulas reiniciavam e íamos até às cinco horas da tarde, quando éramos dispensadas para os banhos e eu me lembro, não sei se a memória vai me trair, mas acho que os nossos banheiros eram de jofregos. A gente ficava doida, correndo pra pegar a água quentinha primeiro né?!. Eu achava muito pouco os banheiros para as turmas né?! Mas tudo era divertido, tudo era aceito com muito, muito prazer. Nós éramos assim muito bem tratadas. Nosso corpo docente era da melhor qualidade possível, né. Então vai aí. Nós, depois, tomava os banho, vinha jantar. Era processado do mesmo modo do almoço, antes do jantar tinha uma sopa, depois o jantar. E olha que não acaba por aí não Renata, à noite, antes de deitar, a gente ainda ganhava um copo de leite. Era alimentação o dia todo. Eu não posso é contar pra você que com 18 anos (risos) eu pesei 72 quilos( risos). Quando eu cheguei na minha terra Renata, eles olhava pra mim e começava a rir “onde você arranjou tanto peso”(risos). Mas Conselheiro é uma oficina de vida, viu? Gostaria de fazer um trabalho assim até bem mais minucioso, apesar de que a memória não tá me traindo muito. Mas tem tanto detalhe que a gente gostaria de registrar e passar assim para essa aluna, que quer fazer um trabalho realçando essa escola que foi um destaque no nosso Vale. Conselheiro Mata, Escola Normal

Regional Dom Joaquim Silvério de Souza foi um destaque. Eu sou suspeita pra falar, mas já ouvi de colegas, com as quais eu trabalhei, que o que a gente trazia para as escolas, outros colégios não ofereceram para seus alunos. Então o que a gente tem é que, guardar na memória, para sempre, a toda a boa vida que a gente viveu lá.

**Renata:** Pois é D. AJM53, então, agora na época lá a senhora aprendia, aprendeu e tinha alguma coisa que falasse sobre o cuidado com a saúde, né, tanto de vocês, com quem vocês iriam trabalhar e como que era esse cuidado, como vocês aprendiam isso.

**AJM53:** Pois é Renata, a gente aprendia assim....mesmo...esses cuidados mesmo na prática. Tinha os professores. A gente tinha visita de médico, de vez em quando os médicos faziam palestra pra gente, detalhando esses cuidados. Nas aulas de Ciências, de Biologia eles abordavam esses temas. Nós tínhamos visita assim, semanal de um médico, sempre de Diamantina que ia, de um dentista. A gente tinha lá um consultório médico, (tosse) tinha o gabinete dentário. Lógico que a gente não fazia tratamento assim, se tivesse uma aluna e precisasse fazer um tratamento mais sério assim de saúde teria que né, procurar sua cidade para fazer, mas graças a Deus eram casos raros. O mesmo acontecendo com os tratamentos dentários, a gente sempre fazia isso, um tratamento mais pesado em férias, mas todos, todos esses cuidados eram observados, né, dentro da escola pelos profissionais competentes.

**Renata:** E a senhora aprendia, tipo assim, fazer curativos, tratar de doente? Tinha uma disciplina ou alguma coisa que ensinava como fazer?

**AJM53:** Simm. A gente tinha as aulas práticas de Ciências, de Enfermagem. A gente aprendeu a aplicar injeções, a fazer curativos, a usar os medicamentos certos. Tudo isso era tipo uma disciplina mesmo, que era cobrada com avaliação dos profissionais.

**Renata:** Pois bem D.AJM53, então agora queria saber como que foi a vida profissional da senhora depois que saiu da Escola de Conselheiro Mata.

**AJM53:** Renata, minha vida profissional, de início, foi de uma total dedicação, não só ao ensino como também à comunidade. Eu trabalhava numa escola, ainda não definitivo, substituindo professores na Escola Dom Serafim Gomes Jardim, de Couto de Magalhães de Minas, mas também eles me requisitavam para os trabalhos religiosos. Eu trabalhei quatro anos como secretária do Vigário Paroquial. A gente teve uma formação lá em Conselheiro Mata, que a gente tinha que ajudar em toda a comunidade, então, todo trabalho de secretaria eu fazia, né, para a comunidade da minha cidade, para o ensino religioso e fazia em casa, um

trabalho voluntário. Eu que registrava os batizados, os casamentos, eu que fazia todo esse trabalho. Controlava catecismo, né, as aulas, fazia trabalhos rurais com o Vigário, a gente deslocava para as comunidades rurais, fazendo um trabalho de catequese, foi um trabalho muito sério e na escola também. E aí continuei, trabalhei uns quatro anos na minha cidade. Fui nomeada para o serviço público em outubro de 57, já fazia parte do quadro de professores do estado de Minas Gerais. Depois eu me casei e fui embora para Turmalina. Lá trabalhei na escola uns 10 anos, foi a fase mais bonita da minha carreira. Fui muito bem aceita, uma comunidade muito boa, eles me tinham num conceito, que a Renata mesmo sabe, ela é casada com irmão de ex-alunos meus. Fiz um trabalho muito sério lá em Turmalina durante os 10 anos. Depois voltei pra minha cidade e continuei um pouco mais, uns dois anos e vim para Diamantina. Então em Diamantina trabalhei em duas escolas, Escola Estadual Matta Machado. Depois saí para dirigir uma escola de bairro onde fui nomeada Diretora. Tenho um cargo de Diretora aposentado e um meio de supervisor. Trabalhei no Estado de Minas Gerais durante 40 anos, ingressei com 20 saí com 60. Trabalhei pra mim e pra muita gente que não quer trabalhar por aí viu? Essa é minha vida (risos).

**Renata:** Me explica D. AJM53 como que era a questão da escrita e leitura do diário, porque não ficou claro pelos diários como que acontecia. Tem fala de escrever meu diário, sorteio de dia de diário e eu não consegui entender direito.

**AJM53:** Todas escreviam os diários da seguinte forma: eram quatro séries do curso normal, assim, uma aluna de cada série escrevia o diário daquele dia, em forma de rodízio, cada dia era uma até que todas escrevessem, totalizando quatro diários por dia. Um dos quatro era sorteado para ser lido.

**Renata:** D. AJM53 nós percebemos algumas coisas nos diários que eu gostaria que, se a senhora souber e se lembrar, me ajudasse. Lá foi falado de um jornalzinho, de uma loja escolar e de uma cooperativa. A senhora lembra?

**AJM53:** Pois é, nessa loja escolar vendia, doce, bala, material escolar..... essas coisas assim, para as alunas não ficarem saindo da escola pra comprar no armazém da comunidade, até mesmo porque não podia sair sem permissão. A gente podia comprar no dinheiro ou fiado para os pais pagarem depois, quando fossem na escola. Tinha uma aluna responsável que, nos intervalos ela abria o armário, é ficava era num armário, e entregava a gente as coisas. Agora o jornal tinha uma diretoria, presidente e um outro, o que revisava e corrigia os artigos. Era tudo escrito pelas próprias alunas e podia ser sobre qualquer coisa, mas tinha que ser sobre a

escola. Aí a gente entregava para os professores selecionarem os melhores e depois para o jornal para fazer as correções e publicar. Pregava uma folha grande na parede da escola, parecendo um mural e fixava os artigos para todo mundo ler.

**Renata:** Como que era a questão da religião na escola?

**AJM53:** Era obrigatória. Tinha que participar dos eventos religiosos e das aulas, tinha certificado em separado no final do curso. Se não participasse, se começasse a faltar das aulas, poderia virar motivo forte para sair da escola. Segundo o Padre Aleluia a gente tinha que ter formação espiritual. Nunca vi ninguém de outra religião lá, mas que não sei o porque, talvez fosse até um critério de seleção para a entrar lá, não sei..

**Renata:** Vocês tinham uniforme?

**AJM53:** Tinha uniforme para tudo. Para educação física, o uniforme era um short fofoca até o joelho, com suspensório do mesmo pano (alças) com uma blusa xadrez azul e branco. O uniforme de trabalho era uma jardineira azul e blusa xadrez. Pra ir para a cozinha usava um avental por cima do uniforme e para eventos sociais, para as coisas mais importantes tinha o uniforme considerado de gala, saia azul marinho e camisa branca de manga comprida.

**Renata:** D. AJM53 e como foi que a senhora entrou, como entrava para escola de Conselheiro Mata?

**AJM53:** Pois é Renata, meu pai vendeu a fazenda que a gente morava pra ir pra cidade para que a gente pudesse estudar. A gente ia para Conselheiro Mata, 30 dias antes da prova de admissão para estudar. Eu fui em dezembro de 52. Ao final dos 30 dias, fazíamos as provas que, para mim, tinham questões muito mais de saber se a gente estava preparada assim..., do que de conteúdo mesmo. As meninas que eram aprovadas já ficavam internas na escola e as outras voltavam para casa. Da minha cidade mesmo, na época, fomos nove e só eu fiquei, inclusive uma irmã minha voltou.

## APÊNDICE C

### Transcrição da entrevista realizada com ex-alunas da Escola Normal Rural Regional Dom Joaquim Silvério de Souza

**Entrevistada:** MIP51

**Data da entrevista:** 28.02.2020

**Renata:** D.MIP51 é...descreve pra mim a rotina que a senhora tinha na Escola de Conselheiro Mata.

**MIP51:** Eu... a gente saia de manhã né às 7 horas, tinha que estar lá dentro da escola né e aí começava as atividades né. Às vezes a aula de campo, porque tinha aula de campo e a aula de sala né. Então a gente ia pra ... às vezes a gente ia porque ficava lá o dia todo, só vinha em casa pra almoçar. Ficava um pouquinho em casa e voltava logo. A uma hora começava de novo. As meninas internas tinham um repouso né, iam pra um repouso, agora a gente vinha pra casa né e voltava. Mas era assim, quando a gente, era semana que a gente estava no campo, tava lá limpando os..os.. mato, rancando os mato, rancando árvores, árvores enormes de coresmera que tinha, a gente ficava rancando as árvores até a raiz. O professor em cima e a gente tinha que rancar: “não, tem que rancar com a raiz senão ela vai brotar de novo e também nós precisamos do terreno é bem limpo”. Rancava coresmeras enormes, né todo mundo, e a gente gostava, tava uma beleza né. Então depois nós fomos arrumar a horta, fazia os canteiros, semear, plantar, mudar adubo, fazia calo na mão minha filha. Teve uma vez que eu fiquei com um calo na palma da mão mas deu uma bolha assim do tamanho de um limão. Aí eu não podia pegar nas ferramenta né, elas me puseram rancando matinho, rancando os matinho dos canteiro e eu com aquela bolha enorme na mão. Foi até que furar, melhorar né, eu não falhei, ficava lá em cima, eu era muito insistente, era, era levada (risos dela).

**Renata:** Oh D. MIP51!

**MIP51:** Era minha filha, eu gostava demais de tudo né, gostava de ajudar todo mundo. Era muito espirituosa, modéstia parte, né.

**Renata:** Nós já estamos sabendo mais ou menos.

**MIP51:** Era muito espirituosa minha filha. Aí as professoras me amavam e eu gostava demais delas. Dentro da escola tinha o Curso Normal, que a gente tava fazendo e, tinha o Curso de Treinamento que funcionava dentro da escola também. O Curso de Treinamento era dessas professoras leigas que tinham por aí, então os prefeitos traziam elas pra fazer o curso aí de três meses, num sabe, pra aperfeiçoar né e tal e tal. As professoras e aí a chefe do Curso de Treinamento queria porque queria me pegar pra levar pra ela, D.Lidimanha não deixava de jeito nenhum:” não vai levar minha MIP51 não, de jeito nenhum”. Ê... só cê vendo que gracinha que era (tom de alegria e satisfação por ser querida). Então aí a gente ficava lá, trabalhava, trabalhava. Às nove horas, dava o sinal, a gente recebia uma fruta né, pra gente comer: era uma banana, uma laranja, um suco, qualquer uma coisa né, eles davam pra gente. A escola oferecia né. Então às 11 horas a gente vinha pra casa. Vinha, almoçava, tomava um banho e aprontava direitinho. Aí já era aula de sala, era as aulas teóricas né. A gente ia pra sala e ficava até é.. cinco horas né. Ficava lá e estudava. Tinha muitas professoras né, professoras ótimas. Até hoje eu tenho saudade demais delas, da escola. Eu tenho um amor a esta escola, incalculável. (é isso a gente já percebeu) Porque, o que que acontece, lá em casa era pensão. D.Lidimanha hospedou-se lá, quando ela chegava e não tinha onde entrar né, coitada, a escola lá tava... tudo avacalhado, com muita poeira, tudo sem arrumar né. Então ela ficou lá em casa e então eu tive oportunidade de conversar com ela e pedi logo a... como é que fala?

**Renata:** A vaga pra senhora lá

**MIP51:** É. Como que é que a gente fala? Esqueci (risos). Eu tô esquecendo as palavra

**Renata:** Tem importância não, pode continuar.

**MIP51:** Pedi logo, pedi logo a...na escola

**Renata:** É o lugar, a vaga pra senhora estudar na escola.

**MIP51:** a vaga pra estudar, mas tem

**Renata:** Um outro nome né, na hora que a senhora lembrar a senhora fala.

**MIP51:** Então o quê que D. Lidimanha fez, me colocou como primeira aluna da escola, tanto que eu tenho a placa aí, que eles, quando a escola fez 50 anos eu fui homenageada lá e me deram uma placa num sabe? Eu tenho aí essa placa. Mas então ela tirou uma foto. Um dia eu cheguei, ela falou comigo assim: “Ô MIP51, vem cá meu bem, fica aqui. Vem, vem fazer uma pose aqui pra mim.” Eu falei: “quê que foi D.Lidimanha”? Ela falou assim: “O José

Veridiano”, era o professor de Agricultura num sabe? “O José Veridiano vai bater uma foto sua aqui que eu estou precisando.” Eu falei: “Pois não”. Então esse por esse,...escora aqui no portão, fica em pezinha aí. Era pra bater essa foto. Tinha essa foto na escola ela sumiu, sumiu tudo lá na escola né?! Então, eu gosto demais de lá porque minhas irmãs todas passaram por lá, meus filhos todos passaram, meus netos já passaram, agora bisneto tá passando.

**Renata:** Hum, que beleza!!

**MIP51:** Né, tá passando por lá. Então eu amo de coração aquela escola. Eu tenho a maior tristeza quando eu ouço dizer: a escola tá muito prá baixo, a escola vai acabar, a porque isso, papapá, papapá. Ah isso me traz um desgosto que você nem imagina. Agora quando eu vejo falar: que vai limpar a escola, que vai arrumar, que vai aparecer aí um curso assim assim, vai aparecer um curso disso assim assim, às vezes nem é verdade nada, num, às vezes nem acontece, mas só quando vejo o povo falar eu fico animada e gosto. Num perco minha filha, eu num saio mais de casa, mas não perco mais uma festinha lá, uma coisa, meu filho me coloca no carro e tem que me levar. Os professores: “Traz D. MIP51. Traz D. MIP51. Traz D. MIP51”.(risos) Você precisa ver minha filha.

**Renata:** É isso que é bom né D. MIP51, da gente guardar.

**MIP51:** Então como eu tava falando, então D.Lidimanha, aiiiiiii, era muito amiga da gente né, muito amiga dos meus pais, muito amiga da gente e ela, eu gostava muito dela, gostava muito dos professores todos. Então nessa, à tarde como eu tava dizendo, a gente tinha aula teórica né, ficava lá até cinco horas. Cinco horas a gente vinha embora. Agora ia com outro uniforme. De manhã que a gente ia pra agricultura né, a gente ia com uma calça de mescla azul, com um sapato ou uma botinha fechada né. E uma ca, e a blusa xadrezinha de azul e branco e aqui a calça tinha um peito aqui assim na frente, cruzava atrás num sabe? Esse era o uniforme de manhã. E à tarde era uma saia azul marinho, com um macho na frente, dois bolsos assim dum lado e do outro, atrás ela era, era lisinha assim, a sainha tampando o joelho e a blusa xadrezinha. Mas a blusa tinha que estar impecável. D.Lidimanha ia na fila, na hora da gente entrar pra sala de aula e ficava pegando assim na manga da camisa, da blusa da gente pra olhar se tava engomada. “Não engomou a blusa. Porquê? Eu quero saber o porque. Eu gosto da blusa é engomadinha”. Ficava assim pegando, tinha que tá engomadinha a blusa. Tinha que tá... Meia preta, sapato preto, saia azul marinho e essa blusa xadrezinha. Agora, a blu, o uniforme de gala era o mesmo sapato preto, porém, meia branca e a blusa branca, não era blusa xadrezinha. Era blusa branca com escudo aqui da Escola, Escola Estadual tal.., bordado.

Tinha uma senhora aqui que bordava muito bem e ela bordava os bolsos num sabe? Tinha um bolsinho aqui na blusa. O bolso bordado de azul. Então esse era o uniforme de gala né? Que assim, as missas mais, as missas festivas né, e aniversário da Escola e qualquer coisa que tinha; uma recepção, às vezes tinha que receber alguém importante que ia chegar na Escola e tal né, então era assim. Mas então a gente ficava com esse uniforme. Aí deixa eu te falar, então minha filha, à noite a gente tinha que ir lá pra estudar. Estudar era o quê, porque lá tinha biblioteca, a gente tinha que fazer pesquisa né, lá tinha um... vai à biblioteca, tinha uma bibliotecária que ficava lá olhando tudo direitinho e a gente podia fazer as pesquisa né, e pra poder fazer os dever dependendo do que a gente tinha pra fazer né? E sentava lá na sala de aula e ficava até nove horas. Nove horas dava o sinal e a gente vinha embora. Os internos aí tinha um, um lanchezinho. Era um chá, era um mingau ou um chá com quitanda mais leve, num era pão. D Lidimanha era cuidadosa, cuidava dos alunos demais, precisa ver que gracinha. Então, agora lá dentro da escola tinha as festinhas muito engraçadinhas né, tudo uma beleza. Ah, a gente tinha que fazer o diário da gente. Todos os dias tinha o diário, por exemplo, hoje eu estava escrevendo diário, escrevendo, escrevendo, tudo que passava durante o dia eu escrevia. Tudo que eu via e tudo que o povo comentava tudo que acontecia e a gente corria atrás pra saber, quê que tava acontecendo, porque, como que foi, de bom e de ruim, né? E agora, esse diário de hoje eu ia ler amanhã à tarde, a que fez o diário ontem, lia hoje à tarde. Então hoje, depois do jantar, tinha a leitura do diário. Depois que todo mundo jantava, aí ele fazia aquele silêncio né, para ler o diário e tinha o comentário do diário, sabe? O comentário é, o diário era muito bem feito. Lá tem muito diário lá guardado

**Renata:** Tem. Nós conseguimos uns.

**MIP51:** É, então tinha o comentário num sabe, e era uma coisa muito séria. Quem tinha alguma coisa assim que não gostou, levantava e falava, protestava aquilo e a menina ficava assim confusa mas dava tudo certo né, depois. E aí tudo, se chegava uma visita tinha que saber, tinha que comentar no diário tudo; quem era fulano de tal, quem foi, quê que veio fazer, veio de onde, o nome da pessoa, cultura da pessoa, tudo minha filha, tinha que saber pra escrever no diário, não podia faltar nada. O quê que foi o café da manhã, o quê que foi a merenda das nove horas, o quê que foi o almoço, porque que foi assim fez isso assim, porque aquilo aconteceu assim, não teve sobremesa porque isso assim assim, papapá, né?! Às seis horas tinha um lanche muito bom, lanche muito bom. Agora, elas faziam né, a gente fazia biscoito, eu aprendi fazer tudo. Tinha as mestras né. Lá tinha as professoras, lá era o seguinte; a professora de português era D. Araci Generoso, uma senhora do Serro, era mãe de Zé



Aparecido, aquele deputado (sei) sabe quem é né?(sei,sei) A mãe dele. Ela tinha cinco filhos, ela era viúva e eles ficaram em Belo Horizonte, ela alugou um apartamento lá, colocou os filhos lá e eles estudando né; tinha a Maria Aparecida que já era formada e ela veio pra cá. Era professora de português, uma senhora e tanto. Vestia toda de pretinho, sapato, meia, até o brinquinho dela era preto (nossa!). Era uma viúva cê precisa ver. Isso a professora de português. A professora de matemática era D. Maria José(risos) Dutra. Haiii, quando eu falo de D. Maria José eu vejo direitinho a minha frente, aquele rostinho fino assim na minha frente, vermelhinha brigando (risos) e batendo a régua no quadro “ e ocês não tão entendendo isso, isso aqui mais isso”. Mas era brava demais.

**Renata:** Ave maria!!

MIP51: Agora, matemática ainda professora brava desse jeito, cê imagina. D. Maria José Dutra. Ela era de Belo Horizonte. A professora de Geografia era de Brasília de Minas, chamava-se D. Cleonice Proença. Ela tinha uma irmã que estudava aí também. Ela trouxe a irmãzinha dela pra cá e chamava Rute Proença. Era nossa coleguinha amada, ô gente, porque ela tinha um problema cardíaco e D. Cleonice não deixava ela pra trás de jeito nenhum, até trazer ela pra dentro da escola também, ela ficou estudando, era uma gracinha a Rute. Depois, poucos anos depois eu fiquei sabendo que ela faleceu, a Rutinha, nossa amiga demais. Então, a professora de Ciências era D. Maria Eremita, do Serro também. D. Maria Eremita....eu esqueci o sobrenome dela, e assim por diante. O professor de Agricultura era o professor José Veridiano. Era lá do Ceará (nossa) bravo, gordão, alto, bonito. Era muito ruivo num sabe, a barba dele era ruiva, o cabelo também. Era rapaz solteiro minha filha no meio daquela moçada lá. Arrumou um namoro com a enfermeira. Tinha uma enfermeira na escola, enfermeira mesmo, formada num sabe, morava dentro da escola. No princípio não, depois veio. Mas toda vestidinha de branco, toda alinhadinha, com lencinho branco na cabeça, chamava Terezinha Otoni. Terezinha Otoni não..., é, Terezinha Otoni. Bonitinha, uma gracinha, franzina, a a cinturinha era aqui, desse tamanhozinho, namorando com aquele baita de homem. Arrumaram aquele namoro lá, mas tudo muito sério num sabe, namoro antigamente era namoro né. Hoje é que nós não temos namoro mais

**Renata:** Infelizmente.

MIP51: Infelizmente não existe mais namoro né? Não existe mais namoro, não existe mais casamento que presta, nada, não existe nada. Ai que tristeza que eu tenho! Mas então era assim, mas a gente ia levando né. A gente, nós nos dávamos muito bem umas com as outras,

não tinha briga, não tinha nada. D.Lidimanha era muito severa e D.Lidimanha também dava aula pra gente, era Educação Social. Ela era canhota né, ela era esquerda. Eu vejo a mãozinha dela direitinha lá no quadro, escrevendo pra gente. Que dia que ela ia dá aula né, pra gente era bom. Ela era muito mansa, muito correta, exigente. A gente, a sala de aula, porque no princípio não tinha aquele prediozinho do lado de baixo, só tinha o casarão né, e então as aulas era lá em cima, lá onde onde é agora dormitório

**Renata:** Na parte de cima.

**MIP51:** Se ela tivesse lá embaixo e por acaso, chegasse lá embaixo um papelzinho que passou pela janela, ela subia a escada, entrava, subia a escada e ia lá na sala de aula saber quem foi que jogou aquele papelzinho pela janela e caiu logo perto dela lá embaixo, ela ia saber. Brava. Eu aprendi tanta coisa com ela. Eu tenho raiva de alguém jogar as coisas pela janela. Eu não admito, não aceito que joga as coisas pela janela. Ela falava assim: “não se joga nada pela janela, nós temos as vasilhas aqui ó, de lixo”, a gente mesmo tinha que fazer as vasilhas. Não tinha nada na escola né, a escola era pobre, quando abriu, nossa, coitada, eu que sei a dificuldade. Não tinha uma vasilha nem pra fazer um café, não tinha (complicado né) é...

**Renata:** E como é que abriu a escola sem nada, sem.....

**MIP51:** Ah minha filha como que abriu? O dia que elas chegaram aí, meu pai tinha venda. Quando você saltar a ponte assim, daqui pra lá, à esquerda, a primeira casa era a venda do meu pai, aquela casarona, casarão que tem com aquela grade assim até lá em cima, aquilo era de meu pai, num sabe. E ali era a venda dele, tinha tudo lá. Quando ele ficava sabendo lá na venda, ficou sabendo que as professoras chegaram, ele me chamava de Lica,”Lica, ó, diz que as professoras chegaram aí. Como é que elas vão entrar lá naquela escola? Não tem jeito minha filha. Cê podia ir lá”. Eu vou pai. “Vai lá e leva umas velas e umas caixa de fósforo procê podê, pra elas podê entrar”. Então eu cheguei lá, elas tavam lá na porta, pelejando pra entrar, mas aquela escuridão. Não tinha luz naquela época né. Então nós fomos riscando o fósforo, acendendo as velas e entrando e colando as velas aqui e ali dentro de casa. Teia de aranha não tinha quantidade. Cê precisa ver. Aí eu voltei: mãe lá não tem nada mãe. Mãe falou assim: “leva um café pra elas, eu já tô aqui fazendo”. Mamãe fez umas bulada né de café, nem usava garrafa naquela época, era só bule, bule. Vai levar minha filha. Pôs as xícara numa vasilha, as canequita. Vai lá, leva esse café pra elas. Eu volto cá em baixo, olha onde que tá a escola, eu volto: mamãe, lá não tem uma vasilha pra elas fazer um café amanhã cedo. Mãe falou vai levar, vai essa chaleira. Mãe pegou uma chaleira de ferro, daquelas antiga, e me

deu essa chaleira e tinha que ter essa chaleira lá na escola. Eu já fiquei brava lá um dia porque sumiram a chaleira. Levou, ela que fez o primeiro café. Então eu levei a chaleira, meu pai me deu açúcar, me deu uma porção de coisa e eu levei e elas fizeram o café lá e no outro dia eu fui pra lá ajudar elas tirar teia de aranha e arrumar a casa. Eu fui lá ajudar. (Pois é, começou bem difícil então né D. MIP51 e a senhora participando) Mas aí era assim minha filha, a rotina era essa. Era, então as professoras eram muito boas, muito amigas, muito competentes né, muito competentes, apesar da da, do analfabetismo da gente, a gente compreendia muito bem quem era capacitado e quem não era. Eu sempre sempre soube divulgar (risos). Chegaram né, isso era princípio de setembro e a inauguração ia ser dia 30 né. Elas queriam arrumar a casa pra poder inaugurar né. Aí D. Lidimãna saiu, foi comprando vasilhame, teravido. Minha tia, Maria Pinto emprestou muita vasilha pra levar pra lá né. Quando elas queria ir lá, pedir as pessoas as coisas, eu é que era a (risos), eu é que tinha que ir porque eu que conhecia as pessoas e eu que conhecia as professoras (pois é). A dona era minha tia, era das primeiras pessoas daqui. O marido dela era Vicente de Paula Medeiros, era o ricoço daqui, o coronel né. Então e era minha madrinha então: ô dindinha nós viemos aqui, essas são as professoras lá da escola, as professoras que tão aí ó. A senhora ainda não teve oportunidade de conhecê-las, eu vim trazê-las aqui, algumas aqui, pra conhecer a senhora. Ah muito bem MIP51, tá. Sentava lá com elas, conversava, conversava, conversava. Depois, ó dindinha, elas tão precisando de umas vasilhas lá pra inauguração da escola. Eu falei que a senhora, eu falei, eu sou franca em dizer que eu falei que a senhora tem, não podia negar né, porque a senhora tem mesmo. Um vasilhame danado e tudo muito bom, tudo muito chique. Então o que a senhora puder e quiser e elas precisarem, aí isso aí fica entre você e elas, a senhora e elas. Eu vim só encaminhar o negócio. Ah, pois não MIP51, eu empresto sim, falou com elas né. Eu nem sei qual delas que tava comigo. Pois é, eu empresto sim. Tudo que as senhoras precisarem lá, pode me procurar. Então ficou, então foi. Aquelas travessonas grande assim de louça né, muita panela, muita coisa que ela emprestou. Meu pai emprestou, minha mãe emprestou muita vasilha, muita coisa. E a festa foi simples, porém bonitinha né (arrumadinha né). Tudo muito bom né. Nós que fizemos tudo e eu, analfabeta quase que era, na minha pequenez, não sabia nada nesse mundo, eu tinha o terceiro ano primário né, era o que eu tinha. Mas D. Cleonice tava incumbida disso, a professora de Geografia e a de Português tavam incumbida disso: quem vai fazer o discurso é MIP51. Eu falei assim.. Ah, eu até chorei! Gente não tem cabimento, porque aí já tinha começado uma porção de gente, já tavam pedindo matrícula, num sabe, já tinha uma porção de menina daqui e de fora já tava lá entrosando e tal e coisa, mas elas escolheram foi eu. Vai a boba fazer, não sabia nada, não sabia nada e fui

fazer. Então: as professoras escolheram você para fazer o discurso. Falei assim: pra senhora vê, logo eu. Eu não sei nada. Não sei o quê que eu vou fazer. Coloca lá o que você souber, o que você quiser e o que você souber. Só isso. Eu fiz, foi que eu fiz.

**Renata:** Tá vendo, desse jeito! Mas tinha que ser a senhora mesmo, a senhora foi a primeira!

**MIP51:** Aí levei pra D. Cleonice corrigir num sabe. Corrigiu lá como ela, corrigiu o que queria, eu passei a limpo e fiz o discurso. Mas deixa eu te falar, veio o prefeito de Diamantina, aquela porção de gente, médico, Dr. João Antunes né, o padre, o Padre Aleixo, um padre estrangeiro que tinha em Diamantina, veio o representante do Secretário de Educação de Belo Horizonte, alguns professores, alguns funcionários lá da Secretaria num sabe? Muita gente, mais o pessoal, convidou assim o distrito todo né? Veio uma pessoa, um prefeito daqui, um prefeito dali, o prefeito da cidade tal, o prefeito de Corinto, o prefeito de Curvelo, veio muito prefeito, muita gente né importante, veio médicos e tudo. Então realizou a festa dia 30. Aí nós começamos a frequentar a aula, o quê, de setembro até dezembro, nós tivemos um curso de, D. Lidimanha falava que era um curso de admissão, pra prepara a gente, direitinho, pra poder entrar. Cê já pensou, quem tinha o terceiro ano primário entrar para o primeiro ano normal?! Pesado não é?

**Renata:** É , bem pesado.

**MIP51:** Né?! Então outras podiam até ter mais capacidade, mas a gente daqui não tinha e daqui eram muitas alunas. Então nós entramos né, fomos e ficamos três meses (tosse) fazendo o curso de admissão até dezembro. Graças a Deus eu passei muito bem na prova, minha irmã Geralda, minha prima Marlene, mais algumas. Daqui só passaram três, a minha irmã Geralda que era muito inteligente, a minha prima Marlene e eu. Nós três. Então nós fomos para o primeiro ano, né? Aí minha filha, o primeiro ano funcionou com 43 alunas.

**Renata:** Nossa, muita gente!

**MIP51:** O primeiro ano normal. Muita gente, né? Tinha gente de todos os lados, até do Triângulo Mineiro.

**Renata:** Que importante!

**MIP51:** Tinha. Nós tínhamos uma menina que chamava Adenalva, outra chamava Maria de Lourdes Souza, Maria de Lourdes Borges, outra chamava Marina e a outra Meire. Meire era

desse tamanzinho assim ó, uma gracinha de menina né? Agora, sabe como que era dividido? Era assim: D. Lidimanha colocou, D. Lidimanha não, por quê? Por que D. Lidimanha era diretora, ela abriu a escola e ela ficou aí durante esses três meses do curso de admissão, ela ficou aí na escola, de setembro até dezembro. Eu lembro dela com aquela mãozinha esquerda, pintando os boneco de fantoche né, ensinando a gente para frequentar as festinha né? Então, quê que acontece, mas no ano seguinte, em 51, ela não foi a diretora, foi D. Estela Gama.

**Renata:** Uai!?

**MIP51:** Uma moça de Teófilo Otoni, em 51. D. Lidimanha falou que precisava fazer uma, como é que fala? Precisava ir ao médico e se preparar para ela poder tomar, pegar esse batente. Então trouxeram essa moça lá Teófilo Otoni, Estela Gama. Eu tinha uma foto dela, desapareceu que era, porque ninguém acredita é isso, que D. Lidimanha não foi diretora em 51. Foi gente e nessa foto que D. Estela me deu, ela colocou assim: sua, a diretora de 51. Ela assinou assim: Estela Gama, a diretora de 51, nessa foto que ela me deu. Era um comprovante né? a foto. Sumiu aqui em casa. Num sei onde que foi, as coisas some né? Por mais que a gente guarda. Então minha filha, a professora de 51 foi D. Estela Gama. Brava, quando ela ficava brava as veia do pescoço ficava dessa grossura assim ó, e ela gritava e empinava o peito e ficava brava mesmo. D. Estela Gama.

**Renata:** Ave maria!

**MIP51:** Mas muito boa né. Mas eu me dava muito bem com todo mundo, graças a Deus!! Porque eu sabia levar né, ô gente. Mas que gracinha. (os olhos encheram de lágrimas) Eu tenho saudade viu?(voz embargada – chorou)

**Renata:** Ô MIP51, é interessante assim que todo mundo que a gente conversa, todo mundo tem esse sentimento de saudade que a senhora tem, assim... é uma idolatria à essa escola de Conselheiro Mata nessa época né, todo mundo é apaixonado com a escola.

**MIP51:** E muita saudade, muita mesmo muita saudade

**Renata:** É, deve ter sido um período muito bom. Quando D. Lidimanha (voz ainda embargada) sentava, ela usava só vestido né, só vestido. Quando ela sentava, ela tinha um vestido cor de rosa, de xadrezinho cor de rosa, e ela calçava sandália assim, amarradinha de lado né, dentro da escola pra ficar mais fácil, descansar os pés né. Então ela sentava às vezes na calçada assim, punha as pernas assim, cruzava as duas mãos assim e ficava.... olhando a

gente brincar de roda né, que tinha um recreio, depois que lia o diário, tinha um recreio até nove horas né? E a gente ficava lá brincando de roda, cantando aquela porção de coisa, brincando de esconder, brincando de passar anel, brincando de uma porção de coisa.

**Renata:** Que a infância de hoje não conhece né MIP51?

**MIP51:** É,é, e brincando de ..., era um tanto de brinquedo, brinquedo antigo né, a gente brincava. Uma .., porque tinha menina de todo lado e cada uma sabia um brinquedo diferente né, e aquilo era novidade, por exemplo: ô gente eu vou ensinar pra vocês, quer ver? Vão, vão, MIP51 vai ensinar agora, vão ver o quê que MIP51 vai ensinar. Ah, Lourdinha vai ensinar o coisa. Aqui gente, Meire vai ensinar aqui um brinquedo. Aquilo era muito interessante né. E todo mundo ficava curioso pra aprender aquele brinquedo e D. Lidimanha ficava ali, riiiiiiia que era uma graça. Ela usava só vestido assim, justo num sabe, ela tinha os seios muito grande né, muito grande e muito elegante. Ela era muito elegante. Cabelo curto, cabelo preto curto assim, cortadinho, o pezinho feito assim e ela tinha um vestido marrom com uma flor vermelha assim na gola. Ai que saudadeeee! Que saudade que eu tenho! (olhos marejados)

**Renata:** É tão bom né, quando a gente vê assim que tem...

**MIP51:** Tinha a professora de trabalhos manuais né. D. Conceição Cunha que ensinava a gente fazer tudo quanto era trabalho. A gente ia no campo panha capim, panha fruta, essas fruta do campo pra fazer trabalho, fazer cesta, fazer vassoura pra varrer a casa, aqueles, aqueles coquerim né? A gente que fazia, minha filha, as vassouras. Elas gostavam que a gente fizesse as coisas né? Ela queria que a escola produzisse (é, até pra vida da senhora também, era muito bom, né, o aprendizado dessas coisas uai?!) Pois é, e a gente aprendia, vassoura de coqueiro pra varrer a casa, pra varrer os pátios, tudo né. As flores, lá tinha altar, a gente colocava flor né, que a gente colhia, no altar. Era muito bom. As moças. Tinha D. Maria de Lourdes né, D. Maria de Lourdes, que a gente chamava D.Lourdes, D.Lourdes, era professora de canto né. Ela que ensinava a gente tudo e a gente sabia tudo direitinho. Ela que ensinava, gostava de cantiga e cantar do jeito que ela queria né, e a gente sabia aquele tanto de música né. Era muito bom a escola gente. Tinha, essa enfermeira dava uma aula pra gente uma vez por semana num sabe, assim instruindo a gente, ensinando, falando sobre higiene corporal, não é, sobre higiene da casa, sobre de como a gente devia usar, como devia ser usado um filtro de colocar água em casa, tudo isso ela ensinava, né. Muito bom né?

**Renata:** É uai

**MIP51:** Higiene da boca né, tinha gente que nem, que às vezes nem nunca usou escovar um dente né?

**Renata:** E assim, ensinava, por exemplo, aprender fazer curativo?

**MIP51:** Fazer, eu aprendi aplicar injeção foi lá. Antes de D. Terezinha Otoni, teve uma outra e chamava Alice, D. Alice. E essa Alice grudou ne mim que só vendo, pra mim ajudar, porque toda vida eu fui doida com essa área de saúde num sabe? Tinha que ser é médica né? (risos) Nossa, até hoje eu sou louca pra ver abrir uma pessoa, olhar lá dentro, ver como funciona isso com aquilo. Eu sou curiosa até hoje num sabe? Mas então eu ficava grudada ne D. Alice, ela que me ensinou. Quando ela saía pra pra, atendia a comunidade num sabe? Porque a comunidade era muito carente, não tinha nada. Não tinha um Posto de Saúde, não tinha ninguém pra atender nada né? Então D. Lidimânia fez um horário pra D. Alice atender. Eu lembro uma vez, um senhor brigou lá na rua e tomou umas paulada num sabe? Chamava Sebastião Pimenta. Olha procê ver quantos anos... naquela casinha ali em cima ó. E eu fui lá com D. Alice fazer o curativo na cabeça dele. Tava toda quebrada a cabeça dele e nós fizemos o curativo. Toda manhã a gentia ia lá fazer os curativo num sabe? Eu aprendi com ela, aprendi muita coisa com D. Alice, muita coisa. E Dr. João também, Dr. João Antunes, um médico antigo aí de Diamantina e muito bom por ser, por exemplo, ele dava aula aí toda semana. A gente sabe muita coisa que Dr. João ensinou né (que bom). Até hoje eu falo assim, de vez em quando falo assim: tem uma mulher grávida num sabe, gente assim muito amiga, às vezes assim que tem muita liberdade com a gente né, fala assim comigo: Ô MIP51, falei: nó cê tá grávida tátátá. Estou. É...ô D. MIP51, quando que vai nascer? Eu falei uai não sei uai, eu não sei, não sei das suas intimidades (risos) Que dia lá, só falar o dia que foi isso assim assim, a última menstruação né? Aí elas falava e eu falava: vai ser tal dia assim assim. Uai D. MIP51 o médico falou que é tal dia. Cê vai ver qual é.... Depois elas vinha falando: D. MIP51 foi a coisa. Foi Dr. João Antunes que me ensinou né? Eu sei muita coisa que foi Dr. João Antunes que me ensinou num sabe? Me chamava de MIP51 (diminutivo), Dr. João. E.., ele, todo sábado ele vinha dar aula. Sábado tinha aula né, e todo sábado ele vinha dar aula pra gente. Era uma beleza, a gente adorava as aulas dele. Era médico de Diamantina. E essa professora, essa enfermeira tinha também uma aula dela uma vez por semana pra ensinar a prática da vida né, ensinar assim as coisas assim por cima né, resumido, as mais necessária né. Ela ensinava pra gente até pra ajudar a escola né. A gente precisava saber dessas coisa.

**Renata:** Quando alguém de vocês, alunas, adoeciam, já vinha Dr. João dar aula, mas quando vocês adoeciam aqui, alguma coisa, como é que era? Vocês iam pra Diamantina, vinha, como é que fazia?

**MIP51:** Vinha um carro. A escola tinha um carro né, tinha um jeep e pegava a pessoa que tava doente e levava. Internava, avisava os pais né.

**Renata:** Depois que a senhora formou na escola, a senhora deu aula ou a senhora.....

**MIP51:** Eu não formei minha filha.

**Renata:** Uai e porque que a senhora não formou D. MIP51?

**MIP51:** Porque eu fui casar (caiu na risada). (Ah tá) Uai. Eu fiz só o primeiro ano (só o primeiro ano)

**Renata:** E depois de casada, aqui em Conselheiro não deu pra senhora continuar não?

**MIP51:** Pois é, mas eu não fiquei aqui. Eu mudei. Meu marido me levou lá pra Augusto de Lima, lá pro ramal de Montes Claros. (Ah tá) Já viu só que danura?

**Renata:** Pois é, mas a senhora já deu aula alguma vez, mexeu com escola?

**MIP51:** Não. Não, não dei aula não.

**Renata:** Eu descobri, pela leitura dos diários que tinha uma Loja escolar. O quê que era essa lojinha que tinha lá dentro? A senhora sabe?

**MIP51:** Loja?! (é) Ignoro, loja lá dentro da escola. (é)

**Renata:** É uma lojinha assim, pra material escolar, alguma coisa assim de ....

**MIP51:** Não. Isso pode ter acontecido depois que eu saí né, mas durante meu tempo lá nunca teve essa escola não. A única coisa que tinha lá era uma caixinha, que a escola era pobre né, a gente não tinha assim, não tava organizada ainda as coisas né. Então todo mês a gente tinha, todo mundo. Tinha a menina que cuidava disso né, tinha a menina que cuidava disso, então ela já tinha o caderno com o nome de todo mundo e ia procurando uma por uma. Cada uma dava 20 centavos. Eu dava 20, você dava 20, a outra dava 20 e punha lá PG pra todo mundo. Pra quê? Pra comprar algodão, mertiolate, é... uma tesourinha pra escola. Cada mês



comprava. Aí a enfermeira ia em Diamantina e fazia uma comprinha com aquele dinheiro. E as menina dava todo mês. (certo) Quando juntava um dinheirinho comprava né?

**Renata:** Eu achei também D. MIP51 falando sobre, que vocês tinham que pesar periodicamente. A senhora lembra disso?

**MIP51:** Tinha que ir o quê?

**Renata:** Pesar, ver quanto que a senhora tava pesando. Se a senhora tava engordando, emagrecendo...

**MIP51:** É pesava, pesava.

**Renata:** Pra quê, a senhora sabe?

**MIP51:** Num sei. Pesava eeeee... Num sei. Pra ver se tava engordando. D. Lidimanha preocupava né, por exemplo, se a menina tava emagrecendo, se não tava gostando da escola, o porque que tava emagrecendo né, o porque que tava engordando, pra ver se a alimentação tava legal né. É, deve ser isso né? Pesava de vez em quando e de vez em quando todo mundo consultava né. Consultava lá, olhava a pressão, olhava, olhava as principais coisas né.

**Renata:** Humm, tá.

**Renata:** Alimentação de vocês lá na escola. Tinha a horta né. Tudo que plantava lá era consumido na escola mesmo? Era pra consumo da escola?

**MIP51:** Era pro consumo da escola. Dava muita fruta, tinha mamão demais, muita laranja, tinha muito, muito marmelo. Tinha um rapaz que cuidava lá do pomar. Tinha um pomar lindo lá na escola e tinha muito marmelo. Então quando era o mês de janeiro, que é da época do marmelo produzir né, que dava o marmelo, era justamente na época das férias. Então, o quê, as cozinheiras, empregadas da escola iam colher marmelo e fazer marmelada. Pra quê a marmelada? Pra sobremesa das meninas o ano todo. Encaixotava toda a marmelada em caixotinho assim ó, encaixotava tudo e tinha marmelada, tinha sobremesa o ano todo pras meninas. Tinha muito alface, couve, tomate, todo tipo. Tinha porco né. De vez em quando matava um porco, era aquele faturão né. Acabava logo porque era muita gente né. Muita professora né, e tinha ..., fazia doce lá dentro da escola, fazia doce assim, pra ensinar a gente. Hoje, por exemplo, olha, hoje de manhã, aqui gente ó, você vai pra cozinha, essa turma vai

pra cozinha. Lá vai ensinar fazer um doce lá. Então a gente ia fazer, fazer doce de limão né. Outro dia ia ensinar fazer, aquele negócio, como que fala, esqueci o nome, que faz com pão, com pão duro que fazia...

**Renata:** Pudim de pão

**MIP51:** heim?

**Renata:** Pudim

**MIP51:** Não, né pudim não. A gente cortava as rodela do pão assim, punha no leite, depois punha numa calda, depois tira uma por uma e ia colocando nos tabuleiro assim, nos pirex e tal e semeava açúcar e canela

**Renata:** Um negócio que faz até, o povo faz muito no Natal né

**MIP51:** É.

**Renata:** Eu sei o quê que é mas o nome não tô lembrando não.

**MIP51:** Esqueci também

**Renata:** Eu sei o quê que é.

**MIP51:** Então ensinava, cada dia era um doce que ia fazer, um tipo de quitanda né, que ia fazer, de biscoito. Tinha uma velha, essa D. Maria Eremita que era professora de Ciências, a mãe dela que era a chefe da cozinha. A gente chamava ela de mãedona, mãedona, e mãedona é que nos ensinava a fazer esses doce, essas coisa. Já tava veeeelha coitada. Tinha D. Licota também né, que trabalhou lá né. D. Licota também era muito sabida, ensinava muito a fazer as coisa.

**Renata:** Que bom uai, então ótimo.

**MIP51:** Tinha só a religião católica nessa época né. Só tinha uma aluna que não era católica, Adenalva. Essa aluna lá do Triângulo Mineiro. Ela, então na hora, mas ela tinha liberdade num sabe? D. Lidimanha falava com ela, que Adenalva não precisava assistir as aulas de religião né, as aulas do Padre. Então ela não participava. Que o Padre dava aula pra gente né, e ensinava muita coisa. Primeiro era o Padre Aleluia né, Padre José Marques de Azevedo (Pe. Aleluia) e ele que dava aula né. Depois ele saiu da escola, casou-se né (risos)

**Renata:** As coisas mudam né D. MIP51? – risos.

**MIP51:** E tinha aula assim, ele... D. Lidimanha trazia as meninas pra Igreja, cá em baixo, né, pra ouvir missa, pra rezar terço né; toda noite as meninas vinham, aquelas que queriam né? Tinha uma professora ou duas que vinha trazer as meninas pra Igreja pra rezar terço.

**Renata:** Pois é, mas a aula era assim, obrigatória assistir, menos ela que não era religiosa, que não era católica.

**MIP51:** É. Só pra essa que era protestante né, é que, é que num, ela não precis, ela num tinha, ela não era obrigada ir pra aula. Mas todo mundo ia assistir as aulas do, dos padres né, eles sabia tudo, eles falava tudo, ensinava muita coisa boa né. Foi muito aproveitável esse primeiro ano, eu.... aprendi muita coisa né, muita coisa. Eu sou grata a essa escola num sabe? Ganhei tanto amigo e tanta amiga, tantas amigas que eu tenho né, as meninas tá até hoje, aquela gracinha né. Aquela gracinha. Eu já sabia costurar quando eu fui pra escola, já era costureira, porque minha mãe me colocou, quando menina ainda né, com uma moça que tinha aqui, costureira, famosa, muito boa. Então eu fui e aprendi a costurar com ela. Então lá eu não tinha sossego, toda hora tinha uma coisa pra mim fazer. As roupa dos fantoche minha filha, cê precisa ver. Roupa de festa e audiência. “Vai chamar a MIP51 pra ajudar senão esse trem num vai sair não”(risos)

**Renata:** Tá vendo, é desse jeito, o pouco tempo que a senhora ficou...

**MIP51:** E fazia teatro lá, precisa ver a gracinha dos teatros. Fazia teatro num sabe e fazia teatro drama né. Uma vez nós apresentamos aquele drama de Nossa Senhora de Fátima e apresentação de Nossa Senhora de Fátima. Aquelas roupas bonitas D. Lourdes Moura é que arrumava isso

**Renata:** Aí tinha que ser mais chique né?

**MIP51:** êta gracinha... D. Lourdes Moura quando ela, a gente não tava ouvindo ela direito, ela subia num tamburete e “Ô você aí atrás ó” (risos) Subia no tamburete mas pra ser vista (risos) porque ela tava lá na frente dando compasso né, e a gente lá de trás num tava vendo, ela ficava com medo de num tá vendo né, ela subia no tamburete (risadas)

**Renata:** Tinha jeito pra tudo né?

**APÊNDICE D****Transcrição da entrevista realizada com ex-alunas da Escola Normal Rural Regional  
Dom Joaquim Silvério de Souza**

**Entrevistada:** MLS52

**Data da entrevista:** 02.03.2020

**Renata:** D. MLS52, fala pra mim sobre a rotina que a senhora tinha lá na escola de Conselheiro Mata. Como era tratado o assunto saúde nas aulas e práticas que vocês faziam e aprendiam. E como foi a vida profissional depois que se formou.

**MLS52:** Então, a gente tinha atividade o dia inteiro, tinha um pouco de recreação, oração à noite e ia dormir 10 horas da noite, porque tinha horário de estudo. Então era um estudo muito puxado, muito bom né, e assim era acompanhado e e cada dia tinha uma diarista. Então no momento do jantar é.. fazia um sorteio né, e uma aluna lia o diário. As outras turmas liam assim os fatos do dia, porque a gente registrava fato triste, fato alegre né, uma visita que a gente recebia lá, uma notícia boa pra escola, então tudo isso era registrado. E fato triste né, quando acontecia alguma coisa que causava tristeza, uma aluna adoecia como aconteceu lá mesmo. É... e depois fato censurável, quando alguma aluna cometia alguma falha então era observado e colocava, censurável né. Então e tinha quadrinha, que a gente ou inventava ou procurava em algum livro né, de literatura e fazia aquela, uma quadrinha. Isso todos faziam né. Uma lia o diário, fazia a quadrinha dela, as outras também eram, falavam dos fatos que às vezes uma num observou (engasgou) e a outra observava e registrava. Mas todas as, tinha uma diarista em cada turma (hum, que bom).

**Renata:** Hummm, que bom.

**Renata:** D. MLS52 assim, a senhora falou questão de fato censurável. Aí é quando alguém fazia alguma coisa por ser considerada assim errada. Tinha alguma punição, tinha algum castigo? Porque a disciplina lá também, até pelos horários a gente sabe que era rígida, né? E quando alguém cometia algum erro, alguma coisa, tinha algum castigo, alguma coisa assim?

**MLS52:** A pessoa, ela era encaminhada né, no gabinete e recebia orientação da diretora. Era D. Lidimanha, uma excelente profissional e..., mas assim, era uma disciplina bem rígida né. Aí ela dava orientação. (raspou garganta).

**Renata:** Mas era só orientação mesmo né? Não tinha punição não né? Por exemplo, assim: como castigo que você fez uma coisa errada, vamos supor assim, você vai varrer o galinheiro.... Por exemplo, uma punição assim não tinha. Igual a gente via na escola demais, por a pessoa virada pra parede..

**MLS52:** Ah não

**Renata:** Não né

**MLS52:** Não tinha isso não. Aí colocava é é é, quando a diarista percebia né, colocava no diário e aí já era uma coisa assim muito, eu digo assim, constrangedora né, pra quem cometeu o erro. Mas era uma disciplina muito boa. O estudo era super apertado, eram aproveitados todos os momentos. Então a gente só não podia fazer nada no horário do repouso. O repouso era de absoluto silêncio né, depois do almoço, que era pra descansar. Era de olhos fechados, até que a gente acostumava, tinha uma professora que ficava ali, como diz, é.. em observação pra que ninguém conversasse, ninguém saísse do lugar, não fizesse nenhuma graça né. Então era muito rígido, mas foi uma escola, eu acho, se ela é famosa mereceu a fama, porque preparava a gente muito bem né, em todos os sentidos. Essa parte de saúde mesmo tinha, a gente tinha aula de higiene, tivemos aula com Dr. João Antunes né, aula de enfermagem. Então a gente saiu de lá assim preparada para socorro de emergência. Cada uma recebeu uma caixinha chamada “caixinha de emergência” e, eu mesmo usei muito a minha caixinha de emergência fazendo curativo nas pessoas né. Então assim, medicação a gente não fazia né, “olha, isso aí é caso de médico, vai...”, mas quando era um caso assim, a pessoa machucou, teve um corte, a gente logo, se era coisa superficial, a gente atendia. Eu mesmo, aqui, logo que eu formei encontrei uma velhinha e ela tinha, ela teve um abcesso assim na mão, que a mão dela ficou deformada. Aí eu não sei onde eu busquei coragem e Dr. João, quando eu contei pra ele, ele falou assim “menina, você tá ficando louca, porque isso é caso é de médico! Cê foi formada pra fazer cirurgia?”(risos) Porque aí eu fiquei com pena, porque aqui carro naquela época né, porque eu formei em 55, imagina... Isso foi, eu trabalhei fora, em 59 eu voltei pra cá, daí pra frente que eu comecei trabalhando aqui e agia dessa forma. Encontrei com a dona, que eu visitava muito né e ela tinha umas netinhas que eram alunas minhas, aí eu

fui visitar. Cheguei lá, achei a mulher com esse problema. Ahh, acredita que eu comprei uma gilete novinha, esterilizei ela toda e fui(riso) e fiz uma cirurgia aí

**Renata:** Coragem

**MLS52:** É, de luvas, tudo. Apertei, tirei aquele, aquela ma, aquilo que escorreu mesmo sabe?! E fui fazendo curativo e essa mulher ficou curada. Então eu falei, gente ... eu contei isso pra Dr. João e ele falou que eu tava louca né, falei mas graças a Deus a minha loucura curou uma pessoa né...

**Renata:** Ajudou né

**MLS52:** Ajudou, ajudou a Deus curar porque quem cura é Deus né. Então assim, a gente ganhou muita experiência sabe. Experiência na área de, porque a gente tinha aula de agricultura, depois fruticultura, floricultura então e jardinagem. Então a gente tinha todo tipo de aula e a gente mesmo que lavava nossa roupa, então o dia era apertado, era muito apertado e não podia sair fora do horário do recreio, porque ela fazia questão né, a diretora fazia questão do horário de recreio. Então foram professores né, todos muito bons. A gente teve professores que eram de Diamantina mesmo, tinha Dr. João né, que dava aula de puericultura, é.. a gente assistia o parto, ele fez o parto e nos levou pra assistir, pra mostrar os procedimentos que um dia vocês podem precisar de atuar nesta área aí, então a gente foi assim muito bem preparada né. Como dona de casa né, tinha a parte de orientação doméstica. Então o currículo de lá, era um currículo muito perfeito, sabe, além das matérias básicas, então a gente tinha essas matérias complementares que ajudavam muito a gente na vida. Então eu saí de lá e assim me sentia, quer dizer, sempre que a gente começa um trabalho a gente nunca (engasgou) sabe tudo né, a gente tem sempre muito o que aprender. Então a gente aprende com as famílias, com os alunos e com os colegas né. A gente aprendeu trabalhar só em equipe né, então onde a gente ia a gente tinha esse hábito de formar equipe né, pra trabalhar. E eu fui pra Senador Mourão, meu primeiro tempo foi lá. Então eu fui muito perseguida pela política aqui né? Porque na verdade, eu estudei pra ir, pra trabalhar na zona rural, em Amendoim, que lá que eu nasci né. Então eu fui pra lá pra assumir mesmo e eu assumi. Montei no cavalo, fiz matrícula de porta em porta, já pra conhecer as famílias lá. Eu já morava aqui com meu pai e fiz a matrícula e comecei a trabalhar. Só que a Escola, ela tava fechada e todo o material da escola trancado e o professor tinha ido embora, abandonou a escola e foi pra São Paulo. Depois ele, aí eu não tinha como fazer nada e o povo lá assim é, sempre naquela coisa que ele ia voltar. Parece que a família falava né. Aí eu achei um jeito de trabalhar aqui e então eu

deixei lá e vim pra cá, porque o tempo que eu trabalhei lá eu nem recebi nada, porque eu nem sabia. Fui procurar o inspetor aqui, que era inspetor lá, vereador e tudo e que me mandou pra lá né, sabia que eu tava lá, “ah, eu não posso fazer nada”. Eu falei “ó, eu sou pobre, preciso trabalhar, então eu não posso ficar lá sem saber... Eu não tomei posse de nada lá, ninguém foi me entregar a escola, tá tudo trancado. Eu não tenho nem material assim de escritório lá pra agir e então eu não vou ficar lá. E eu consegui uma vaga aqui, então ...” Ele entrou com política e não me deixou ficar. Eu fiquei parada. Depois fui convidada pra Senador Mourão, fiquei lá três anos. Fiz o concurso, passei no concurso e vim pra cá. Aí eles não queria muito né, sempre era o chefe político, a direção era escolhida por ele, mas eu não tive dificuldade com a diretora. E outra, graças a Deus eu tinha um bom desempenho, ela vivia na minha sala, então, ela tinha né, que dizer claramente o que era. Então quando eu fui perseguida, que eu fui transferida pra Senador Mourão, falei “gosto muito de lá mas eu não vou deixar minha mãe que tá precisando de mim agora, então eu vou em busca dos meus direitos”. Fui pra Belo Horizonte, conhecia nada lá e enfrentei e fui, e pergunta daqui dali, que ônibus que eu pego pra ir na Secretaria de Educação, na rua né, peguei ônibus, fui, não tinha dinheiro pra táxi (riso) tinha medo de pegar táxi sozinha, então fui com. Fiquei lá uma semana mas consegui falar com o Secretário e fui enérgica com ele né, falei “olha, é um direito meu”, porque depois que passou dois anos saiu a minha efetivação né, e eu fui é é transferida. Aí nem faz parte né do que a senhora quer saber

**Renata:** Pode falar o que a senhora quiser falar.

**MLS52:** Aí eu lutei, lutei e venci, com a graça de Deus né, com o Espírito Santo sempre na frente, que eu sou uma pessoa que assim, sou movida pelo Espírito Santo. Ele é que dirige a minha vida. Aí então tudo contornou e fiquei aqui, fiz a pedagogia também né, com muita dificuldade, na base da carona, que hoje tem ônibus né, antes não tinha. Eu fiz e tinha mais uma colega minha também e aposentei na supervisão da escola. Trabalhei também um tempo como coordenadora lá na Escola Jerônimo Pontelo né, que era a antiga Escola Febem, prestei serviço lá então... Eu formei com aquela paixão pelo magistério sabe, porque eu amei de paixão. Eu não tinha preocupação com horário, graças a Deus. Pra mim atividade extra classe né, eu fazia demais com meus alunos, então eu, a minha vida profissional foi uma vida, uma profissão de amor, graças a Deus (tosse). Então assim é.... eu sempre deito tran, tenho muita saudades, deito e durmo tranquila quando eu me lembro assim, porque na minha consciência eu, o que eu aprendi né, a cumprir com os meus deveres e a trabalhar com amor e vocação eu procurei colocar em prática, graças a Deus (pois é) e graças às orientações dessa escola,

porque eu entrei eu tinha muita dificuldade que eu, era estudo de roça, professora né, que as minhas professoras até o terceiro ano era professora que tinha também só o terceiro ano primário. Então ela dava aquilo que ela tinha né. Então eu entrei e a escola tinha um regulamento rígido né, apertado, então tive dificuldade pra aprender, mas eu achei muito assim ajuda de colega né, então graças a Deus eu consegui formar sem repetir ano.

**Renata:** Que bom, isso que é, tá vendo, aluna exemplar, é bom é assim.

**MLS52:** É, graças a Deus.

**Renata:** E como que a senhora entrou pra escola de Conselheiro? Como que a senhora ficou sabendo da escola?

**MLS52:** Foi através de um vereador, aquele, daquela família Machado, Joaquim Machado. Não sei se é do seu tempo, cê parece ser bem mais nova do que eu.

**Renata:** Sou, mas esse pessoal de nome eu conheço bem. Esse Joaquim Machado inclusive era parente do meu pai também.

**MLS52:** era né? Então ele era vereador aqui, na época, que era quatro ano né? Então eu fui. Ele que me encaminhou porque assim, eu saí da quarta série, eu fiz quarta série aqui, saí bem. Então eles queriam que eu fosse dar aula lá e eu tava assim muito nova e o meu pai não deixou. Então ele falou assim “não, eu quero que ela estuda. Ela pode ir pra lá, ser professora lá ou em qualquer lugar, mas ela tem que preparar. Enquanto ela estuda ela vai ganhar a experiência né e vai ganhar conhecimento e vai pra lá preparada. Mas assim, ela novinha, com curso primário só, eu não deixo ela ir não.” Então aí, ele propôs então conseguir pra mim, pra eu estudar lá. Descobriu lá né, político descobre tudo. Então ele mesmo fez contato e eu fui. E ainda eu fiz até, já tinha passado a época dos exames né, que tinha o tal do exame de admissão. Aí foi eu e mais algumas alunas de zona rural mesmo, então ela repetiu pra nós a prova em Diamantina. Aí fui aprovada, fui e com muita dificuldade mas a luz do Espírito Santo eu consegui vencer todas as dificuldades, com ajuda de colegas, dos professoras né também, que lá só entrou professor bom, graças a Deus. Nem sei mais como que é lá, tenho vontade de voltar lá, mas acho que lá tá, tá, parece que lá não funciona nada não né?

**Renata:** Funciona

**MLS52:** Funciona?!



**Renata:** Fala pra nós a respeito da lojinha escolar, da cooperativa, é.. essas coisas assim que não eram funç, não eram das aulas, mas que eram atividades que vocês também tinham que dar conta.

**MLS52:** É, tinha. Era até com as alunas mesmo né. Então a cooperativa tinha aquele sentido mais assim da gente, como uma complementação, uma atividade de complementação pra gente, mais pra levar a prática né, então a gente comprava o material e revendia lá, tudo assim, não tinha é.., como diz, é.. não por efeito lucrativo não, mas como pedagógico mesmo né.

**Renata:** E essa cooperativa era o mesmo sentido da lojinha escolar ou tinha alguma diferença?

**MLS52:** Na época, na minha época era a cooperativa né. Assim como tinha o clube agrícola né, que a gente é, as coisas lá era tudo valorizada né, e tinha as reuniões todas com ata, com tudo programado, presidido pelas alunas né. Então a gente tinha a horta né, produção agrícola, era tudo assim, é.. ia pra cozinha, ia com aquele valor né, tudo para noção de aprendizagem. O objetivo (raspa garganta) era exatamente melhorar o desempenho dos alunos para a vida prática.

**Renata:** D. MLS52, nós descobrimos também um detalhe nos diários que vocês sempre relatavam assim: hoje era dia de pesagem. É.. a primeira turma, não se pegou a senhora, é.. tem uns relatos lá duma pesagem e que até que vocês iam num armazém pra poder pesar porque na escola não tinha balança ainda. A senhora sabe o porque dessa pesagem? Chegou alguma vez o motivo que D. Lidimanha pedia que vocês pesassem, medissem, alguma coisa assim? A senhora lembra?

**MLS52:** Pesagem de quê, de?

**Renata:** De peso mesmo, vocês iam pesar, na balança

**MLS52:** pesagem

**Renata:** É, a senhora ia pesar

**MLS52:** Ah, a gente ia pra saber o peso né?

**Renata:** É

**MLS52:** É.. porque ela, tudo lá era assim, a alimentação era bem controlada né, então ela, pra acompanhamento de saúde, igual a gente faz aí na Pastoral da Criança né, que as crianças são pesadas. Pra ela ver, porque a gente tava em adolescência então, pra ver se tava ganhando peso, perdendo peso, pra ver se precisava de acompanhamento médico, se precisava de rever a parte de alimentação né. Porque ela era muito rígida nesse sentido, o dia que não tinha carne na cidade, ela chorava sabe, porque ela fazia questão de uma alimentação eficiente.

**Renata:** Que bom.

**Renata:** Tinha alguém lá que cuidava assim só dessa parte de, por exemplo, de montar os cardápios, porque lá tem né, cardápios. Todos definidos, tudo que tinha comido no dia, as horas. Direitinho. Tinha alguém que montava isso por dia, a senhora sabe?

**MLS52:** Quem montava o cardápio era as alunas. Recebia as orientações né, da da.., de uma alimentação balanceada, agente tinha aquela noção, aprendia e a gente, era no último ano, a turma sempre do último ano, a turma que estava na frente, é que montava o cardápio. Cada dia era uma que montava o cardápio

**Renata:** Que interessante.

**MLS52:** A gente escrevia o cardápio, tinha lá a listagem né, bem como a ajuda na cozinha, pra prestar serviço, servir as mesas. Tudo era, éramos nós que fazíamos. (olhos marejados)

**Renata:** Que bom né, assim, então realmente assim eu, eu fico encantada de de, que estou mais... gostando nessas entrevistas é, o tamanho do sentimento de saudade, tanto de sentimento assim, de amor, que todas as alunas despertaram na escola. Todo mundo que você conversa assim, mais tempo, que você vai entendendo como que era o funcionamento, nossa!! Todo mundo assim tem, demonstra assim o maior carinho, o maior amor pela escola, né?!

**MLS52:** Mais era. Eu mesmo, assim quando entrava férias eu ficava “ô meu Deus, que pena, vou deixar a escola” (risada). No último ano a gente já tinha que sair de lá com o material prontinho né. A tabuada, os fatos fundamentais tinha os cartõezinhos, então a gente tinha que fazer esse material todo, tinha os carimbo, tinha tudo, tinha a sala própria. Então pra turma grande pra dar conta de, de todos né, dar conta no tempo certo, então sempre ficava umas pra trás. Eu gostava quando eu ficava lá mais dias (riso), ficava duas, três mais ou menos assim, a gente ficava ali e..e.. desenvolvendo os trabalhos e..e.. tinha o diário também né, cada dia uma fazia, pra ver o quê que tava fazendo né, o quê que tava acontecendo na escola, porque que estava lá. Então montava o pré livro né, naquela época que tinha pré livro eu me lembro,

nossa turma foi “Os três porquinhos”. Todo com o desenho, com a pintura, tudo direitinho e a.., os textos todos batido com carimbo, cada letra, demorava né, demorava pra fazer. Então a gente às vezes ficava lá atrasada, depois de férias, mais não podia sair de lá sem trazer (engasgou) o material (material). No último ano não podia né.

**Renata:** É? Que bom!

**MLS52:** Mas foi um tempo, era assim, muita saudade viu que a gente tem de lá e um agradecimento muito grande né, pela nossa passagem lá e eu acho que foi muito gratificante na vida da gente e ajudou muito a gente a viver cá fora né.

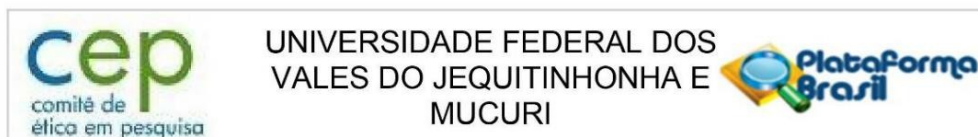
**Renata:** Com certeza, foi um aprendizado de vida né?

**MLS52:** Foi, foi muito bom.

**Renata:** Que ótimo.

**MLS52:** Então né, a gente tinha teoria né, na área da saúde, nos cuidados com a saúde, com a alimentação e na época nossa, que a gente tava vendo essa programação, tinha uma criança né, de família muiiito pobre, vizinha lá da escola. Então a criança tava no último grau de desnutrição, então a nossa turma é, assumiu a responsabilidade de cuidar dessa criança, de recuperar. Ensinar a família demonstrando né, para ele ver o resultado do nosso trabalho. Então cada semana é duas alunas eram encarregadas de preparar a sopinha, porque a criança ainda tava na idade da da da de alimentação assim mais, mais fraquinha, de sopa né, mais é light como diz hoje. Então a gente preparava essa sopinha e antes da gente almoçar e jantar a gente ia lá e levava essa sopinha e a criança recuperou e a família aprendeu, com a nossa prática, com a orientação que a gente dava e com a prática e a criança recuperou. Então ele é... tinha a maior loucura com a gente, foi crescendo naquela amizade, a gente sempre lá visitando sabe? Ficamos muito amigas da família e a criança, eu não me lembro mais o nome da criança, não sei se era um tal de Zezinho num sabe? (risos) Hoje deve tá velho né? Então foi muito gratificante né, a gente ver essa experiência numa família lá fora né, fora da teoria.

## ANEXO I – PARECER COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O COTIDIANO DAS INTERNAS DA ESCOLA NORMAL RURAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA NA DÉCADA DE 50 - BUSCA POR QUESTÕES DE SAÚDE NO APRENDIZADO

**Pesquisador:** RENATA MARIA MOREIRA DA SILVA CORDEIRO

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 16977619.3.0000.5108

**Instituição Proponente:** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

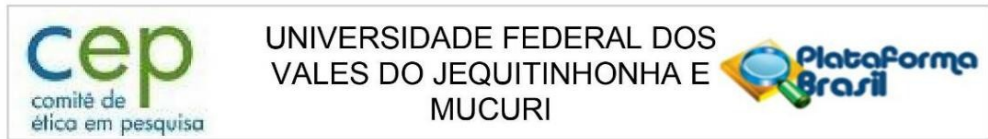
#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.516.550

#### Apresentação do Projeto:

O estudo visa descobrir as formas de transmissão e aprendizado das práticas de saúde no contexto da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, distrito de Conselheiro Mata, município de Diamantina, na década de 50, além das práticas pedagógicas utilizadas na época, consideradas como inovadoras. Será realizada uma busca com as palavras-chave: Formação de professor; Política de educação rural; Escola normal rural; Saúde da população rural, saberes, cuidados em saúde, em sites e repositórios institucionais (UFMG e UFVJM). Serão pontuados os acontecimentos políticos que estimularam a reestruturação da educação rural no país como também as estratégias utilizadas na formação das professoras rurais no sentido de instrumentalizá-las para que pudessem intervir nos modos de vida da população rural. Questões relativas à renovação teórica e instrumental na formação do professor primário para o meio rural, à identificação e compreensão das relações entre práticas tradicionais e práticas escolares de saúde das populações rurais e às práticas de escrita por meio da análise dos diários produzidos na escola, também serão abordadas na pesquisa. Será feito também, por meio de entrevistas semiestruturadas com as ex-alunas, que estudaram na referida época, o levantamento de dados referentes aos aspectos socioculturais, vivência e cotidiano na escola e comunidade, assim como questões relacionadas à formação e aprendizagem em saúde.

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000  
**Bairro:** Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000  
**UF:** MG **Município:** DIAMANTINA  
**Telefone:** (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep.secretaria@ufvjm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.516.550

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Investigar questões de saúde no aprendizado das alunas da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza.

Objetivo Secundário:

Realizar o levantamento da história da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza;

Conhecer o cotidiano das alunas por meio da leitura dos diários;

Investigar as questões de saúde que envolviam a vida e o aprendizado das alunas por meio de entrevista semiestruturada.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Os riscos são mínimos. Contudo, poderão ocorrer constrangimentos durante as entrevistas, mas caso isso ocorra as participantes poderão se recusar a participar ou a responder algum questionamento das mesmas, sem nenhum prejuízo para sua relação com a pesquisadora e/ou com a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Pode haver o risco de desconforto, sendo este, minimizado pelo fato da participante ter o direito de escolha do local da realização da entrevista. Além disso, o risco de identificação do sujeito, REGISTROS E DIÁRIOS PESSOAIS, será minimizado pela utilização de códigos alfanuméricos para os participantes, não permitindo que pessoas externas à pesquisa identifiquem os entrevistados, as autoras dos diários e as citadas nos registros encontrados.

Benefícios:

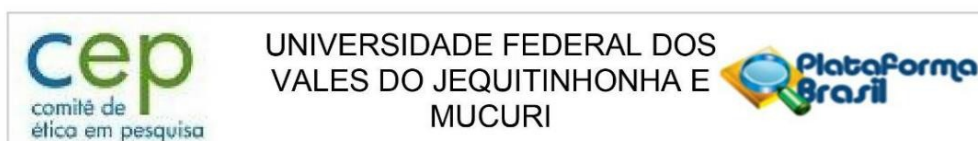
Não haverá benefícios diretos ou indiretos para as participantes da pesquisa.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Metodologia Proposta:

Será realizada uma busca histórico documental para contextualizar a criação e implantação da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza e as práticas pedagógicas desenvolvidas na mesma, na década de 1950, fazendo uma busca com as palavras-chave Formação de professor; Política de educação rural; Escola normal rural; Saúde da população rural, saberes, cuidados em saúde, em sites e repositórios institucionais (UFMG e UFVJM). Para conhecer o cotidiano das alunas,

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000  
**Bairro:** Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000  
**UF:** MG **Município:** DIAMANTINA  
**Telefone:** (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep.secretaria@ufvjm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.516.550

serão lidos todos os diários, remanescentes, que foram escritos na década de 50. Inicialmente será realizada uma leitura dinâmica, seguida de uma leitura analítica, sendo os temas mais abordados agrupados em categorias. Para investigação das questões de saúde que envolviam a vida e o aprendizado das alunas, será aplicada uma entrevista semiestruturada contendo além da identificação, 4 perguntas, uma para esclarecer a escolha e entender o cotidiano da escola, duas para saber sobre questões relativas ao aprendizado e à assistência à saúde, e uma para saber sobre a aplicabilidade do aprendizado na vida profissional. Serão aplicadas 10 entrevistas, cuja escolha da entrevistada será de forma aleatória dentro de cada ano, para abranger todo o período estudado. Todos os participantes serão abordados em sua própria residência, quando serão convidados a compor o estudo, e se, caso aceitarem, após a explicação dos passos da pesquisa, seus objetivos e justificativas, como também da garantia dos direitos de confidencialidade, da não divulgação da sua identidade e do voluntariado na participação, serão convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes serão entrevistados em locais de sua escolha, garantindo a sua privacidade. Na sequência será feita a entrevista. Os endereços e contatos das ex-alunas para serem convidadas a participar da pesquisa, serão levantados a partir dos registros escolares e de conversas com pessoas da comunidade e da escola.

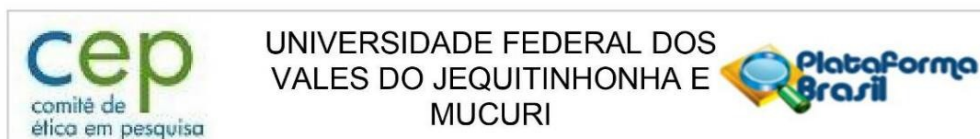
**Critério de Inclusão:**

Serão incluídas mulheres, ex-alunas da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, da década de 50, residentes em Diamantina e município no momento da entrevista, por facilidade de contato. A escolha das ex-alunas PARA PARTICIPAREM DAS ENTREVISTAS será de forma aleatória, ressaltando que serão somente aquelas que estiverem vivas, gozando de suas faculdades mentais e que aceitarem participar da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Serão também incluídos todos os diários pessoais encontrados, escritos pelas mulheres ex-alunas da escola, na década de 50 e todos os registros escolares existentes e legíveis até o ano de 1960

**Critério de Exclusão:**

Serão excluídas da pesquisa as mulheres, ex-alunas da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza, da década de 50, que não residirem no município de Diamantina e as que apresentarem doenças cerebrais degenerativas ou com lesões neurológicas relacionadas à linguagem, assim como qualquer outro tipo de acometimento que impeça a comunicação e estado de lucidez da mesma. Também serão excluídas aquelas que não aceitarem participar e não assinarem o Termo

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000  
**Bairro:** Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000  
**UF:** MG **Município:** DIAMANTINA  
**Telefone:** (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep.secretaria@ufvjm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.516.550

de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Serão excluídos todos os diários pessoais encontrados, escritos pelas mulheres ex-alunas da escola, na década de 50, e registros escolares que estiverem ilegíveis

**Metodologia de Análise de Dados:**

A partir da leitura dos documentos e referencial teórico, será feita uma reflexão e uma contextualização abordando a criação e implantação da Escola Normal Rural Dom Joaquim Silvério de Souza e as práticas pedagógicas utilizadas na época. Logo após será feita uma leitura dinâmica de todos os diários remanescentes que foram escritos na década de 50, seguida de uma releitura analítica, onde os temas mais abordados serão agrupados em categorias temáticas para posterior discussão. As entrevistas serão transcritas na íntegra e será feita a análise de conteúdo (Laurence Bardin, 2011) com roteiro de entrevista semiestruturada.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados: o Projeto de Pesquisa, Folha de Rosto, Roteiro de Entrevista, Cronograma e TCLE.

O TCLE está adequado (informações necessárias para os sujeitos da pesquisa, linguagem acessível e contato do CEP/UFVJM atualizado, conforme a Resolução 466/12).

A carta da Instituição Co-partícipe foi apresentada conforme Resolução 466/12.

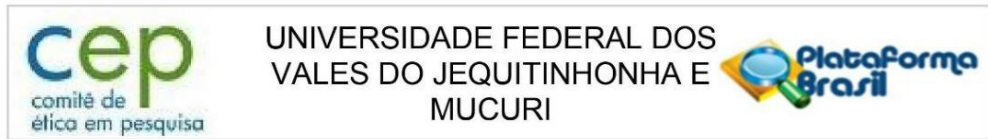
**Recomendações:**

- Segundo a Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS, de 21/03/11, no momento da obtenção do TCLE, há obrigatoriedade de rubrica em todas as páginas do mesmo, pelo sujeito de pesquisa ou seu responsável e pelo pesquisador. O pesquisador responsável deverá apor sua assinatura na última página do referido termo.

- O Relatório final deverá ser apresentado ao CEP ao término do estudo em 07/06/2020. Considera-se como antiética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou.

- Caso haja quaisquer intercorrências durante a execução do projeto de pesquisa é de

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000  
**Bairro:** Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000  
**UF:** MG **Município:** DIAMANTINA  
**Telefone:** (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep.secretaria@ufvjm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.516.550

responsabilidade do pesquisador responsável comunicá-la através de uma emenda ao CEP via Plataforma Brasil. Considera-se como antiética a pesquisa com modificações em seu protocolo inicial previamente aprovado sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto atende aos preceitos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos preconizados na Resolução 466/12 CNS.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1349111.pdf	05/08/2019 09:57:50		Aceito
Outros	COPART00.PDF	05/08/2019 09:56:03	RENATA MARIA MOREIRA DA SILVA CORDEIRO	Aceito
Outros	ROTEIRO.pdf	12/07/2019 11:31:25	RENATA MARIA MOREIRA DA SILVA CORDEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO2.pdf	12/07/2019 11:30:04	RENATA MARIA MOREIRA DA SILVA CORDEIRO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHAR00.PDF	12/07/2019 11:28:32	RENATA MARIA MOREIRA DA SILVA CORDEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	05/07/2019 16:19:24	RENATA MARIA MOREIRA DA SILVA CORDEIRO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	05/07/2019 16:18:25	RENATA MARIA MOREIRA DA SILVA CORDEIRO	Aceito

**Situação do Parecer:**

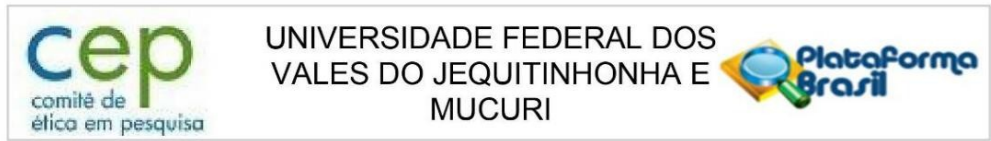
Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000  
**Bairro:** Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000  
**UF:** MG **Município:** DIAMANTINA  
**Telefone:** (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep.secretaria@ufvjm.edu.br





Continuação do Parecer: 3.516.550

DIAMANTINA, 19 de Agosto de 2019

---

**Assinado por:**  
**Simone Gomes Dias de Oliveira**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000  
**Bairro:** Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000  
**UF:** MG **Município:** DIAMANTINA  
**Telefone:** (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep.secretaria@ufvjm.edu.br